

BLAKE PIERCE



RAZÃO

PARA

CORRER

UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO 2



RAZÃO PARA CORRER

(UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO 2)

BLAKE PIERCE

Blake Pierce

Blake Pierce é autor do bestseller RILEY PAGE, série de mistérios, que inclui os suspenses SEM PISTAS. Blake Pierce também é o autor das séries de mistérios MACKENZIE WHITE e AVERY BLACK.

ANTES QUE ELE MATE, livro nº1 da série de enigmas Mackenzie White, está disponível no [Amazon!](#)

SEM PISTAS (livro nº 1), que tem mais de 100 avaliações com cinco estrelas, está disponível como um [download gratuito no Amazon!](#)

Um leitor ávido e fã de longa data dos gêneros de mistério e suspense, Blake ama ouvir opiniões. Então, por favor, sintá-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e manter-se em contato.

Copyright © 2016 by Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido na Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos (US. Copyright Act of 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma e por motivo algum, ou colocada em um sistema de dados ou sistema de recuperação sem permissão prévia do autor. Este ebook está licenciado apenas para seu aproveitamento pessoal. Este ebook não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este ebook com outra pessoa, por favor compre uma cópia adicional para cada beneficiário. Se você está lendo este ebook e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para uso pessoal, então por favor devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho árduo do autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e acontecimentos são obras da imaginação do autor ou serão usadas apenas na ficção. Qualquer semelhança com pessoas de verdade, em vida ou falecidas, é totalmente coincidência. Imagem de capa: Copyright miljko, usada sob licença de iStock.com.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE MISTÉRIOS RILEY PAGE

SEM PISTAS (Livro 1)

ACORRENTADAS (Livro 2)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)

MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)

ÍNDICE

PRÓLOGO
CÁPITULO UM
CÁPITULO DOIS
CÁPITULO TRÊS
CÁPITULO QUATRO
CÁPITULO CINCO
CÁPITULO SEIS
CÁPITULO SETE
CÁPITULO OITO
CÁPITULO NOVE
CÁPITULO DEZ
CÁPITULO ONZE
CÁPITULO DOZE
CÁPITULO TREZE
CÁPITULO QUATORZE
CÁPITULO QUINZE
CÁPITULO DEZESSEIS
CÁPITULO DEZESSETE
CÁPITULO DEZOITO
CÁPITULO DEZENOVE
CÁPITULO VINTE
CÁPITULO VINTE E UM
CÁPITULO VINTE E DOIS
CÁPITULO VINTE E TRÊS
CÁPITULO VINTE E QUATRO
CÁPITULO VINTE E CINCO
CÁPITULO VINTE E SEIS
CÁPITULO VINTE E SETE
CÁPITULO VINTE E OITO
CÁPITULO VINTE E NOVE
CÁPITULO TRINTA
CÁPITULO TRINTA E UM
CÁPITULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE
EPÍLOGO

PRÓLOGO

Ele estava abaixado na sombra da cerca de um estacionamento, olhando para o prédio de tijolos de três andares do outro lado da rua. Imaginou que era hora do jantar, um momento em que as famílias estariam reunidas, rindo e contando as histórias do dia.

Histórias, ele zombou. Histórias eram para os fracos.

O assovio quebrou seu silêncio. O assovio *dela*. Henrietta Venemeer assoviava enquanto caminhava. *Tão feliz*, ele pensou. *Tão distraída*.

Sua raiva aumentou quando a viu. Uma raiva ardente, que tomou conta de todo seu campo de visão. Ele fechou os olhos e respirou fundo para que a raiva parasse. Remédios costumavam ajudá-lo com a raiva. Eles o acalmavam e mantinham sua mente clara e despreocupada. Agora, porém, até as drogas falharam. Ele precisava de algo maior para ajudá-lo a balancear sua vida.

Algo cósmico.

Você sabe o que tem que fazer, lembrou a si mesmo.

Ela era uma mulher delicada e mais velha, com cabelos vermelhos e um ar de autoconfiança que a rodeava em todos os momentos: seu quadril balançava como se ela estivesse dançando uma música interna, e havia um movimento notável em seus passos. Ela trazia uma bolsa de besteiras comestíveis e estava indo diretamente em direção ao prédio de tijolos naquela parte esquecida do leste de Boston.

Vá agora, ele ordenou a si mesmo.

Assim que ela chegou à porta do prédio e estava procurando pelas chaves, ele deixou seu esconderijo e atravessou a rua lentamente.

Ela abriu a porta do prédio e entrou.

Antes que a porta batesse, ele colocou seu pé na entrada. A câmera que vigiava o hall de entrada havia sido desligada mais cedo: ele havia aplicado um spray nas lentes para escurecer as imagens, mas ainda assim dar a impressão de que a câmera estivesse funcionando. A segunda porta do hall havia sido quebrada, também, na fechadura de fácil violação.

Ela seguia assoviando quando desapareceu em direção às escadas. Ele caminhou prédio adentro para segui-la, evitando outras câmeras e a desconfiança de pessoas na rua, que pudessem estar olhando de outros prédios. Tudo fora investigado mais cedo, e o momento de seu ataque fora alinhado com o universo.

Assim que ela chegou ao terceiro andar, para destravar a porta principal, ele estava atrás dela. A porta abriu e, assim que ela entrou no apartamento, ele a segurou pelo queixo e fechou sua boca com a mão, abafando seus gritos.

Depois, ele entrou no apartamento e fechou a porta atrás de si.

CÁPITULO UM

Avery Black tirou do estacionamento seu novo carro, um Ford conversível, estilo policial, preto, de quatro portas, e sorriu para si mesma. O cheiro de carro novo e a sensação do volante em suas mãos lhe deram um sentimento de alegria, de recomeço. A velha BMW branca, que ela havia comprado em seu tempo de advogada e que a lembrava constantemente de sua vida antiga, já não existia.

Uhul, ela comemorou internamente, como fazia quase todas vezes em que sentava atrás daquele volante. O carro novo não tinha apenas vidros escuros, acabamento em preto e bancos de couro, mas era também totalmente equipado com case para arma, computador no painel e luzes de polícia nas grades, janelas e retrovisores. Melhor ainda, quando as luzes azuis e vermelhas estavam desligadas, o carro se parecia a qualquer outro veículo na estrada.

De fazer inveja a qualquer tira, pensou.

Ela fora buscar um parceiro. Dan Ramirez, às oito em ponto. Como sempre, o look dele estava perfeito: cabelos negros penteados para trás, pele bronzeada, olhos escuros, vestido com as roupas mais chiques. Usava uma camisa amarelo-canário sob uma jaqueta carmesim. Ele vestia uma calça carmesim, um cinto marrom claro e sapatos da mesma cor.

- Nós deveríamos fazer algo hoje à noite – ele disse. – Última noite do nosso cronograma de trabalho da semana. Pode ser quarta, mas parece sexta.

Ele sorriu calorosamente.

Como resposta, Avery piscou os olhos e lhe deu um rápido e amável sorriso, mas depois suas feições se tornaram ilegíveis. Ela focou na estrada e pensou internamente o que iria fazer sobre seu relacionamento com Dan Ramirez.

O termo “relacionamento” nem sequer era o mais apropriado.

Desde que ela matara Edwin Peet, um dos mais estranhos assassinos em série na história recente de Boston, seu parceiro havia deixado claro seus sentimentos, e Avery, em retorno, deixara-o saber que ela também poderia estar interessada nele. Aquela

situação não havia evoluído muito. Eles haviam jantado, trocado olhares apaixonados e se dado as mãos apenas algumas vezes.

Mas Avery estava preocupada sobre Ramirez. Sim, ele era lindo e respeitoso. Ele salvara sua vida após a queda de Edwin Peet e ficara ao lado dela praticamente o tempo todo durante sua recuperação. Ainda assim, ele era seu parceiro. Eles estavam lado a lado por cinco ou mais dias na semana, das oito da manhã às seis da tarde ou até mais, dependendo do caso. Além disso, Avery não sabia o que era um relacionamento há anos. Na única vez em que se beijaram, parecera que ela estava beijando seu ex-marido, Jack, o que fez com que Black imediatamente interrompesse o momento.

Ela olhou as horas no painel.

Eles não estavam nem cinco minutos no carro e Ramirez já estava falando sobre jantar. *Você tem que falar com ele sobre isso*, ela se deu conta.

Assim que foram chegando ao escritório, Avery escutou o rádio da polícia, como fazia todos os dias. De repente, Ramirez sintonizou uma estação de jazz, e eles seguiram algumas quadras escutando jazz misturado com o operador da polícia detalhando várias atividades ao redor de Boston.

- Sério mesmo? – Avery perguntou.

- O que?

- Como eu vou conseguir curtir a música e ouvir as chamadas? É confuso. Por que temos que escutar os dois ao mesmo tempo?

- Ok, tudo bem – ele disse com um falso desapontamento, - mas nós vamos ter que escutar minha música em alguma hora do dia. Ela me deixa calmo e tranquilo, sabe?

Não, Avery pensou. *Não sei*.

Ela odiava jazz.

Felizmente, uma ligação no rádio a salvou.

- Temos um dez-dezesesseis, dez-trinta-e-dois em andamento na East Fourth Street fora de Broadway – disse uma voz feminina estridente. – Não houve tiros. Algum carro na redondeza?

- Abuso doméstico - disse Ramirez – o cara está com uma arma.

- Estamos perto – Avery respondeu.

- Vamos lá.

Ela deu a volta no carro, acendeu as luzes e ligou o receptor.

- Aqui é Detetive Black, - ela disse e passou o número de seu distintivo. – Estamos a três minutos do local. Vamos atender o chamado.

- Obrigada, Detetive Black – a mulher respondeu, e em seguida passou o endereço, número do apartamento e demais informações.

Uma das muitas coisas que Avery amava em Boston eram as casas. Pequenas, a maioria de dois ou três pisos, com estruturas uniformes que davam à cidade essa sensação comum. Ela virou à esquerda na Fourth Street e seguiu para o destino.

- Isso não significa que nós vamos ficar de fora do que foi programado – ela insistiu.

- Claro que não. – Ramirez encolheu os ombros.

O tom de voz dele, no entanto, junto com sua atitude e os papéis bagunçados em sua própria mesa fizeram Avery pensar se aquele caso logo cedo teria sido a melhor decisão.

Não foi preciso muito trabalho de detetive para descobrir qual era a casa em questão. Um carro de polícia, junto com um pequeno amontoado de pessoas escondidas atrás de algo, rodeavam a casa azul com persianas da mesma cor e teto preto.

Um homem latino estava em pé no gramado frontal, de samba canção e regata. Em uma mão, ele segurava o cabelo de uma mulher que estava de joelhos e chorando. Na outra mão, ele apontava uma arma para as pessoas, a polícia e a mulher.

- *Para trás porra!* – Ele gritou. – Todos vocês, vocês aí! – Ele apontou sua pistola em direção a um carro estacionado. – Saiam de perto do carro! Pare de chorar! – Gritou para a mulher. – Se você continuar chorando, vou estourar sua cabeça só por me encher o saco.

Havia um policial em cada lado do gramado. Um tinha uma arma em punho. O outro estava com uma mão no cinto e uma palma para cima.

- Senhor, por favor largue sua arma.

O homem apontou a pistola para o policial.

- Que? Você quer fazer isso? – Ele disse. – Então atire em mim! Atire, filho da puta, e você vai ver o que acontece. Que se foda. Nós *dois* morremos.

- *Não atire, Stan!* – O outro policial gritou. – Todo mundo calmo. Ninguém vai matar ninguém hoje. Senhor, por favor, só—

- Pare de falar comigo porra! – O homem gritou. – Só me deixem sozinho. Essa é *minha* casa. Essa é *minha* esposa. Essa traidora do caralho! – Ele se irritou e colocou a boca de sua arma na bochecha dela. – Eu deveria limpar essa sua boca imunda!

Avery desligou suas sirenes e estacionou.

- Outro porra de policial!? – O homem esbravejou. – Vocês são como baratas. Tudo bem, - ele disse, calmo e determinado. – Alguém vai morrer hoje. Vocês não vão me prender. Então ou vocês vão para casa, ou alguém vai morrer.

- Ninguém vai morrer, – o primeiro policial disse, - por favor, Stan! *Abaixe sua arma!*

- Não mesmo. - O parceiro dele respondeu.

- *Porra, Stan!*

- Fique aqui - Avery disse para Ramirez.

- Nem fodendo! – Ele respondeu. – Sou seu parceiro, Avery.

- Ok, então. Mas escute, - ela disse, - tudo o que nós não queremos agora são mais dois policiais transformando isso aqui num banho de sangue. Fique calmo e faça o que eu disser.

- Que seria?

- Apenas me siga.

Avery saiu do carro.

- Senhor – ela disse ao policial – abaixe sua arma.

- Quem diabos é você?

- Isso, quem é você, porra? – o agressor Latino disse.

- Vocês dois têm que sair da área - Avery disse aos policiais. – Sou a Detetive Avery Black, do A1. Vou cuidar disso. Você também – ela disse a Ramirez.

- Você me disse para te seguir! – Ele gritou.

- Faça isso. Entre no carro. Todo mundo tem que sair daqui.

O policial com a arma cuspiu e balançou a cabeça.

- Burocracia de merda - ele disse. – O que? Só porque você está em alguns jornais você acha que é uma super tira ou algo assim? Bem, você quer saber? Eu gostaria de ver como você lida com isso, super tira. – Com seus olhos no criminoso, ele levantou sua arma e

caminhou para trás até ficar atrás de uma árvore. – Se vire. – Seu parceiro o seguiu.

Assim que Ramirez entrou no carro e os policiais estavam seguros, distantes de onde tiros poderiam chegar, Avery deu passos à frente.

O homem latino sorriu.

- Olhe só – ele disse e apontou sua arma. – Você é a tira do assassino em série, certo? Muito bem, Black. Aquele cara era louco pra cacete. Você o pegou. *Ei!* – Ele gritou para a mulher de joelhos. – Pare de se contorcer. Você não vê que eu estou tentando conversar?

- O que ela fez? – Avery perguntou.

- Essa puta fodeu com meu melhor amigo. Isso é o que ela fez. Não fez, vagabunda?

- Porra - Avery disse. – Isso é foda. Ela fez algo assim antes?

- Sim - ele admitiu. – Acho que ela traiu o ex comigo, mas porra, eu casei com essa puta! Isso tinha que valer algo, certo?

- Com certeza - Avery concordou.

Ele era magro, com o rosto fino e dentes faltando. Olhou para as pessoas, depois para Avery como uma criança culpada e sussurrou:

- Isso não parece bom, certo?

- Não - Avery respondeu. – Não é bom. Da próxima vez, você deveria dar um jeito disso na privacidade da sua casa. E sem barulho – ela disse calmamente e chegou mais perto.

- Por que você está chegando tão perto? – Ele disse com a sobrelanceira levantada.

Avery encolheu os ombros.

- É meu trabalho – ela disse como se isso fosse algo ruim. – Sabe de algo? Você tem duas escolhas. Uma: Você vem comigo na boa. Você já está ferrado. Muito barulho, muito público, muitas testemunhas. Pior cenário? Ela presta queixa e você tem que arrumar um advogado.

- Ela não vai prestar porra de queixa nenhuma – ele disse.

- *Não vou amor, eu prometo!* – A mulher jurou.

- Se ela *não* prestar queixas, então teremos um ataque grave, prisão com resistência e outras infrações menores.

- Vou ter que ficar preso algum tempo?

- Você já foi preso antes?
- Sim - ele admitiu. – Cinco anos de condicional por tentativa de homicídio culposo.
- Qual seu nome?
- Fernando Rodriguez.
- Você ainda está em condicional, Fernando?
- Não, terminou duas semanas atrás.
- Ok - ela pensou por um momento. – Então você provavelmente vai ter que ficar preso até as coisas se ajeitarem. Talvez um mês ou dois.

- *Um mês?*
- Ou dois - ela repetiu. – Vamos lá. Vamos ser honestos. Depois de cinco anos? Isso não é nada! Da próxima vez você resolve isso em local privado.

Ela estava bem em frente a ele, perto o suficiente para desarmá-lo e libertar a vítima, mas ele já estava se acalmando. Avery havia visto pessoas como ele antes, quando lidava com as gangues de Boston. Homens que foram maltratados por tanto tempo que a menor infração poderia explodi-los. No fim das contas, porém, quando ganhavam uma chance para relaxar e pensar sobre suas situações, suas histórias eram sempre as mesmas: eles só queriam ser confortados, ajudados e sentirem que não estavam sozinhos no mundo.

- Você era advogada, não era? – O homem disse.
- Sim - ela concordou. – Mas depois eu cometi um erro estúpido e minha vida se tornou uma merda. Não seja como eu - ela alertou. – Vamos acabar com isso agora.

- E ela? – Ele apontou para sua esposa.
- Por que você iria querer estar com alguém como ela? – Avery perguntou.

- Eu a amo.
Avery sugou seus lábios e o desafiou com um olhar.

- Isso parece amor?
A pergunta pareceu tão sincera que o irritou. Com a sobrancelha enrugada, ele olhou para Avery, para sua mulher e para Avery novamente.

- Não - ele disse e abaixou sua arma. – Isso não pode ser amor.

- Vou te dizer algo - Avery falou. – Me dê essa arma e deixe esses caras te levarem na boa e eu te prometo algo.

- O que?

- Prometo que vou ficar de olho e assegurar que você seja bem tratado. Você não parece um cara do mal para mim, Fernando Rodriguez. Apenas parece que você teve uma vida difícil.

- Você não sabe nem a metade – ele disse.

- Não – ela concordou. Eu não sei.

Ela estendeu uma mão.

Ele libertou a refém e entregou a arma. No mesmo momento, sua mulher rolou pelo gramado e correu para um lugar seguro. O policial agressivo que estava preparado para atirar caminhou para frente com um olhar cínico de inveja.

- Eu levo ele – disse com sarcasmo.

Avery o olhou no olho.

- Faça um favor para mim - ela sussurrou. – Pare de agir como se você fosse melhor do que as pessoas que você prende e trate ele como um ser humano. Isso vai ajudar.

O policial ficou vermelho de raiva e parecia pronto para explodir e destruir o clima de tranquilidade que Avery havia criado. Felizmente, o segundo policial alcançou o homem latino primeiro e o segurou com cuidado. – Vou algemá-lo agora - ele disse calmamente. – Não se preocupe, eu vou assegurar que você seja tratado bem. Tenho que citar seus direitos para você. Tudo bem: Você tem o direito de ficar em silêncio...

Avery recuou.

O agressor latino olhou para cima. Os dois trocaram olhares por um momento. Ele assentiu em agradecimento, e Avery respondeu. – Tudo o que eu disse é verdade – ela reiterou antes de virar-se para sair.

Ramirez estava com um sorriso largo no rosto.

- Porra, Avery. Isso foi sexy!

O flerte incomodou Black.

- Eu fico nervosa quando tiras tratam suspeitos como animais - ela disse e se virou para assistir à prisão. – Aposto que metade dos tiros de Boston poderiam ser evitados com um pouco de respeito.

- Talvez se houvesse uma comissária mulher como você no comando – ele brincou.

- Talvez – ela respondeu e pensou seriamente no assunto.

Seu walkie-talkie chamou.

Eles ouviram a voz do capitão O'Malley.

- Black - ele disse. – Cadê você?

Ela atendeu.

- Aqui, capitão.

- Deixe seu telefone ligado a partir de agora - ele disse. –

Quantas vezes eu tenho que te dizer isso? E venha para a Boston Harbor Marina, na Marginal Street, no Leste. Temos algo aqui.

Avery franziu a testa.

- Esse lugar não é território da Boston A7? – Ela perguntou.

- Esqueça isso - ele disse. – Pare o que você estiver fazendo e venha para cá o mais rápido possível. Temos um assassinato.

CAPÍTULO DOIS

Avery chegou ao Boston Harbor & Shypyard pelo Callahan Tunnel, que conectava o norte ao leste de Boston. A marina ficava na Marginal Street, à beira d'água.

O local estava lotado de policiais.

- Cacete! – Ramirez disse. – Que porra aconteceu aqui?

Avery entrou vagarosamente na marina. Os carros de polícia estavam estacionados em uma fila que se formou acidentalmente, junto com uma ambulância. Muitas pessoas que queriam usar seus barcos naquela manhã de sol brilhante conversavam entre si, perguntando-se o que deveriam fazer.

Ela estacionou e os dois saíram do carro mostrando seus distintivos.

Após o portão e prédio principais havia uma grande doca. Dois píeres estavam projetados em forma de V. A maioria dos policiais estava agrupada no fim da primeira doca.

Ao longe, estava o Capitão O'Malley, vestido de terno preto e gravata. Ele estava em uma discussão profunda com outro homem com uniforme de policial. Pelas duas linhas em seu peito, Avery imaginou que o outro cara fosse o capitão do A7, que cuidava da parte leste de Boston.

- Olhe esse cara. – Ramirez apontou para o homem uniformizado. Ele está vindo de uma cerimônia ou algo assim?

Agentes do A7 os olharam de cara feia.

- O que o A1 está fazendo aqui?

- Voltem para o norte! – Outro gritou.

O vento batia no rosto de Avery enquanto ela caminhava pelo píer. O ar estava salgado e ameno. Ela apertou sua jaqueta em volta da cintura para que não voasse. Ramirez estava com problemas com as rajadas intensas, que insistiam em bagunçar seu cabelo, perfeitamente penteado.

As docas se projetavam em ângulos perpendiculares em um lado do píer, e cada uma delas estava lotada de barcos. No outro lado, também havia embarcações alinhadas: jet-skis, barcos de navegação caríssimos e iates gigantes.

Uma doca separada formava um T com o final do píer. Um único iate branco, de tamanho médio, estava ancorado ali no meio. O'Malley, o outro capitão e dois oficiais conversavam enquanto a equipe forense investigava o barco e tirava fotos.

O'Malley estava com o visual bruto de sempre: cabelo curto e preto e um rosto que parecia de um ex-boxeador, arranhado e enrugado. Seus olhos estavam meio fechados, como sempre, e ele parecia aborrecido.

- Ela chegou. Deem uma chance.

O outro capitão tinha um jeito imponente: cabelo grisalho, rosto fino e um olhar soberbo sob uma sobrancelha enrugada. Ele era muito mais alto que O'Malley e parecia um pouco contrariado por O'Malley ou qualquer pessoa de fora de sua equipe estar invadindo seu território.

Avery balançou a cabeça em cumprimento a todos.

- Como vai, Capitão?

- Isso é uma festa ou o que? – Ramirez sorriu.

- Tire esse sorriso da cara – o capitão imponente disse. – Essa é a cena de um crime, jovem, e eu espero que você a trate como tal.

- Avery, Ramirez, esse é o Capitão Holt do A7. Ele foi bondoso o suficiente para—

- Bondoso é o caralho! – Ele gritou. – Eu não sei qual é o showzinho do prefeito, mas se ele acha que pode se intrometer na minha divisão, ele está muito enganado. Eu te respeito, O'Malley. Nós nos conhecemos há muito tempo, mas isso é algo sem precedentes e você sabe. Como você se sentiria se eu entrasse no A1 e começasse a dar ordens?

- Ninguém está se metendo em nada – O'Malley disse. – Você acha que eu gosto de fazer isso? Nós temos trabalho suficiente na nossa área. O prefeito ligou para nós dois, não ligou? Eu tinha uma programação totalmente diferente para hoje, Will, então não aja como se eu estivesse tentando roubar seu poder.

Avery e Ramirez trocaram um olhar.

- Qual é a situação? – Avery perguntou.

- Ligaram essa manhã. – Holt disse e apontou para o iate. – Uma mulher foi encontrada morta naquela embarcação. Foi identificada como uma vendedora de livros local. Tem uma livraria de

publicações espirituais na Summer Street há pelo menos quinze anos. Sem registros. Aparentemente nada suspeito sobre ela.

- A não ser pela maneira em que ela foi assassinada. – O'Malley interrompeu. – O Capitão Holt estava tomando café da manhã com o prefeito quando a chamada chegou. O prefeito decidiu que queria vir até aqui e ver ele mesmo.

- A primeira coisa que ele disse foi 'Por que nós não chamamos a Avery Black para esse caso' – Holt concluiu olhando Avery com raiva.

O'Malley tentou acalmar a situação.

- Não foi o que você me disse, Will. Você disse que seus homens vieram e não entenderam a cena que estavam vendo, então o prefeito *sugeriu* que você chamasse alguém com experiência nesse tipo de caso.

- Que seja – Holt disse e levantou o queixo.

- Dê uma olhada – O'Malley falou, apontando para o iate. – Veja o que você encontra. Se ela não achar nada, - ele disse a Holt – nós vamos embora. Não parece justo?

Holt caminhou em direção a seus dois outros detetives.

- Aquele dois são do Esquadrão de Homicídios dele – O'Malley indicou. – Não olhe para eles. Não fale com eles. Não os irrite. Essa é uma situação policial muito delicada. Apenas fique de boca fechada e me diga o que você encontrar.

Ramirez espantou-se quando eles caminharam até o iate.

- É uma embarcação e tanto – ele disse. – Parece um Sea Ray 58 Sedan Bridge. Dois andares. Sombra em cima, ar condicionado dentro.

Avery impressionou-se.

- Como você sabe tudo isso? – Perguntou.

- Gosto de pescar – ele respondeu. – Nunca pesquei em algo assim antes, mas podemos sonhar, certo? Eu deveria te levar para conhecer meu barco qualquer hora.

Avery nunca gostou muito do mar. Praia, às vezes. Lagos, com certeza. Mas embarcações a motor e mar aberto? Davam ataques de pânico. Ela havia nascido e crescido em terra firme, e a ideia de estar balançando nas ondas, sem ideia do que poderia estar à

espreita no fundo das águas, fazia sua mente ter pensamentos terríveis.

Holt e seus dois detetives ignoraram Avery e Ramirez quando eles passaram e se prepararam para entrar no barco. Um fotógrafo na proa fez um último clique e acenou para Holt. Ele caminhou até a embarcação a estibordo e levantou suas sobrancelhas para Avery.

- Você nunca mais vai olhar para um iate do mesmo jeito – brincou.

Uma escada portátil branca levava ao barco. Avery subiu, colocou suas mãos nas janelas pretas e foi em direção à parte frontal.

Uma mulher de meia idade e aparência santa com cabelo vermelho selvagem havia sido posicionada na parte frontal da embarcação, ao lado das luzes laterais da proa. Ela estava deitada, virada para o leste, com suas mãos presas aos joelhos e cabeça baixa. Se ela estivesse sentada, poderia parecer adormecida. Estava completamente nua, e o único ferimento visível era uma linha escura em volta do pescoço. *Ele quebrou*, Avery pensou.

O que fazia a vítima destacar-se, além da nudez e da apresentação pública de sua morte, era sua sombra. O sol estava no leste. Seu corpo estava ligeiramente posicionado para cima, e isso produzia uma imagem de espelho dela que formava uma sombra longa e deformada.

- Caralho! – Ramirez suspirou.

Como fazia quando limpava sua casa, Avery abaixou-se e olhou para a proa. A sombra poderia ser uma coincidência ou um sinal com algum sentido deixado pelo assassino, e se ele tivesse deixado um sinal, poderia ter deixado outro. Ela seguiu para o outro lado.

No brilho do sol, na superfície branca da proa, logo acima da cabeça da mulher, entre o corpo e a sombra, Avery viu uma estrela. Alguém havia usado os dedos para desenhar um estrela, com saliva ou água do mar.

Ramirez chamou O'Malley.

- O que os peritos dizem?

- Encontraram alguns pelos no corpo. Podem ser de carpete. A outra equipe ainda está no apartamento.

- Que apartamento?

- O apartamento dela – O'Malley respondeu. – Acreditamos que ela foi raptada lá. Não há digitais em nenhum lugar. O cara devia estar usando luvas. Como ele trouxe ela para cá, em uma doca muito visível, sem ninguém ver, não sabemos. Ele escureceu algumas das câmeras da marina. Deve ter feito isso antes do crime. Ela foi morta possivelmente ontem à noite. O corpo não parece molestado, mas o coronel tem que dar a última palavra.

Holt riu.

- Isso é perda de tempo – ele disse a O'Malley. – O que essa mulher poderia encontrar que meus homens já não teriam descoberto? Eu não estou nem aí para o último caso dela *ou* sua imagem pública. Até onde eu sei ela é só uma advogada acabada que deu sorte em seu primeiro caso importante porque um assassino em série, *que ela defendeu no tribunal, a ajudou!*

Avery levantou-se, inclinou-se sobre a grade e olhou para Holt, O'Malley e os outros dois detetives na doca. O vento batia em sua jaqueta e suas calças.

- Vocês viram a estrela? – Ela perguntou.

- Que estrela? – Holt respondeu.

- O corpo dela está virado de lado e para cima. Na luz do sol, isso cria a sombra de uma imagem com a forma dela. Muito raro. Parece quase como se fossem duas pessoas, de costas uma para a outra. Entre o corpo e a sombra, alguém desenhou uma estrela. Pode ser uma coincidência, mas o local é perfeito. Talvez podemos ter sorte se o assassino desenhou com saliva.

Holt virou-se para um de seus homens.

- Você viu uma estrela?

- Não, senhor. – Respondeu um homem magro, loiro e de olhos castanhos.

- E os peritos?

O detetive balançou a cabeça.

- Ridículo. – Holt murmurou. – Uma estrela desenhada? Uma criança poderia ter feito isso. Uma sombra? Sombras são feitas pela luz. Não tem nada de especial nisso, Detetive Black.

- Quem é o dono do iate? – Avery perguntou.

- Essa informação não nos ajuda. – O'Malley respondeu. – É um grande empresário do ramo imobiliário. Está no Brasil a negócios há

pelo menos um mês.

- Se o barco foi limpo no último mês - Avery disse, - então a estrela foi colocada aqui pelo assassino. E já que está localizada perfeitamente entre o corpo e a sombra, tem que ter algum significado. Não tenho certeza do que, mas é algo.

O'Malley olhou para Holt.

Holt suspirou.

- Simms - ele falou para o agente loiro, - traga os peritos de volta. Investiguem a estrela e a sombra. Eu vou telefonar quando nós terminarmos.

Holt lançou um olhar miserável para Avery e balançou sua cabeça.

- Vamos ver o apartamento dela.

CAPÍTULO TRÊS

Avery caminhou vagarosamente pelo hall do prédio escuro, com Ramirez a seu lado e seu coração batendo mais forte, como sempre acontecia quando ela entrava na cena de um crime. Nesse momento, ela desejava estar em qualquer lugar que não fosse ali.

Ela fugiu daquela sensação. Fez sua expressão de trabalho e forçou-se a observar cada detalhe.

A porta do apartamento da vítima estava aberta. Um agente parado do lado de fora moveu-se para permitir que Avery e os outros entrassem na cena do crime.

Um corredor estreito levava à sala. A cozinha ficava ao lado do corredor. Nada parecia fora do comum ali; apenas um apartamento muito bacana. As paredes eram pintadas de cinza claro. Havia estantes de livros por todos os lados. Pilhas de livros estavam no chão. Plantas penduradas nas janelas. Um sofá verde de frente para uma televisão. No único quarto, a cama estava feita, com um edredom branco de renda.

O único fator obviamente estranho no apartamento estava na sala, onde claramente faltava um tapete central. Um contorno de poeira, em um espaço escuro, havia sido marcado com várias etiquetas amarelas de polícia.

- O que os peritos encontraram aqui? – Avery perguntou.

- Nada - disse O'Malley. – Nenhuma digital. Nenhuma câmera. Estamos no escuro.

- Algo foi tirado do apartamento?

- Não que eu saiba. O pote de moedas está cheio, as roupas estão arrumadas no cesto. Dinheiro e documentos ainda nos bolsos.

Avery começou a analisar o apartamento.

Como fazia habitualmente, moveu-se em pequenas seções e observou cada uma delas com cuidado—as paredes, o piso, os rodapés de madeira, as bugigangas nas prateleiras. Havia uma foto da vítima com duas amigas. Ela fez uma nota mental para lembrar-se de descobrir os nomes e o contato delas. As estantes e pilhas de livros foram analisadas. Havia muitos romances. O restante era, em sua maioria, sobre assuntos espirituais, como autoajuda e religião.

Religião, Avery pensou.

A vítima tinha uma estrela sobre a cabeça.

Seria a estrela de Davi?

Após observar o corpo morto no barco e o apartamento, Avery começou a formar uma imagem do assassino em sua mente. Ele havia atacado pela entrada. A morte foi rápida e ele não deixou marcas, não cometeu erros. As roupas e efeitos na vítima foram deixados em um local limpo, sem desarrumar o apartamento. Apenas o tapete foi movido, e havia poeira na área e nas bordas. Algo ali havia deixado o assassino com raiva. *Se ele foi tão meticuloso em todos os outros detalhes, Avery imaginou, por que não limpar a poeira nas bordas do tapete? Por que não remover o tapete por completo? Por que não deixar tudo em condições perfeitas? Ele quebrou o pescoço dela, tirou suas roupas, colocou-as no cesto e deixou tudo em ordem, mas depois a enrolou em um tapete e a carregou como um selvagem.*

Ela foi até a janela e olhou para a rua. Havia alguns poucos lugares onde alguém poderia esconder-se e observar o apartamento sem ser visto. Um local em particular chamou sua atenção: um beco estreito e escuro atrás de uma cerca. *Você estava ali?* Ela se perguntou. *Olhando? Esperando o momento certo?*

- Então? – O'Malley disse. – O que você acha?

- Temos um assassino em série em nossas mãos.

CAPÍTULO QUATRO

- O assassino é homem e é forte – Avery continuou. – Ele claramente destruiu a vítima e teve que carregá-la até a doca. Parece uma vingança pessoal.

- Como você sabe? – Holt perguntou.

- Por que se meter em tantos problemas com uma vítima qualquer? Nada parece ter sido roubado, então não foi um assalto. Ele foi preciso em tudo, menos no tapete. Se você gasta tanto tempo planejando um assassinato, tirando a roupa da vítima e colocando as roupas dela num cesto, por que levar *qualquer* item dela? Parece um gesto planejado. Ele queria *algo*. Talvez mostrar que ele era forte? Que ele poderia fazer isso? Não sei. E deixá-la num barco? Nua e à vista de todo o porto? Esse cara quer ser visto. Ele quer que todo mundo saiba que ele foi o assassino. Talvez nós temos outro assassino em série nas mãos. Qualquer que seja a decisão que você tome sobre quem vai cuidar desse caso - ela olhou para O'Malley, - você tem que decidir logo.

O'Malley virou-se para Holt.

- Will?

- Você sabe o que eu penso disso – Holt respondeu.

- Mas você vai fazer o chamado?

- Isso está errado.

- *Mas?*

- Como o prefeito quiser.

O'Malley virou-se para Avery.

- Você está pronta? – Ele perguntou. – Seja sincera comigo. Você acabou de sair de um caso de um assassino em série pesado. A imprensa te crucificou a cada passo. Os olhos vão estar em você de novo, mas dessa vez, o prefeito vai prestar uma atenção especial. Ele pediu especificamente por você.

O coração de Avery bateu mais rápido. Fazer a diferença como policial era o que ela realmente amava em seu trabalho, mas pegar assassinos em série e vingar mortes era o que ela ansiava.

- Nós temos vários casos em aberto - ela disse, - e um julgamento.

- Eu posso colocar Thompson e Jones nisso. Você pode supervisionar o trabalho deles. Se você pegar este caso, ele terá prioridade.

Avery virou-se para Ramirez.

- Você topa?

- Claro. – Ele assentiu.

- Estamos dentro - ela disse.

- Muito bem. – O'Malley suspirou. – Você está no caso. O Capitão Holt e seus homens vão cuidar do corpo e do apartamento. Você terá total acesso aos arquivos e total cooperação deles durante a investigação. Will, quem eles devem procurar se precisarem de informações?

- O Detetive Simms – ele respondeu.

- Simms é o detetive líder que você viu hoje de manhã, - O'Malley prosseguiu, - loiro, olhos escuros, durão. O barco e o apartamento serão cuidados pelo A7. Simms vai entrar em contato diretamente com você se encontrar qualquer pista. Talvez você deva falar com a família por agora. Veja o que você consegue descobrir. Se você estiver certa e isso for algo pessoal, eles podem estar envolvidos ou terem informações que podem ajudar.

- Estamos dentro – Avery disse.

*

Uma rápida ligação para o Detetive Simms e Avery soube que os pais da vítima moravam um pouco mais ao norte, fora de Boston, na cidade de Chelsea.

Dar essas informações às famílias era a segunda coisa que Avery mais odiava em seu trabalho. Ainda que ela soubesse lidar com as pessoas, havia um momento, logo depois de eles ficarem sabendo sobre a morte de alguém que amavam, em que emoções complexas se misturavam. Psiquiatras chamavam isso de “os cinco estágios do sofrimento”, mas Avery via aquilo como uma tortura lenta. Primeiro, havia a negação. Amigos e parentes queriam saber tudo sobre o corpo—informações que os fariam apenas sofrer mais, e não importava o quanto Avery dissesse, era sempre impossível para eles imaginar. Depois, vinha a raiva: da polícia, do mundo, de todos.

A dúvida vinha em sequência: “você tem certeza que eles morreram? Talvez estejam vivos ainda”. Esses estágios poderiam acontecer todos juntos, ou poderia levar anos. Os dois últimos geralmente aconteciam quando Avery já estava longe: depressão e aceitação.

- Tenho que dizer - Ramirez devaneou, - eu não gosto de encontrar corpos mortos, mas isso nos dá liberdade para trabalhar nesse caso. Sem mais julgamentos e papeladas. Isso é bom, certo? Fazemos o que queremos e não temos que ficar atolados em fitas vermelhas.

Ele inclinou-se para beijar a bochecha dela.

Avery esquivou-se.

- Não agora – ela disse.

- Sem problemas - ele respondeu com as mãos para cima. – Só pensei, sabe... que nós fôssemos algo agora.

- Olhe - ela disse e teve que pensar muito nas próximas palavras, - eu gosto de você. Gosto mesmo. Mas isso tudo está indo rápido demais.

- Rápido demais? – Ele reclamou. – Nós nos beijamos uma vez em dois meses!

- Não é isso que eu quero dizer – ela disse. – Desculpe. O que eu quero dizer é que eu não sei se eu estou pronta para um relacionamento sério. Nós somos parceiros. Nos vemos toda semana. Eu adoro todo o flerte e ver você pela manhã. Só não sei se estou pronta para ir adiante.

- Uou! – Ele disse.

- Dan—

- Não, não. – Ele levantou uma mão. – Está tudo bem. Sério. Eu acho que já esperava isso.

- Não estou dizendo que quero que isso acabe – Avery o tranquilizou.

- O que é *isso*? – Ele perguntou. – Digo, eu nem sei! Quando estamos trabalhando, você só fala disso, e quando eu tento te ver depois do trabalho, é quase impossível. Você demonstrava mais sentimentos por mim no hospital do que na vida real.

- Não é verdade - ela disse, mas uma parte de si se deu conta de que ele estava certo.

- Eu gosto de você, Avery - ele disse. – Gosto muito. Se você precisa de tempo, tudo bem por mim. Eu só quero ter certeza que você de fato sente algo por mim. Porque se não, eu não quero perder meu tempo, nem o seu.

- Eu sinto - ela disse e olhou para ele rapidamente. – De verdade.

- Ok - ele disse. – Tudo bem.

Avery seguiu dirigindo, focando na estrada e na vizinhança, forçando a si mesma a voltar a pensar no trabalho.

Os pais de Henrietta Venemeer viviam em um complexo de apartamentos logo após o cemitério na Central Avenue. O Detetive Simms havia dito a Avery que os dois eram aposentados e estavam quase sempre em casa. Ela não havia ligado antes de ir até lá. Uma difícil lição que ela havia aprendido no passado era que uma ligação poderia alertar um possível assassino.

No prédio, Avery estacionou e os dois caminharam até a porta frontal.

Ramirez tocou a campainha.

Houve uma longa pausa até que uma mulher de idade atendeu.

- Quem é?

- Senhora Venemeer, aqui é o Detetive Ramirez da Divisão A1 da polícia. Estou aqui com minha parceira, Detetive Black. Podemos por favor entrar e falar com você?

- Quem?

Avery inclinou-se para frente.

- *Polícia* - ela disse. – Por favor abra a porta da frente.

A porta se abriu.

Avery sorriu para Ramirez.

- *Assim* é que se faz - ela disse.

- Você nunca para de me impressionar, Detetive Black.

O casal Venemeer morava no quinto andar. Assim que Avery e Ramirez saíram do elevador, eles puderam ver uma mulher de idade saindo de trás de uma porta fechada.

Avery tomou a frente.

- Olá, senhora Venemeer - ela disse em sua voz mais clara e suave. – Sou a Detetive Black e esse é meu parceiro, Detetive Ramirez. – Os dois mostraram seus distintivos. – Podemos entrar?

A senhora Venemeer tinha cabelos longos emaranhados assim como sua filha, com a diferença de que os seus eram grisalhos. Ela usava óculos grossos pretos e uma camisola branca.

- O que é isso? – Ela preocupou-se.

- Acho que será mais fácil se pudermos entrar - Avery disse.

- Tudo bem - ela resmungou e os deixou entrar.

O apartamento inteiro cheirava a naftalina. Ramirez fez uma cara feia e mexeu o nariz quando eles entraram. Avery bateu no braço dele.

O som de uma televisão podia ser escutado na sala. No sofá, havia um homem grande que Avery imaginou ser o senhor Venemeer. Ele vestia apenas cuecas vermelhas e uma camiseta que provavelmente usava para dormir, e parecia não ter ideia do que estava acontecendo.

Estranhamente, a senhora Venemeer sentou no sofá ao lado de seu marido, sem nenhuma indicação de onde Avery e Ramirez poderiam sentar.

- O que posso fazer por você? – Ela perguntou.

Um programa de jogos estava passando na TV. O som estava alto. De vez em quando, o marido torcia de seu lugar, relaxado e resmungando a si mesmo.

- Você pode desligar a TV? – Ramirez pediu.

- Não mesmo - ela disse. – John *tem* que assistir *Roda da Fortuna*.

- Estamos aqui para falar de sua filha - Avery acrescentou. – Nós precisamos mesmo falar com vocês, e gostaríamos de sua total atenção.

- Amor - ela disse e tocou o braço de seu marido. – Esses dois agentes querem falar sobre Henrietta.

Ele deu de ombros e resmungou.

Ramirez desligou a TV.

- Ei! – John gritou. – O que você fez? Ligue de volta!

Ele parecia bêbado.

Uma garrafa de Bourbon pela metade estava a seu lado.

Avery ficou ao lado de Ramirez e apresentou-se novamente.

- Olá,- ela disse, - meu nome é Detetive Black e esse é meu parceiro, Detetive Ramirez. Nós temos notícias difíceis para dar a

vocês.

- Vou te dizer o que é difícil! – John gritou. – Difícil é lidar com um monte de tiras bem no meio do meu programa de TV. Ligue essa porra de televisão! – Ele tentou levantar-se, mas não parecia estar em condições.

- Sua filha morreu – Ramirez disse, agachando-se para olhá-lo nos olhos. – Você me entendeu? Sua filha está morta!

- Que? – A senhora Venemeer não acreditou.

- Henrietta? – John murmurou e encostou-se.

- Eu sinto muito por isso – disse Avery.

- Como? – Murmurou a senhora. – Eu não... Não, não Henrietta.

- Diga do que você está falando! – Disse John. – Você não pode entrar aqui e dizer que nossa filha está morta. Que porra é essa?

Ramirez sentou-se.

Negação, pensou Avery. *E raiva*.

- Ela foi encontrada morta nessa manhã – disse Ramirez, - e identificada por sua posição na comunidade. Não temos certeza do motivo. Agora, o que temos são muitas perguntas. Se vocês puderem, por favor sejam firmes nesse momento e nos ajudem a responder algumas delas.

- Como? – A mãe chorava. – Como isso aconteceu?

Avery sentou-se ao lado de Ramirez.

- Infelizmente essa é uma investigação em andamento. Não podemos dar detalhes ainda. Agora, só precisamos saber qualquer coisa que vocês possam saber para nos ajudar a identificar o assassino. Henrietta tinha namorado? Amigos próximos que vocês conheciam? Alguém que poderia sentir algum rancor dela?

- Você tem certeza que era Henrietta? – A mãe perguntou.

- Henrietta não tem inimigos! – John disse. – Todos a amam. É uma santa! Vinha toda semana trazer algo. Ajudava pessoas sem teto. Não pode ser. Tem que haver algum engano.

Dúvida, pensou Avery.

- Eu te garanto - ela disse, - vocês dois serão chamados essa semana para identificar o corpo. Eu sei que é difícil de aceitar. Vocês acabaram de receber notícias terríveis, mas por favor, vamos ficar focados para tentar encontrar quem fez isso.

- Ninguém! – John disse em voz alta. – Isso é claramente um erro. Vocês estão enganados. Henrietta não tinha inimigos - ele declarou. – Ela foi atropelada por um ônibus? Caiu de uma ponte? Pelo menos nos dê uma ideia do que está acontecendo aqui.

- Ela foi assassinada - Avery respondeu. – É tudo o que eu posso dizer.

- Assassinada – a mãe suspirou.

- Por favor - disse Ramirez. – Vocês conseguem pensar em algo? Qualquer coisa. Mesmo se parecer insignificante para vocês, pode ser de grande ajuda para nós.

- Não - a mãe respondeu. – Ela não tinha namorado. Tinha algumas amigas. Saíram ano passado no Dia de Ação de Graças. Nenhuma delas pode ter feito algo assim. Vocês têm que estar errados.

Ela olhou para cima com olhos de misericórdia.

- Vocês têm!

CAPÍTULO CINCO

Avery estacionou em uma vaga na rua entre carros de polícia e preparou-se para entrar no departamento de polícia A7 na Paris Street no leste de Boston. Fora da estação havia um circo formado pela mídia. Uma coletiva havia sido marcada para discutir o caso e o amontoado de carros de televisão, câmeras e repórteres trancavam o caminho, além de muitos agentes que tentavam afastar a imprensa do local.

- Seu público está esperando – Ramirez disse.

Ele parecia querer ser entrevistado. Andava com a cabeça levantada e sorria para cada repórter que o olhava. Para sua tristeza, nenhum deles aproximou-se. Avery baixou sua cabeça e caminhou o mais rápido possível para dentro do departamento. Ela odiava multidões. Em um momento de sua vida, quando era advogada, ela amava quando as pessoas sabiam seu nome e lotavam seus julgamentos, mas desde que ela própria fora julgada pela imprensa, aprendeu a desprezar a atenção deles.

Os repórteres viraram-se instantaneamente.

- Avery Black - um deles disse com o microfone no rosto dela. – Você pode por favor nos dizer algo sobre a mulher assassinada na marina hoje?

- Por que você está no caso, Detetive Black? – Gritou outro. – Aqui é o A7. Você foi transferida para esse departamento?

- O que você acha sobre a nova campanha do prefeito, ‘Parem com os Crimes’?

- Você ainda tem algo com Howard Randall?

Howard Randall, ela pensou. Apesar do forte desejo de cortar todos os laços com Randall, Avery não conseguia tirá-lo de sua cabeça. Todos os dias desde seu último encontro com Randall, ele encontrara alguma maneira de seguir em seus pensamentos. Às vezes, um simples cheiro ou uma imagem era tudo o que ela precisava para ouvir as palavras dele: “Isso te lembra algo de sua infância, Avery? O que? Me conte...” Outras vezes, trabalhando em outros casos, ela tentara pensar como Randall pensaria para solucionar o problema.

- Saiam da frente! – Ramirez gritou. – Vamos, saiam, logo!

Ele colocou uma mão nas costas de Avery e a levou para dentro da estação.

A sede do A7, um grande prédio de pedra e tijolos, havia recém recebido uma reforma interna. As mesas de metal que tipicamente davam a sensação de uma organização operada pelo estado foram retiradas. No lugar, foram colocadas lustrosas mesas pratas, cadeiras coloridas e uma área aberta que mais parecia a entrada de um parque de diversões.

Assim como o A1—porém mais moderna—a sala de conferências era envolta em vidro para que as pessoas pudessem ver a parte externa. Uma grande mesa oval de mogno tinha microfones em cada assento e uma enorme TV de tela plana para conferências.

O'Malley já estava sentado na mesa, ao lado de Holt. Ao lado deles estavam o Detetive Simms e seu parceiro, além de outras duas pessoas que Avery imaginou serem o perito e o coronel. Dois lugares seguiam vazios na ponta da mesa, perto da entrada.

- Sentem-se - O'Malley acenou. – Obrigado por vir. Não se preocupem. Eu não estarei atrás de vocês o tempo todo – ele disse a todos, especialmente para Avery e Ramirez. – Só quero ter certeza que estamos todos no mesmo caminho.

- Você é sempre bem-vindo aqui - disse Holt com sinceridade para O'Malley.

- Obrigado, Will. Podemos começar.

Holt virou-se para seu agente.

- Simms? – Ele disse.

- Vamos lá - disse Simms, - acho que é minha vez. Por que não começamos com a perícia, depois passamos para o relatório do coronel, depois eu falo sobre o resto do nosso dia - continuou com ênfase para o Capitão Holt, antes de virar-se para o perito. – Pode ser, Sammy?

Um homem indiano magro era o líder da equipe forense. Ele vestia terno e gravata e levantou o dedo em sinal de positivo quando seu nome foi mencionado.

- Claro, senhor Mark - disse, quase babando. – Como discutimos, temos pouco a fazer. O apartamento estava limpo. Sem sangue, sem sinal de briga. As câmeras já estavam desabilitadas com uma resina que você pode comprar em uma loja de ferramentas.

Encontramos restos de fibras pretas de luva, mas novamente, não foi possível tirar pistas sólidas disso.

O Detetive Simms seguia movendo o queixo na direção de Avery. Sammy não conseguia entender quem estava no comando. Ele seguia olhando para Simms, Holt e todos os outros. Eventualmente, começou a dirigir-se a Avery e Ramirez.

- No entanto, temos algo sobre o estaleiro - disse. – Claramente, o assassino desabilitou as câmeras de lá, da mesma maneira que fez com as do apartamento. Para entrar no estaleiro sem ser notado ele teria que ter agido entre onze da noite, que é quando o último funcionário sai da marina, e seis da manhã, quando o primeiro chega. Encontramos marcas de sapatos iguais no estaleiro e no barco antes dos outros agentes chegarem no local. O pé é quarenta e dois, variedade Redwing. Ele parece ser manco da perna direita, porque o sapato esquerdo fez marcas mais profundas que o direito.

- Excelente – disse Simms, orgulhoso.

- Nós analisamos a estrela desenhada na proa também - Sammy continuou. – Nenhum material genético foi encontrado. No entanto, nós encontramos uma fibra preta na estrela, similar às fibras da luva no apartamento. Essa é, então, uma conexão muito interessante. Obrigado por nos ajudar, Detetive Black. – Ele balançou a cabeça.

Avery respondeu o gesto.

Holt bufou.

- Por último - Sammy concluiu, - acreditamos que o corpo foi carregado para o estaleiro em um tapete enrolado, já que havia muitas fibras de tapete no corpo e um tapete faltando na casa.

Ele fez um gesto indicando que havia terminado.

- Obrigado, Sammy - disse Simms. – Dana?

Uma mulher de jaleco branco, que parecia não querer estar naquela sala, foi a próxima a falar. Ela tinha meia idade, cabelos lisos castanhos até os ombros e franzira o rosto constantemente.

- A vítima morreu com o pescoço quebrado - ela disse. – Havia contusões em seus braços e pernas que indicaram que ela foi arremessada ao chão ou contra a parede. O corpo estava morto há mais ou menos doze horas e não havia sinal de entradas a força.

Ela encostou-se com os braços cruzados.

Simms levantou suas sobancelhas e virou-se para Avery.

- Detetive Black, algo sobre a família?

- Nada - Avery disse. – A vítima via os pais uma vez por semana para trazer besteiras e fazer o jantar. Não tinha namorado. Nenhum outro parente próximo em Boston. No entanto, ela tinha um círculo de amigas que nós teremos que encontrar. Os pais não são suspeitos. Quase não conseguem sair do sofá. Nós iríamos começar a buscar as amigas, mas eu não estava segura sobre o protocolo - ela disse, olhando para O'Malley.

- Obrigado - disse Simms. – Entendido. Acho que depois dessa reunião, você estará no comando, Detetive Black, mas isso não é uma decisão minha. Deixe-me dizer o que *minha* equipe descobriu até agora. Nós checamos os registros telefônicos e e-mails dela. Nada estranho. As câmeras no prédio foram desabilitadas e nenhuma outra lente filmava o prédio. No entanto, encontramos algo na livraria da Venemeer. Estava aberta hoje. Ela tinha dois funcionários full-time. Eles não sabiam da morte da vítima e ficaram realmente chocados. Nenhum deles parecia ser suspeito em potencial, mas os dois mencionaram que recentemente uma gangue local, conhecida como Chelsea Death Squad, colocou fogo na loja. O nome vem do ponto de encontro deles, na Chelsea Street. Falei com nossa unidade de gangues e fiquei sabendo que eles são uma gangue latina, relativamente nova, pouco afiliada a outros grupos. O líder deles é Juan Desoto.

Avery já tinha ouvido falar de Desoto, quando lidava com gangues em seus anos de novata. Ele podia até ser um peixe pequeno no novo esquadrão, mas havia sido um nome forte nas gangues de Boston durante anos.

Por que um bandido da multidão com seu próprio esquadrão iria querer matar a dona de uma livraria local e depois colocar o corpo em um iate chique? Ela imaginou.

- Parece que temos uma boa pista – disse Holt. – É angustiante que tenhamos que passar as rédeas para um departamento que está do outro lado do canal. Triste, mas faz parte. Não é, Capitão O'Malley? Compromisso, certo? – Ele sorriu.

- Exatamente - O'Malley respondeu, relutante.

Simms ajeitou-se na cadeira.

- Juan Desoto com certeza seria meu suspeito número um. Se esse caso fosse *meu* - ele fez questão de enfatizar, – eu tentaria encontra-lo primeiro.

O golpe indireto incomodou Avery.

Eu preciso mesmo disso? Ela pensou. Ainda que estivesse muito intrigada com o caso, os limites confusos sobre quem cuidaria do que a incomodavam. *Eu tenho que seguir essa pista? Ele é meu supervisor agora? Ou posso fazer o que eu quiser?*

O'Malley pareceu ler sua mente.

- Acho que terminamos. Certo, Will? – Ele disse antes de falar exclusivamente com Avery e Ramirez. – Depois daqui, vocês dois estão no comando, a não ser que precisem falar novamente com o Detetive Simms sobre as informações que acabamos de ouvir. Cópias dos arquivos estão sendo feitas para vocês agora mesmo. Serão enviadas para o A1. Então - ele suspirou e se levantou, - a não ser que alguém tenha mais alguma pergunta, vamos começar. Tenho um departamento para comandar.

*

A tensão do A7 manteve Avery nervosa até que eles saíssem do prédio, passassem pelos repórteres e entrassem no carro.

- Até que foi tudo bem - Ramirez comemorou. – Você percebeu o que acabou de acontecer ali? – Ele perguntou. – Você está no comando do maior caso do A7, provavelmente em anos, e isso porque você é *Avery Black*.

Avery balançou a cabeça, sem dizer nada.

Estar no comando tinha um preço. Ela poderia fazer as coisas de seu próprio jeito, mas se surgissem problemas, eles estariam sozinhos em sua cabeça. Além disso, ela sentia que aquela não era a última vez que ouviria notícias do A7. *Parece que tenho dois chefes agora*, lamentou internamente.

- O que fazemos agora? – Ramirez perguntou.

- Vamos deixar tudo certo com o A7 e visitar o Desoto. Não sei o que vamos encontrar, mas se a gangue dele estava atacando uma dona de livraria, eu quero saber o motivo.

Ramirez assoviou.

- Como você sabe onde encontra-lo?
 - Todo mundo sabe onde encontra-lo. Ele é dono de uma cafeteria pequena na Chelsea Street, perto da via expressa e do parque.
 - Você acha que é ele?
 - Matar não é algo novo para Desoto - Avery disse. – Não sei se a cena desse crime bate com o *modus operandi* dele, mas ele pode saber de algo. Ele é uma lenda em Boston. Pelo que eu sei, ele já fez trabalhos para negros, irlandeses, italianos, espanhóis, vários outros. Quando eu era novata, o chamavam de Assassino Fantasma. Durante anos, ninguém acreditava que ele existia. A Unidade de Gangues o relacionava com crimes até em Nova York, mas ninguém conseguia provar. Ele é dono daquela cafeteria desde que eu escutei o nome dele pela primeira vez.
 - Você já o encontrou?
 - Não.
 - Sabe como ele é?
 - Sim - ela disse. – Vi uma foto dele uma vez. Pele branca e muito, muito grande. Acho que tem os dentes afiados também.
- Ramirez virou-se para ela e sorriu, mas naquele sorriso ela podia sentir o mesmo pânico e adrenalina que ela mesma estava sentindo. Eles estavam indo à cova do leão.
- Isso vai ser interessante - ele disse.

CAPÍTULO SEIS

A cafeteria de esquina ficava na parte norte da passagem subterrânea para a via expressa no leste de Boston. O local era um prédio de tijolos de um andar com janelas grandes e um sinal simples, *Cafeteria*. As janelas estavam com as cortinas fechadas.

Avery estacionou perto da porta de entrada e saiu do carro.

O céu começava a escurecer. Em direção ao sudoeste, ela podia ver o pôr do sol em um horizonte laranja, vermelho e amarelo. Havia uma mercearia na esquina oposta. Residências completavam a rua. A área era calma e modesta.

- Vamos lá – disse Ramirez.

Depois de um longo dia apenas acompanhando e sentado em uma reunião, Ramirez parecia pulsante, pronto para agir. Sua ânsia preocupou Avery. *Gangues não gostam de tiras nervosos invadindo seus lugares*, ela pensou. *Especialmente aqueles sem mandados que estão ali apenas com rumores*.

- Calma - ela disse. – Eu faço as perguntas. Sem movimentos bruscos. Nenhuma atitude impensada, ok? Estamos aqui apenas para fazer algumas perguntas e ver se eles podem nos ajudar.

- Claro - Ramirez franziu a testa, e sua linguagem corporal respondeu outra coisa.

Uma campainha tocou quando eles entraram na cafeteria.

O pequeno local contava com quatro mesas com assentos almofadados e apenas um balcão, onde as pessoas podiam pedir cafés e outras coisas para o café da manhã. O menu tinha menos do que quinze itens e havia poucos clientes no local.

Dois latinos idosos que deviam ser sem-teto bebiam café em uma das mesas à esquerda. Um cavalheiro mais jovem com óculos de sol e um chapéu preto estava em uma das mesas, virado para a porta. Ele vestia uma regata preta. Uma arma podia facilmente ser vista em uma alça no ombro. Avery olhou para os sapatos dele. *Trinta e oito*, pensou. *Trinta e nove, no máximo*.

- *Putá* - ele murmurou ao ver Avery.

O homem mais velho parecia distante.

Nenhum chef ou garçom podia ser visto atrás do balcão.

- Olá - Avery acenou. – Gostaríamos de falar com Juan Desoto se ele estiver por aqui.

O jovem riu.

Rápidas palavras foram ditas em espanhol.

- Ele disse, 'vá se foder tira, sua puta, você e seu putinho' – Ramirez traduziu.

- Que amável - Avery disse. – Escute, nós não queremos problemas - ela acrescentou e juntou as palmas de suas mãos, em sinal de submissão. – Só queremos perguntar algumas coisas para Desoto sobre uma livraria na Summer Street que ele não parece gostar muito.

O homem levantou e apontou para a porta.

- Dê o fora daqui, *tira!*

Avery poderia ter lidado com a situação de várias maneiras. O homem estava carregando uma arma que, ela imaginava, estava carregada e para a qual não tinha porte. Ele também parecia pronto para agir, mesmo sem nada ter de fato acontecido. Isso, combinado ao balcão vazio, fizeram com que ela acreditasse que algo poderia estar acontecendo na sala dos fundos. *Drogas*, ela imaginou, *ou eles têm algum dono de loja azarado lá atrás e estão batendo nele sem dó.*

- Nós só queremos alguns minutos com Desoto - ela disse.

- *Putá!* – O homem gritou e puxou sua arma.

Ramirez sacou a sua imediatamente.

Os dois homens idosos continuaram tomando seu café, sentados em silêncio.

Ramirez engatilhou sua arma.

- Avery?

- Todo mundo calmo, - disse Black.

Um homem apareceu em uma janela atrás do balcão principal. Um homem grande, pelo que mostrava seu pescoço e bochechas. Parecia estar inclinado na janela, o que fazia com que ele parecesse não ser alto. Seu rosto estava parcialmente escondido na sombra; um latino careca, de pele branca, com um brilho cômico nos olhos. Ele sorria. Em sua boca, um aparelho que fazia todos seus dentes parecerem diamantes afiados. Nenhum sinal de malícia podia ser

observado, mas ele estava tão calmo diante de uma situação tão tensa que Avery imaginou o porquê.

- Desoto - ela disse.

- Sem armas, sem armas - Desoto disse da janela. – Tito - ele falou, - coloque sua arma na mesa. Tiras, coloquem suas armas na mesa. Nada de armas aqui.

- Não mesmo - Ramirez disse e seguiu com a arma apontada para o outro homem.

Avery podia sentir a faca que ela carregava no tornozelo, para caso se visse com problemas. Além disso, todos sabiam que eles estavam indo encontrar Desoto. *Vai ficar tudo bem*, ela pensou. *Eu espero*.

- Abaixе a arma - ela disse.

Como mostra de confiança, Avery gentilmente sacou sua Glock e a colocou na mesa, entre os dois idosos.

- Faça isso - disse a Ramirez. – Coloque na mesa.

- Porra - Ramirez murmurou. – Isso não é bom. Nada bom. – Ainda assim, ele concordou. Colocou sua arma na mesa. O outro homem, Tito, abaixou sua arma e sorriu.

- Obrigado - disse Desoto. – Não se preocupe. Ninguém quer as armas dos tiras. Elas vão ficar seguras aqui. Venham. Vamos conversar.

Ele desapareceu de vista.

Tito apontou para uma pequena porta vermelha, praticamente impossível de notar, já que ficava atrás de uma das mesas.

- Você primeiro - disse Ramirez.

Tito curvou-se e entrou.

Ramirez entrou atrás, seguido por Avery.

A porta vermelha levou à cozinha. Um corredor seguia mais ao fundo. Bem em frente a eles estavam as escadas do porão, íngremes e escuras. No fundo, havia outra porta.

- Estou com um mau pressentimento – disse Ramirez.

- *Quieto* - Avery respondeu.

Uma partida de pôquer estava sendo disputada na próxima sala. Cinco homens, todos latinos, bem-vestidos e armados, seguiram em silêncio com a chegada deles. A mesa estava cheia de dinheiro e joias.

Havia sofás encostados nas paredes da enorme sala. Em muitas prateleiras, Avery notou armas e facões. Outra porta podia ser vista. Um rápido olhar para os pés dos homens revelou que nenhum deles tinha o tamanho dos pés do assassino.

No sofá, com os braços abertos e um enorme sorriso no rosto, mostrando os aparelhos, Juan Desoto estava sentado. Seu corpo parecia mais de um touro do que de um homem, forte e esculpido por exercícios diários e, Avery imaginou, esteroides. Um gigante mesmo sentado, ele devia medir cerca de 2,10m. Seus pés, da mesma forma, eram gigantes. *Pelo menos quarenta e quatro*, Avery pensou.

- Todo mundo calmo - Desoto ordenou. – Juguem, juguem – ele disse a seus homens. – Tito, traga algo para beber. O que você gostaria, Agente *Black*? – Perguntou enfatizando.

- Você me conhece? – Avery perguntou.

- Não te conheço - ele respondeu. – Eu sei *sobre* você. Você prendeu meu primo Cruz dois anos atrás, e alguns dos meus bons amigos da West Side Killers. Sim, tenho muitos amigos em outras gangues - ele disse ao olhar surpreso de Avery. – Nem todas as gangues brigam entre si como animais. Eu gosto de pensar *maior* que isso. Por favor, o que posso oferecer para vocês?

- Nada para mim - Ramirez disse.

- Para mim também - Avery acrescentou.

Desoto fez sinal para Tito, que saiu. Todos os homens na mesa continuaram jogando, com exceção de um. Ele se parecia com Desoto, mas era muito menor e mais jovem. Esse homem balbuciou algo e os dois tiveram uma conversa nervosa.

- Esse é o irmão mais novo de Desoto - Ramirez traduziu. – Ele acha que eles deveriam matar nós dois e jogar no rio. Desoto está tentando dizer para ele que é por isso que ele está sempre preso, porque ele pensa muito quando deveria apenas ficar quieto e escutar.

- *Sientate!* – Desoto finalmente gritou.

Relutante, seu irmão mais novo sentou e olhou para Avery com dureza.

Desoto respirou fundo.

- Você gosta de ser uma celebridade, tira? – Ele perguntou.

- Não mesmo - Avery disse. – Acabo me tornando um alvo para caras como você. Não gosto de ser um alvo.

- É verdade - ele disse.

- Estamos buscando informações - Avery acrescentou. – Uma mulher de meia idade chamada Henrietta Venemeer é dona de uma livraria na Summer. Livros espirituais, nova era, psicologia, coisas assim. Dizem por aí que você não gosta da loja. Ela estava sendo atacada.

- Por *mim*? – Ele disse surpreso, apontando para si mesmo.

- Por você ou seus homens. Não temos certeza. Por isso estamos aqui.

- Por que você viria até a casa do diabo para perguntar sobre uma mulher em uma livraria? Por favor, me explique melhor isso.

Sua expressão não mostrava nenhum sinal de que ele conhecesse Henrietta. De fato, Avery sentiu que ele se sentiu insultado pela acusação.

- Ela foi assassinada ontem à noite - Avery disse, prestando muita atenção aos homens na sala e em suas reações. – O pescoço foi quebrado e ela foi amarrada em um iate na marina da Marginal Street.

- Por que eu faria isso? – Ele perguntou.

- É isso que eu estou tentando descobrir.

Desoto começou a falar com seus homens em um rápido e agitado espanhol. Seu irmão e outro homem pareciam muito incomodados de serem acusados de algo tão claramente abaixo deles. Os outros três, no entanto, ficaram acanhados com o interrogatório. Uma discussão iniciou-se. Em um momento, Desoto levantou-se de raiva e mostrou toda sua altura e tamanho.

- Esses três estiveram na livraria - Ramirez sussurrou. – Roubaram o lugar duas vezes. Desoto está com raiva porque ele só ficou sabendo agora.

Vociferando alto, Desoto deu um soco na mesa e a quebrou em duas. Dinheiro e joias voaram pela sala. Um colar veio na direção de Avery e ela teve que se esconder atrás da porta. Todos os cinco homens se levantaram de suas cadeiras. O irmão de Desoto gritou de frustração e levantou seus braços. Desoto focou sua raiva em um

homem em particular. Ele apontou o dedo no rosto do homem e seguiu xingando.

- Aquele cara levou os outros à livraria - Ramirez sussurrou. – Ele está ferrado.

Desoto abriu os braços.

- Eu peço desculpas - ele disse. – Meus homens de fato abordaram essa mulher na loja dela. Duas vezes. Só estou sabendo disso agora.

O coração de Avery batia rápido. Eles estavam em uma sala isolada, cheia de criminosos com raiva e armados, e independente das palavras e gestos de Desoto, ele era uma presença intimidante e, se os rumores fossem verdade, um assassino em massa. De repente, o sentimento de que sua pequena lâmina estava longe de alcance não era confortável como ela pensara.

- Obrigado - Avery disse. – Apenas para ter certeza de que estamos no mesmo caminho, algum de seus homens teria algum motivo para *matar* Henrietta Venemeer?

- Ninguém aqui mata sem minha aprovação - ele respondeu prontamente.

- Venemeer foi colocada de um jeito estranho em um barco - Avery disse. – Com vista completa para o porto. Uma estrela foi desenhada acima de sua cabeça. Isso significa algo para você?

- Você se lembra do meu primo? – Desoto perguntou. – Michael Cruz? Um cara pequeno? Magrinho?

- Não.

- Você quebrou o braço dele. Eu perguntei para ele como uma garotinha podia ter feito isso, e ele disse que você era muito rápida e forte. Você acha que você poderia *me* derrubar, agente Black?

A situação começou a piorar.

Avery podia sentir. Desoto estava aborrecido. Ele havia respondido as perguntas e estava aborrecido, com raiva, e tinha dois policiais desarmados em sua sala privada debaixo de uma cafeteria. Mesmo os homens que estavam jogando pôquer estavam completamente trancados ali.

- Não - ela disse. – Eu acho que você me mataria em um combate mano a mano.

- Eu acredito em olho por olho - Desoto disse. – Eu acredito que quando uma informação é dada, uma informação deve ser recebida. *Balanço* - ele enfatizou, - é algo importante na vida. Eu te dei uma informação. Você prendeu meu primo. Agora você já tirou duas coisas de mim, você entende, certo? – Ele perguntou. – Você me *deve* algo.

- O que eu te devo? – Ela perguntou.

Com apenas um gemido, Desoto pulou para frente, levantou seu braço direito e deu um soco.

CAPÍTULO SETE

O quarto ficou vazio na mente de Avery: totalmente preto, e tudo o que ela conseguia ver eram os cinco homens e sentir Ramirez ao seu lado, além de ver o punho de Desoto chegando próximo a seu rosto. Ela chamava isso de “*a névoa*”, um lugar onde ela esteve várias vezes em seu passado—outro mundo, separado de sua existência física. Seu professor de jiu-jitsu chamava aquilo de “consciência final”, um lugar onde o foco se tornava seletivo e então os sentidos ficavam mais aguçados em torno de alvos específicos.

Ela virou na direção do braço de Desoto e segurou seu pulso. Ao mesmo tempo, o quadril de Black foi para trás, usando o corpo dele como alavanca, e ela pode usar o peso de Desoto para arremessá-lo na porta do porão. Madeiras se quebraram e o gigante caiu com força.

Sem perder o embalo, Avery virou-se e chutou outro homem no estômago. Depois disso, tudo se moveu em câmera lenta. Cada um dos cinco homens tornaram-se alvos, buscando o maior dano possível com a menor agressão. Um soco na garganta derrubou um deles. Um chute giratório na virilha fez outro cair na mesa quebrada. O irmão de Desoto saiu de sua vista por um segundo. Quando virou-se, ela viu que ele estava preparando um golpe com soco inglês; Ramirez pulou e o jogou no chão.

Desoto rugiu e atacou Avery por trás com um abraço de urso.

Seu peso parecia um bloco de cimento. Avery não conseguiu se livrar. Ela chutou o ar. Ele a levantou e a jogou contra a parede.

Avery bateu contra várias prateleiras e todas elas pareceram uma só em sua cabeça quando ela caiu. Desoto a chutou no estômago; a pancada foi tão forte que a levantou. Outro chute e seu pescoço foi para trás. Desoto abaixou-se. Braços grossos seguraram o pescoço dela, em uma perigosa sufocação. Um rápido movimento e ela estava em pé—sentindo-se pendurada.

- Eu poderia quebrar seu pescoço - ele sussurrou, - como um galho.

Tonta.

Sua mente estava tonta com os golpes. Estava difícil respirar.

Foco, ordenou a si mesma. Ou você vai morrer.

Ela tentou virar-se para escapar dos braços gigantes. Um punho de ferro a segurou rapidamente. Algo atingiu as costas de Desoto. Ele colocou os pés de Avery no chão e olhou para trás, vendo Ramirez com uma cadeira.

- Não te machucou? – Ramirez perguntou.

Desoto resmungou.

Avery reintegrou-se, levantou os pés e pisou nos dedos dele com o calcanhar.

- Ah! – Desoto berrou.

Ele vestia uma camiseta de botão branca, shorts marrons e chinelos; o pisão de Avery havia quebrado dois ossos.

Instintivamente, ele a soltou, e quando ele estava pronto para agredi-la novamente, Avery já estava em posição para dar um rápido chute em sua garganta, seguido de um soco no abdômen.

Havia um bastão de ferro no chão.

Ela juntou-o e acertou Desoto na cabeça.

Ele perdeu suas forças no mesmo momento.

Dois de seus homens já estavam no chão, incluindo seu irmão. Um terceiro—que havia assistido sua batalha com Desoto—arregalou os olhos, surpreso. Ele puxou uma arma. Avery atingiu a mão dele com o bastão, girou e acertou-o no rosto. Ele caiu junto a uma parede.

Ramirez tomou conta dos outros dois.

Avery bateu com o bastão na parte de trás do joelho de um dos homens. Ele levantou-se. Ela voltou a golpeá-lo no peito, o derrubando novamente, e chutou seu rosto. O outro homem a deu um soco na mandíbula e a carregou, aos berros, até a mesa de pôquer.

Eles caíram juntos.

O homem estava por cima e proferia muitos socos. Avery conseguiu segurar um dos pulsos dele e rolar. Ele caiu e ela pode girar e segurar um dos braços em um movimento de imobilização. Ela deitou em posição perpendicular ao corpo dele. Suas pernas estavam sobre a barriga dele e o braço do homem estava muito estendido.

- Me solte! Me solte! – O homem gritava.

Ela levantou uma perna e chutou seu rosto, até que ele desmaiasse.

- *Vá se foder!* – Ela gritou.

A sala ficou em silêncio. Todos os cinco homens, incluindo Desoto, estavam abatidos.

Ramirez rosnou e prendeu as pernas e braços do líder.

- Meu Deus... – ele murmurou.

Avery pegou uma arma do chão. Ela apontou-a para a porta do porão. Quase ao mesmo tempo, Tito apareceu.

- Não se atreva a pegar sua arma! – Avery gritou. – Está escutando? Não faça isso!

Tito olhou para a arma na mão dela.

- Se você puxar uma arma eu atiro.

Era impossível para Tito acreditar no que estava vendo naquela sala; seu queixo praticamente caiu quando ele viu Desoto.

- Vocês fizeram tudo isso? – Ele perguntou seriamente.

- Largue a arma!

Ele apontou para ela.

Avery atirou duas vezes em seu peito e o fez voar de volta para as escadas.

CAPÍTULO OITO

Fora da cafeteria, Avery segurava uma compressa de gelo em seu olho. Duas feridas feias latejavam no local, e sua bochecha estava inchada. Também estava difícil respirar, o que a fazia pensar que havia fraturado uma costela, e seu pescoço ainda estava ferido e vermelho pelo apertão de Desoto.

Apesar de tudo, Avery se sentia bem. *Mais* do que bem. Ela tinha se defendido com sucesso de um assassino gigante e cinco outros homens.

Você conseguiu, pensou.

Ela havia passado anos aprendendo a lutar. Incontáveis anos e horas quando ela era apenas mais uma no dojô, fazendo *sparring* consigo mesma. Ela estivera em outras lutas antes, mas nenhuma contra cinco homens e certamente nenhuma contra alguém forte como Desoto.

Ramirez estava sentado no meio-fio. Ele estivera à beira de um colapso desde toda a cena no porão. Comparado a Avery, ele parecia mal: rosto cheio de cortes e inchaços e constantes tonturas.

- Você foi um animal lá dentro - ele murmurou, - um animal...

- Obrigada? – Ela disse.

A cafeteria de Desoto ficava no coração do A7, e por isso Avery sentiu-se obrigada a ligar para Simms para pedir reforço. Uma ambulância chegou, junto com vários policiais do A7 para levar Desoto e seus homens por agressão, porte ilegal de armas, e outras pequenas infrações. O corpo de Tito—enrolado em uma capa preta—foi retirado primeiro e colocado no porta malas de um veículo de emergência.

Simms apareceu e balançou a cabeça.

- Que bagunça isso tudo - ele disse, - obrigado pelo trabalho extra.

- Você preferia que eu tivesse ligado para o meu departamento?

- Não - ele admitiu, - acho que não. Temos três departamentos diferentes, todos tentando achar algo contra Desoto, então pelo menos essa situação pode nos ajudar nisso. Não sei o que você

tinha na cabeça indo nesse lugar sem reforço, mas você foi bem. Como você derrubou os seis sozinha?

- Eu tive ajuda - Avery disse e olhou para Ramirez.

Ramirez levantou uma mão, agradecendo.

- E o assassinato no iate? – Simms perguntou. – Alguma conexão?

- Acho que não - ela disse. – Dois dos homens dele roubaram a livraria duas vezes. Desoto ficou surpreso e irritado quando soube. Se os outros dois funcionários confirmarem a história, acho que eles estão limpos. Eles queriam dinheiro, não a dona da livraria morta.

Outro policial apareceu e acenou para Simms.

Ele deu um tapinha no ombro de Avery.

- Acho que você vai querer sair daqui agora - disse. – Os tiras estão trazendo eles.

- Não - Avery respondeu. – Eu gostaria de vê-los.

Desoto era tão grande que teve que ser retirado pela porta da frente. Dois policiais estavam em cada lado dele, e mais um atrás. Comparado aos outros, ele parecia um gigante. Seus homens foram trazidos logo depois dele. Todos foram levados a uma van da polícia. Quando passou perto de Avery, Desoto parou e virou-se; nenhum dos policiais conseguiu fazê-lo se mover.

- Black - ele chamou.

- Sim? – Ela respondeu.

- Você sabe aquele alvo que você estava falando?

- Sim?

- Click, click, *boom!* – Ele disse, com uma piscada.

Ele seguiu olhando para ela por mais um segundo antes de deixar que os policiais o carregassem até a van.

Ameaças indolentes eram parte do trabalho. Avery aprendera isso há muito tempo, mas alguém como Desoto deixava a coisa mais séria. Por fora, ela seguiu parada e olhando de volta até que ele desaparecesse, mas por dentro, mal podia se conter.

- Preciso beber algo - ela disse.

- Não mesmo - Ramirez respondeu. – Estou acabado.

- Vou te dizer algo - ela disse. – Qualquer bar que você queira. Sua escolha.

Ele se animou imediatamente.

- Sério?

Avery nunca havia se oferecido para ir a um bar que Ramirez quisera. Quando ele saía, bebia com o esquadrão, enquanto Avery preferia lugares quietos, bares escondidos perto de sua casa. Desde que eles começaram a ter algo, Avery nunca havia o acompanhado ou bebido com qualquer outra pessoa do departamento.

Ramirez levantou-se rapidamente.

- Eu conheço o lugar certo - disse.

CAPÍTULO NOVE

- Cacete, Avery! – Finley rosnou com o tom de voz embriagado. – Você derrubou seis caras do Chelsea Death Squad, entre eles Juan Desoto? Não acredito. *Não acredito nessa porra*. Dizem que Desoto é um monstro. Algumas pessoas não acreditam nem que ele existe.

- Ela conseguiu - Ramirez jurou. – Eu estava lá, cara. Estou de dizendo, ela fez isso. Essa mulher é uma mestre do kung-fu ou algo do tipo. Você tinha que ter visto ela. Rápida como a luz. Nunca vi nada daquilo. Como você aprendeu a lutar assim?

- Muitas horas na academia - Avery disse. – Não tinha vida. Não tinha amigos. Só eu, uma mochila e um monte de suor e lágrimas.

- Você tem que me ensinar alguns desses golpes – ele pediu.

- Você se virou bem sozinho lá – Avery disse. – Você me salvou duas vezes, se eu me lembro bem.

- Sim, é verdade - ele concordou para que todos ouvissem.

Eles estavam no Joe's Pub na Canal Street, um bar de tiras a apenas algumas quadras do A1. Na grande mesa de madeira estavam todos que já haviam estado no esquadrão de homicídios com Avery: Finley, Ramirez, Thompson e Jones, além de dois outros tiras de rondas que eram amigos de Finley. O supervisor de Homicídios do A1, Dylan Connelly, estava em outra mesa, não tão longe, bebendo com alguns homens que trabalhavam em sua unidade. De vez em quando, ele olhava para tentar encontrar os olhos de Avery. Ela não chegou a perceber.

Thompson era a maior pessoa no bar inteiro. Praticamente albino, ele tinha a pele muito branca, com cabelos loiros finos, lábios grossos e olhos claros. Bêbado, ele olhou para Avery.

- Eu te derrubaria - ele declarou.

- Eu derrubaria ela - Finley disse. – Ela é uma *menina*. Meninas não lutam. Todo mundo sabe. Deve ter sido sorte. Desoto estava doente e seus homens ficaram todos cegos de repente quando viram a belezinha. Não tem como ela ter derrubado eles em forma. Impossível.

Jones, um jamaicano velho e magro, inclinou-se para frente, realmente interessado.

- Como você derrubou Desoto? – ele perguntou. – Sério, sem papinho de academia. Eu também treinei muito e olhe para mim. Eu mal consigo dar um soco.

- Eu tive sorte - Avery disse.

- Sim, mas como? – Ele queria mesmo saber.

- Jiu-jitsu - ela disse. – Eu costumava correr quando era advogada, mas depois de todo o escândalo, correr pela cidade não era mais o que eu queria. Eu entrei na aula de jiu-jitsu e ficava horas lá, todos os dias. Acho que eu estava tentando expurgar minha alma ou algo do tipo. Eu gostei. Muito. Tanto que o professor me deu as chaves da academia e disse que eu poderia ir quando quisesse.

- Porra de *jiu-jitsu*, - Finley disse como se fosse um palavrão. – Eu não preciso de karatê. Eu só ligo para os meus caras e eles chegam atirando - ele disse e fez o gesto de uma metralhadora. – Eles estouram a cabeça de todo mundo!

Uma rodada de shots foi pedida para comemorar a noite.

Avery jogou sinuca, jogou dardos e, às dez, ela estava morta de cansada. Era a primeira vez que ela de fato saía com sua equipe, e isso lhe deu uma verdadeira sensação de comunidade. Em um raro momento de vulnerabilidade, ela colocou seus braços em volta de Finley na mesa de sinuca.

– Eu gosto de todos vocês - disse.

Finley, parecendo deslumbrado pelo toque e pelo fato de ter uma loira alta e linda a seu lado, ficou sem palavras.

Ramirez ficou no bar, sentado sozinho, onde esteve por toda a noite. Avery caminhou até ele e quase caiu no chão. Ela colocou seu braço em volta do pescoço dele e o deu um beijo na bochecha.

- Está melhor? – Ela perguntou.

- Está doendo.

- Ah - ela murmurou. – Vamos embora daqui. Eu vou fazer você melhorar.

- Não - ele resmungou.

- O que aconteceu?

Ramirez estava perturbado quando virou-se.

- Você - ele disse. – Você é incrível em tudo o que faz. E eu? Eu me sinto jogado de lado às vezes, sabe? Até você aparecer, eu pensava que era um tira dos bons, mas quando nós estamos juntos

eu vejo minhas falhas. Hoje de manhã—quem mais poderia ter impedido aquele cara de atirar naquele tira? Na doca, quem mais poderia ter visto o que você viu? Quem mais poderia ter ido até a cafeteria do Desoto e *derrubado* ele? Você é boa demais, Avery, e isso me faz questionar o meu próprio valor.

- Ah não - Avery disse e aproximou sua testa da dele. – Você é um tira excelente. Você salvou minha vida. *De novo*. Desoto teria quebrado meu pescoço em dois.

- Qualquer um poderia ter feito aquilo - ele disse e se afastou.

- Você é o tira mais bem vestido que eu conheço,- ela disse, - e o mais entusiasmado, e você sempre me faz sorrir com seu jeito positivo.

- Mesmo?

- Claro - ela insistiu. – Eu fico muito presa nos meus pensamentos. Poderia ficar lá por semanas. Você me faz sair da minha bolha e me sentir como mulher.

Ela o beijou nos lábios.

Ramirez abaixou a cabeça.

- Obrigado - ele disse. – Sério, obrigado. Isso significa muito para mim. Estou bem. Só me dê um minuto, ok? Só preciso terminar esse copo e pensar sobre algumas coisas.

- Claro - ela respondeu.

O bar estava ainda mais cheio do que quando eles chegaram. Avery olhou para as pessoas. Thompson e Jones haviam ido embora. Finley estava jogando sinuca. Havia um casal de agentes que ela reconheceu do escritório, mas ninguém que ela quisesse mesmo conversar. Dois homens bem vestidos acenaram para ela e apontaram para alguns drinks. Ela balançou a cabeça.

Imagens apareceram em sua mente: as mãos de Desoto em seu pescoço, e a mulher no barco com a sombra misteriosa e a estrela.

Avery pediu outra bebida e encontrou uma mesa vazia perto dos fundos. Para qualquer pessoa que olhasse, ela sabia que pareceria louca: uma mulher sozinha, com o rosto machucado, mãos na mesa em volta da bebida e os olhos focados no nada, enquanto, por dentro, pensava em tudo o que acontecera no dia e tentava achar conexões.

Desoto, nada.

Os pais, nada.

Amigos? Avery se deu conta de que precisaria segui-los em algum momento, provavelmente logo.

Por que o assassino desenhou uma estrela? Ela tentou imaginar.

Ela pensou sobre o apartamento onde o assassinato aconteceu, os livros, as roupas no cesto e o tapete faltando. *Ele é grande, ela pensou, e forte, e ele definitivamente tem algo no ombro. As câmeras estavam inativas, o que significa que ele também é dissimulado. Teve treinamento militar? Talvez.*

Ela pensou por outro ângulo.

Com certeza foi algo pessoal, ela ponderou. Vasculhe o passado de Venemeer. Encontre quem mais trabalhava na livraria ou namorou com ela na escola. Faça uma lista. Depois que você tiver a lista, talvez fale com os pais novamente e eles poderão ajudar.

Peças iam ganhando forma, peças de um quebra-cabeça que ela ainda tinha que completar.

Ramirez apareceu em pé em frente a ela, olhando.

- Ei - Avery disse e cobriu o rosto, envergonhada.

- Olhe para você – ele devolveu o sorriso. – O que está fazendo? Suas bochechas se avermelharam.

- Eu trabalho assim - ela disse.

Ele sentou ao lado dela.

- Como? – Perguntou. – Me diga.

- Eu só... entro na minha mente. – Ela disse. – Todos os fatos.

Todas as peças. Tento procurar conexões mentalmente. Criei uma lista de pistas para seguir para que nós não deixemos nada passar. Tenho que estar alerta.

- Por que? – ele perguntou. – Por que você é tão boa nisso?

A imagem de seu pai veio em sua mente, com a arma na mão, apontada para seu rosto. “Pare de chorar ou eu vou te dar um motivo para chorar!”

Fuja, ela pensou.

Isso era o que Avery mais queria na maior parte de sua vida: fugir de seu passado. Mas escapar significava que ela precisaria de um plano, e planos sempre davam um jeito de dar errado.

- Era o único jeito de fugir - ela disse.

- Fugir? Do que?

Avery olhou para ele, e compartilhou uma informação que ela não abria há anos.

- Eu fui órfã. Você sabia?

Ramirez encostou-se, impressionado.

- Não! – Ele disse. – Eu nunca pensaria isso. Eu sou *mesmo* um tira horrível.

- Não pense assim - ela sorriu e segurou a mão dele.

- Enfim - ela continuou, - eu fui uma criança adotiva por uns seis anos. Passei por muitas casas, fui acolhida por algumas famílias. Mães de casa. Assim elas eram chamadas. Eles ganhavam dinheiro para acolher jovens sem outro lugar para ir. Todo mundo ficava feliz. O estado limpava suas mãos sobre os órfãos e pessoas horríveis ganhavam seus escravos.

- Avery. Eu sinto *muito*.

- Teve uma dessas casas—

Um jornal foi colocado em sua mesa.

Dylan Connelly apareceu.

- Você viu isso? – Ele disse. – Edição da noite. Está na internet. Uma cópia da carta que foi enviada para o A7. O'Malley está esperando por nós. Quer a equipe inteira lá para ver o que temos até agora. É sobre o seu assassino.

A capa do jornal dizia: *Assassinato na Marina*, e mostrava uma foto da vítima na proa do iate, ancorado no píer. Linhas do artigo diziam: “Saliva na carta bate com a da mulher morta”, e “possível conexão com livraria”. Avery fora mencionada duas vezes pelo nome; uma como investigadora do A1 trazida para ajudar no caso, e outra como um possível interesse amoroso do assassino em série capturado, Howard Randall.

Um subtítulo dizia: *Carta do assassino!* A foto mostrava, com zoom, as palavras rabiscadas em um papel.

Avery virou a página.

A carta estava uma página inteira. A nota do assassino estava escrita como um poema:

Como você pode quebrar o ciclo?

Como você pode tirar vantagem de cada momento na vida?

Eu encontrei a chave.

*Eu posso liberar o prêmio.
Venham todos os que se atrevem.
Eu os desafio.
O primeiro corpo já foi. Mais virão.*

Avery terminou de ler com seu corpo inteiro tremendo.
Mais virão.
Ela sabia, com repentina certeza, que ele estava certo.

CAPÍTULO DEZ

Antes mesmo de Avery e Ramirez entrarem na sala de conferências do A1, eles puderam ouvir O'Malley gritando no telefone.

- Totalmente inaceitável, Will! Vocês deveriam compartilhar tudo conosco! Nós estamos cuidando do caso agora. Mas ao invés disso, você recebeu uma evidência enorme e decidiu manter para si. Quando você ia me ligar?

- Nós recebemos a carta hoje à tarde, mas o assassino fez cópias. Pelo que eu sei, ele mandou para *todos* os jornais.

- Não tem como os jornais saberem que aquela mancha no fim da carta era saliva. Isso só pode ter sido vazado pelo seu departamento. Então você recebeu a carta, mandou os peritos analisarem, descobriram a saliva da vítima e depois contaram para alguém. É o único jeito disso ter acontecido, Will. A primeira ligação que você deveria ter feito era para a Detetive Black. Você sabe onde eu estou agora? No escritório. Porque você não fez seu trabalho, e agora nós temos um pesadelo público nas mãos e o prefeito está puto!

- Calma, Mike, calma.

- Não vou me acalmar até você me falar a verdade!

- A verdade é que nós não tínhamos nem ideia de que a carta estava conectada com a vítima que encontramos de manhã. Veio pelo correio normal, foi aberta por alguém daqui, e enviaram para os peritos. Só então ficamos sabendo que tinha uma ligação.

- Quem ligou para os jornais?

- Eles devem ter ligado para nós.

- O vazamento só pode ter saído do seu departamento.

- Eu vou cuidar disso.

- É *melhor* que você cuide, e da próxima vez, esperamos uma ligação.

Ele desligou.

- Merda! – Ele reclamou.

Dylan Connelly sentou-se.

- Capitão, por que você não vai para casa? – Ele disse. – Eu posso cuidar disso.

- Eu não posso ir a nenhum lugar agora - O'Malley respondeu, - porque o prefeito me colocou nessa campanha de Todos-deem-as-mãos-contra-o-crime e agora eu estou ferrado. Não se preocupe. Eu vou para casa logo. Vocês estão aqui para ouvir tudo o que puderem de Black e Ramirez e agirem junto com Simms no A7 para que isso não aconteça de novo. Vocês dois são amigos, certo?

- Nós fomos juntos para a academia.

- Bom. Assim que terminarem aqui, ligue para ele. Se ele não quer falar comigo ou com a Black, que ele pelo menos fale com você.

- Pode ser que não seja culpa dele - Avery disse. – Ele estava um pouco ocupado mais cedo.

- Ah, sim - O'Malley disse. – Isso me lembra algo. Belo rosto - ele apontou para Avery. – Que porra você foi fazer na sede da gangue do Juan Desoto?

- Era uma pista. Nós estávamos seguindo.

- Você deveria ter *falado* com ele - O'Malley disse. – Ao invés disso, o A7 tem cinco caras em uma cela e um no hospital. Como sabemos que eles não vão prestar queixas?

- Estava limpo, Capitão - Ramirez disse. – Nós entramos—

- Eu perguntei algo para você? – O'Malley esbravejou. – Não perguntei. Não por nada, Ramirez, mas a Black é a líder nesse caso e foi decisão dela entrar. O que aconteceu?

- Nós só queríamos conversar. Desoto transformou em algo pessoal. Parece que eu preendi o primo dele anos atrás, mas eu não lembro. Desoto tentou me matar primeiro—nós dois na verdade - ela se corrigiu, olhando para Ramirez. – Se nós não tivéssemos lutado muito, estaríamos os dois mortos.

- Tarefas de departamentos cruzados – O'Malley disse. – Que merda. Bem, se cuide. Desoto não vai deixar barato. Nada aconteceu ainda, mas eu ficaria atento por enquanto, e você deveria também. Agora - ele suspirou, - de volta para essa carta. Holt e a equipe dele procuraram digitais. Nada. Tentar buscar pela tinta da caneta é inútil. Temos um estilo de escrita, mas até que tenhamos um suspeito, isso não serve para nada. Ninguém sabe como a carta chegou na caixa de correio. O cara deve ser um fantasma. Alguma ideia? Alguém? – Ele disse olhando para Ramirez. – Eu te garanto,

o A7 vai tentar estragar esse caso só para provar que eles não precisavam da nossa ajuda.

Uma cópia da carta estava em cima da mesa. Avery inclinou-se para investigar cada linha.

- 'Quebrar o ciclo' - ela leu, - 'tirar vantagem de cada momento'. A vítima tinha uma livraria espiritual. Autoajuda, vida após a morte. Parece algo que um guru de autoajuda diria. Talvez se nós combinarmos isso com algum livros, podemos encontrar uma conexão.

Ninguém mais disse nada.

Todos olharam entre si pelos próximos dez minutos e deram ideias aleatórias, mas nenhuma delas parecia certa para Avery, e ela imaginou as peças do quebra-cabeças movendo-se para cada vez mas longe.

CAPÍTULO ONZE

O dia intenso finalmente estava terminando com Avery dirigindo para casa. De repente, ela se viu em sua antiga rua, dirigindo para seu antigo apartamento no sul de Boston.

Uou, ela pensou.

Rapidamente, fez a volta e seguiu na direção certa.

Após seu último caso, Avery não havia apenas trocado de carro, mas também tinha se dado conta de que seria melhor—mentalmente e fisicamente—se ela se mudasse para um bairro novo. Ainda que ela sempre tivesse gostado de seu apartamento antigo, ele estava cheio de memórias de sua vida passada; ela o comprara logo depois de deixar seu poderoso trabalho na Seymour & Finch, e na única vez em que sua filha, Rose, a visitara, a primeira frase dela fora: “Esse lugar é escuro e miserável; parece um lugar onde as pessoas vão para morrer.”

Sua nova casa ficava na Claremont Street, no distrito de Columbus, em Boston. O dinheiro de seu antigo apartamento a permitiu comprar um espaço ainda maior de dois quartos que, durante o dia, reluzia a luz do sol na direção das árvores e de uma varanda exterior. Junto com as muitas janelas, o lugar fazia Avery sentir-se uma pessoa totalmente diferente.

Ela estacionou e saiu do carro.

A entrada de sua enorme casa nova estava cheia de caixas, inúmeras caixas que não haviam sido abertas. Caixas no quarto continham suas roupas e um único colchão fora jogado no chão com um lençol e um cobertor para dormir. Ainda assim, Avery podia sentir quão longe havia chegado. A nova casa e o novo carro eram muito diferentes da vida que ela deixara para trás em Ohio. Todas as vezes em que se sentia perdida ou para baixo, ela pensava nisso. *Você veio do nada*, ela dizia a si mesma, *e se tornou uma advogada poderosa e agora uma policial. Lembre-se disso*.

Exausta, mas ainda intrigada, Avery escovou seus dentes e se jogou no colchão.

O sono se recusava a chegar.

A carta do assassino estava fresca em sua mente. Ela escreveu cada palavra em seu telefone e procurou alguma conexão. Não

encontrou nada.

Imagens bombardeavam sua mente: o barco, o apartamento, a cerca do outro lado da rua, todos os livros que ela havia visto nas prateleiras de Venemeer, e o corpo com a estrela escondida e a sombra misteriosa.

O crime deve ter sido algo pessoal, ela pensou, e o jeito que o corpo foi deixado é coisa de assassino em série. Ninguém mais deixaria uma marca tão profunda sem motivo.

Ela procurou novos artigos no telefone, não só de Boston mas também de toda Massachusetts e dos estados em volta. Ela estava procurando por algo que fosse relacionado ao que havia visto no iate: um corpo colocado de certa maneira após a morte, possivelmente na água. Muitas imagens apareceram de muitos casos antigos, todas relacionadas com assassinos em série. Nenhum deles parecia ter algo a ver com o que ela havia testemunhado.

Ela colocou seu telefone de lado.

Olhou para o teto.

O que você está deixando passar? Imaginou.

Uma voz antiga e familiar voltou a sua mente: “Você tem que pensar como um assassino, Avery. Ele não quer ser *pego*, mas ele está ansioso para te contar tudo. Você tem que pensar como ele para ver nas entrelinhas.”

Ainda que Howard Randall fosse um assassino psicopata que quase destruía sua vida, Avery sentira uma estranha conexão com ele pelos últimos cinco anos. A palavra “mentor” parecia resumir a união deles. Seu pai nunca tinha sido um verdadeiro pai; sua mãe era ainda pior. As famílias adotivas de sua juventude só a tornaram rebelde contra a sociedade. Houve mentores aqui e ali: um treinador de ensino médio que a ajudou a entrar na faculdade; Jane Seymour, o líder da Seymour & Finch; e Howard.

Você não precisa de Howard para resolver este caso ou qualquer outro, ela lutou internamente. É verdade, se deu conta. Mas ele sempre acompanha seus casos. E o que ele descobre apenas pelos jornais é fascinante. Talvez ele tenha alguma ideia.

Ela riu de seu próprio pensamento.

Para que? Ela pensou. *Você disse tchau. Deixou ele para trás.*

Ainda assim, ela não conseguia se livrar da ideia.

Os jornais vão se aproveitar de você. Mas e daí? Eles já estão fazendo isso. O'Malley vai te matar. Randall pode ajudar! Procure as amigas e funcionárias da Venemeer primeiro, ela pensou. Analise cada detalhe antes de cometer um erro tão estúpido.

Sua cabeça caiu no travesseiro.

Com os olhos abertos, ela olhou para a parede e pensou em suas opções.

CAPÍTULO DOZE

Ele fez notas meticulosas, escritas em papel com abreviações, e revisou tudo antes de terminar a tarefa. *Câmera naquela rua. Mulher de nariz grande sempre caminha com seu cachorro à noite. Prédio tem duas entradas de segurança e câmeras.*

Um desenho detalhado veio a sua mente, como o universo com estrelas brilhantes e um fundo escuro. As estrelas eram pessoas, as câmeras de segurança e os locais incertos, e o escuro eram as ruas e os prédios que não interessavam a ele.

De repente, seu corpo se contraiu, uma reação involuntária que ele acreditava vir de uma série de tratamentos com diferentes drogas que provaram ser ineficazes. *Médicos, ele pensou. Mentirosos. Todos eles. Todos por dinheiro. Tenho uma prescrição melhor.*

Às onze e vinte e dois da noite, caminhou algumas quadras para o norte. Ele claramente mancava. Entrou na estação Charles Street, no oeste, que tinha uma ultramoderna estrutura de vidro. Ainda que fosse tarde, a estação estava lotada. O assassino ignorou a todos. Nenhum daqueles corpos sem nome entendiam o que ele estava fazendo, e nenhum deles poderia controlar seus destinos. Não como ele, que havia visto os sinais.

Ele seguiu com a cabeça baixa para esconder seu rosto da primeira câmera quando passou seu cartão para entrar. Ao invés de esperar pelo trem, permaneceu fora da vista da câmera, perto da parede de vidro, com suas costas viradas para os trilhos.

Ele olhou para o relógio.

Onze e meia.

Pelo vidro pintado de azul da estação, ele podia claramente ver um prédio baixo de apartamentos ao longe.

Exatamente às onze e trinta e nove, ele viu algo no terraço, uma pessoa e algum tipo de objeto grande que estava junto a ela.

Ele puxou seus binóculos de militar de sua mochila.

Pelas lentes, ele podia claramente ver uma mulher alta e magra, de cabelos loiros e lisos, no terraço. Suas mãos estavam em volta de um telescópio preto. De vez em quando, ela virava as lentes e direcionava seu foco para um ponto em particular no céu, olhava, e

o ajustava. Quando finalmente encontrou o que estava procurando, ficou visivelmente apacada, olhando pelas lentes por vários minutos.

Ele direcionou seu binóculo para o mesmo lugar que a mulher estava olhando com o telescópio.

Era difícil ver estrelas. Ele abaixou o binóculo e olhou para o céu através do vidro azul. As estrelas tinham um efeito calmante sobre ele.

A olho nu, ele olhou novamente para a mulher.

Desculpe, pensou. É o único jeito.

Depois, de repente, tudo ficou vermelho em sua mente. Um vermelho sangue que fazia seu coração bater mais rápido e o fazia olhar em volta, apressado pela adrenalina.

Não peça desculpas a ela, ele pensou. Ela é o problema. Logo, ela será a solução.

CAPÍTULO TREZE

Um zumbido estranho acordou Avery de seu sono profundo.

Grogue e de ressaca, ela espiou. A luz do sol entrava pela imensa janela de seu quarto. Ela estava de bruços, vestindo apenas uma camiseta.

O zumbido continuou.

Ela olhou seu telefone. Já passava das nove—ela havia dormido muito mais do que pretendia e do que havia dormido em muito tempo. Tinha cinco ligações não atendidas. Várias mensagens de texto. Todas eram de sua filha, Rose. *Está tudo certo para hoje de manhã? Estou indo. Ei, qual seu endereço mesmo? Estou aqui! Cadê você? Seu carro está aqui então eu sei que você está em casa! Mãe! Responda minhas mensagens!*

Merda, Avery pensou.

Era quinta-feira de manhã, o primeiro dia de folga da semana, e Rose combinara de visita-la para ajudar a tirar as coisas das caixas.

Avery levantou e vestiu qualquer shorts.

Quando abriu a porta da frente, a alegria que ela sentiu em ver sua filha no outro lado confrontou-se com a expressão terrível no rosto de Rose.

- Onde você estava? – Rose reclamou. – Estou ligando e mandando mensagens a manhã inteira.

Rose era a imagem esculpida de Avery. As duas tinham cabelos castanho-claro tingidos de loiro, olhos azuis, narizes pequenos e bochechas altas. Apenas um pouco mais baixa do que Avery, ela vestia um macacão e uma camiseta, preparada para a tarefa do dia.

- Eu sinto *muito* - Avery desculpou-se.

Ela abraçou Rose e a chamou para entrar.

Rose cheirou o ar.

- Você está bêbada? – Ela franziu a testa. – Você está cheirando a álcool.

- Não - Avery respondeu. – Eu tomei alguns drinks com minha equipe ontem. Acabei de acordar. Ainda nem escovei os dentes!

- O que aconteceu com seu rosto?

- Uh - Avery resmungou. – Briga com uma gangue.

- *Você lutou com uma gangue?*

Avery inclinou-se para trás e pôs suas mãos no quadril da filha.

- Sabe - ela disse, - meus três primeiros anos na polícia...

Quando nós quase não nos falávamos? Eu lutei com *muitas* gangues, e quase sempre ganhei.

- Quem ganhou dessa vez?

- O que você acha? – Ela sorriu.

Rose assentiu com a cabeça.

- Legal.

Elas olharam-se por alguns momentos. Rose acabou ficando vermelha e desviou o olhar, mexendo as mãos como se quisesse recomeçar o encontro.

- Ok, ok - ela disse. – Tudo bem. Vamos começar.

Ela passou por Avery e analisou o apartamento pela primeira vez.

- Esse lugar é enorme!

O espaço gigante era pintado de creme. Os pisos eram de madeira. A sala estava cheia de caixas, um sofá e uma prateleira de livros. Uma grande cozinha ficava à esquerda e também estava cheia de caixas. À direita, havia um corredor com dois quartos e dois banheiros.

A porta da varanda se abriu e Rose foi até a parte de fora.

- Esse terraço é maior do que o seu antigo. Como você pode pagar por isso tudo?

Avery também saiu.

- Fiz alguns investimentos quando era mais nova - ela respondeu.

– Você e eu deveríamos falar sobre isso um dia quando você estiver pronta para trabalhar. É importante.

- Você ainda tinha dinheiro depois do papai?

Avery inclinou a cabeça.

- Sim. Quer dizer, tive que pagar pensão alimentícia e dar a ele quase metade do meu salário, mas ele cuidou de você durante meus anos de ladeira abaixo. Mas agora gastei tudo. A casa nova e o carro novo levaram tudo. Bom, menos o dinheiro da sua faculdade. – Ela sorriu.

Rose inclinou-se na varanda e baixou seu olhar. Colocou um pé para trás de um jeito brincalhão e olhou para Avery.

- O papai está solteiro de novo - ela disse.

Por dentro, Avery suspirou.

Ela já havia passado por isso. Quando Rose era mais nova e Jack e Avery já estavam brigando muito, ela sempre escutava a mesma coisa: “Mãe, por que vocês não podem fazer dar certo? O papai não quer terminar. Você pode tentar mais um pouco? Por favor? Por mim? Você não quer manter nossa família unida?”

Os esforços foram intermináveis.

Não que Avery não amasse Jack; em vários sentidos, ela ainda amava. Quando eles se conheceram, como calouros na Boston University, ele tinha um espírito infinito: divertido e aventureiro, sempre olhando para o lado bom da vida. A chegada de Rose mudara tudo. *Bem, Avery admitira, você foi quem mudou.* A energia e entusiasmo de Jack simplesmente não eram suficientes para cuidar de uma recém-nascida e permitir que Avery continuasse com suas metas de carreira. “Eu quero ser advogada,” ela dissera a ele, “a melhor advogada de Boston.” “E Rose?” ele respondera. “E eu? E nós? Onde ficam nossos planos?” A verdade era que eles não tinham planos. O casamento e o bebê haviam chegado como uma tempestade e Avery simplesmente não estava preparada para sacrificar seus próprios sonhos. No fim, seus sonhos acabaram se sobressaindo.

- Rose - ela disse, - não acho que seu pai me queira de volta.

- Ele fala de você o tempo todo - ela respondeu. – Digo, você esteve em todos os jornais por um mês! Ele acompanhou o caso todos os dias. Juro, mãe, ele tem esse olhar apaixonado sempre que seu nome aparece. Ninguém se compara a você.

Um sentimento surpreendente invadiu Avery ao pensar em um relacionamento com Jack: esperança. Quando eles estavam juntos, ele era bacana, amável e sempre pronto para ajudar. O jeito que ele a tratava a inspirara em seus tempos de estudante, com uma vida inteira pela frente, mas tornaram-se um mantra irritante durante a faculdade de direito.

Talvez ele tenha mudado, ela pensou. Eu sei que mudei.

- Agora realmente não é a hora - ela disse. – Estou no meio de um caso dos grande. *Ei* - ela tentou mudar de assunto, - achei que você tivesse vindo aqui para me ajudar com as caixas.

Rose virou-se com um brilho nos olhos.

- Não ainda - ela disse. – Me prometa algo. Você disse que viria ao meu campus na sexta para analisar a Northeastern, certo? Eu sei onde estão todos os lugares bacanas. Poderíamos fazer um piquenique. Comer algo, sentar no gramado. O que você acha?

- Rose—

- Não vai ser nada, mãe. Digo, eu estou a apenas cinco minutos dirigindo daqui. E quando foi a última vez que vocês estiveram juntos em uma sala? Faz anos, não faz? Bem, agora vocês não precisam estar em uma sala. Vocês podem estar a céu aberto. Por favor - ela implorou e pulou nos braços da mãe. – Só dessa vez? Se as coisas derem errado eu nunca mais falo sobre isso.

Avery balançou a cabeça, sorrindo.

- Você é muito convincente, sabia?

- Peguei isso da minha mãe. Quem sabe? Talvez eu me torne uma advogada um dia. Estou pensando sobre isso. Northeastern tem uma excelente faculdade de direito. Então? Isso foi um sim?

Acho que não pode ser tão ruim, Avery pensou.

Ela não via Jack há eras. A atitude positiva dele poderia ser uma mudança de boas-vindas da intensa realidade do submundo de Boston. Por alguma razão, Ramirez veio a sua mente. Avery suspirou. *O que você vai fazer em relação a ele?*

- Ok - ela disse. Por que não?

- *Oba!* – Rose comemorou.

O telefone de Avery estava na mesa do terraço. O aparelho tocou. Estava no silencioso, mas o nome do contato estava fácil de ler de onde ela estava: Seymour & Finch. Ver aquele nome provocou náuseas em Avery. Seu rosto empalideceu.

- O que foi, mãe?

Seymour & Finch, a gigante firma de advocacia que a contratara após a faculdade e a preparara para ser a advogada poderosa que ela se tornou. Dirigida por Jane Seymour e Danish Finch, a organização multimilionária defendia todos os patrões do crime mais ricos de Boston.

- É seu antigo escritório? – Rose disse. – O que *e/les* podem querer?

- Vamos descobrir - Avery disse.

Ela atendeu.

- Alô?

- Oi, Avery? É Jane! Obrigado por atender! Como você vai?

Por muito tempo, Jane Seymour foi a mulher que Avery tentou ser, uma negociadora mortal que vestia ternos Armani, com um sorriso que fazia homens desmaiarem apesar de sua idade avançada.

- Oi, Jane. Estou bem - Avery disse com uma careta horrível para Rose. – O que aconteceu?

- Escute, Avery. Vou ser direta. Nós sentimos sua falta. Muita coisa aconteceu nos últimos anos, mas tudo mudou agora. Queremos que você volte.

- Você está dizendo que você querem que eu volte para empresa?

Rose arregalou os olhos e colocou as mãos na boca.

- Achamos que foi um erro você ter saído – Jane continuou.

- Vocês me demitiram, Jane.

- Você nunca foi *demitida*. – Jane rapidamente respondeu. – Não sei se você lembra, mas naquela época, nós *todos* achamos que seria benéfico se nós nos separássemos por um tempo. Nunca dissemos que era para sempre, e sim apenas até as notícias acabarem. Bom, agora é hora! Você ganhou o coração e a mente do público de novo, Avery, e eu tenho orgulho de você. Todos no escritório acompanharam seu último caso. Mas vamos ser honestos. Você quer mesmo ser uma policial para sempre? Pegue sua vida de volta! Eu e Danish já discutimos isso. Você pode voltar com o mesmo salário e continuar como se você nunca tivesse saído. Uma porta se abriu, e quem sabe o que pode acontecer em alguns anos? Talvez você pode até ser sócia. O que você acha disso? Seymour, Finch & Black? Eu gosto de como esse nome soa, você não?

A oferta era tão assustadora quanto surpreendente.

Nunca, em um milhão de anos, Avery pensaria que receberia uma ligação de Jane Seymour, uma mulher que havia sido uma mãe para ela, uma mentora e confidente durante todos os anos no escritório. Isso até Avery defender Howard Randall, o infame professor de Harvard acusado de assassinato, e ganhar o caso. Só que Randall era, de fato, o assassino, e ele voltou a matar e

confessou seus crimes como sendo uma maneira de destruir a vida de Avery—e o plano funcionara.

Os dias e semanas depois da rendição de Howard Randall à polícia foram um pesadelo. Escritórios de advocacia em Boston e pelo país estiveram na mira de toda a mídia. “Em que tipo de sociedade estamos vivendo?” Um dos canais dissera, “quando um animal pode ser defendido e libertado por uma boa advogada e um júri ruim?” As notícias negativas eram piores para a Seymour & Finch, uma empresa que já estivera nos jornais por defesas similares de criminosos de Boston. Howard Randall fora o último, e a única maneira da companhia salvar sua imagem era oferecer um bode expiatório, alguém que levasse a culpa por todos os seus crimes.

- Uou - Avery disse. – Que surpresa. Não sei o que dizer.

- Não diga nada - Jane recomendou. – Tome seu tempo. Pense sobre isso. É uma oferta séria, Avery. Uma oferta da *empresa*. Quanto você está ganhando? Sessenta e cinco? Setenta mil, no máximo? Esse é o tipo de vida que você quer viver? Você tem uma filha, Rose, certo? E, falando sério, você deve sentir falta das nossas aventuras fazendo compras, certo?

Cifrões de dólares entraram na alma de Avery.

Ela ganhava muito pouco agora, centavos se comparado ao que ela ganhava como advogada. Ainda assim, o dinheiro não era o maior problema. A faculdade de Rose já estava paga, e na verdade, Avery não precisava mais de dinheiro. O que mais importava para ela agora era a justiça. *Você teria isso na Seymour & Finch?* Ela pensou. *Não mesmo. Eu seria forçada a defender o lixo da terra para ganhar meu dinheiro, e não posso mais fazer isso.* A imagem de Howard Randall veio a sua mente, bem como a bem vestida e sagaz versão dela mesma quando advogava. Um olhar para o novo apartamento e o guarda-roupa fez Avery perceber que o que ela mais amava agora era fazer a diferença, proteger os fracos e vingar a morte.

- Escute, Jane - ela disse. – Vou ser honesta. Essa oferta é incrível, e eu realmente agradeço, mas eu não preciso de tempo para tomar minha decisão. A resposta é não.

- Pense nisso - Jane riu. – Fale com sua família. Veja o que acontece. Vou ligar novamente em alguns dias. Estou te dizendo, Avery, você está deixando passar seu verdadeiro chamado. Você foi a melhor que eu já vi, com exceção de mim, claro - ela riu. – E não pense sobre Danish. Ele está totalmente de acordo. Cem por cento. Todos nós queremos você de volta.

Avery olhou para Rose, que segurava seus braços como se perguntasse: *O que está havendo?*

Você perdeu sua vida naquele escritório, Avery pensou. Você se esqueceu de Rose, ignorou Jack, você arruinou seu casamento e isso te destruiu. Agora, você tem sua vida de volta. Não faça isso de novo. Deixe para lá.

- Eu sinto falta das nossas compras juntas, Jane. E eu sinto falta do seu espírito de luta e atitude que impressiona qualquer um. Você é mesmo única. Mas isso é tudo o que eu sinto falta da empresa. A resposta ainda é não, mas se você quiser almoçar ou me ajudar a elevar o nível do meu guarda-roupas, eu aceito.

- Eu sinto por ouvir você dizer isso, Avery. Tudo bem! Deus sabe que quando Avery Black toma uma decisão, nada muda. Mas a oferta continua. Pense nisso, Avery. Se você um dia quiser seu trabalho de volta, ele está aqui.

- Obrigada, Jane.

- Não, obrigada você, Avery, por todos os anos de trabalho duro e sacrifício.

Avery desligou o telefone.

- Você acabou de recusar uma oferta do maior escritório de Boston? – Rose perguntou.

- Acho que sim.

- Você ama ser tira tanto assim?

Detetive, Avery pensou. Eu sou detetive agora. Não era uma palavra que Avery havia relacionado a ela mesma quando criança ou mesmo quando adulta. Quando era jovem, sair de Ohio e fugir de seus pais havia sido sua única meta. A advocacia a deu isso e muito mais. Depois de Howard Randall, no entanto, ela foi forçada a repensar seus conceitos de mundo e sobre si mesma. O que ela descobrira fora que ela não queria dinheiro ou fama, mas justiça. Ser detetive a permitia buscar por justiça, e corrigir os erros do

mundo. Além disso, ela podia carregar uma arma. *O que mais uma garota poderia querer?* Ela imaginou.

- Sim - ela disse. – Eu amo mesmo ser policial.

Rose assentiu, séria.

- Bem, então - ela disse, - estou orgulhosa de você, mãe. Você teve que ser forte. Não sei se eu conseguiria recusar uma oferta assim.

- Espere um pouco - Avery disse, - quanto mais você vive, mais você aprende. E acredite em mim, você nunca sabe quem você pode se tornar.

CAPÍTULO QUATORZE

Durante a manhã e o começo da tarde, o celular de Avery continuou recebendo mensagens de O'Malley e Connelly. "Você já desvendou o mistério?" "O que você conseguiu sobre os amigos de Venemeer?" Além disso, o jornal da manhã trazia outro artigo sobre o assassinato na marinha e a carta anônima do assassino. Avery tentara deixar sua mente longe de tudo. *Estou aqui com minha filha,* ela pensou, *que eu nunca vejo. No meu dia de folga.* Ainda assim, era quase impossível não pensar sobre o caso.

À uma hora, Rose estava tomando sol na varanda.

- Ei! – Ela chamou. – Você quer almoçar?

A mente de Avery respondeu: *Almoço? Você não pode almoçar. Você tem um assassino à solta. Por quanto tempo mais? Seu tempo de folga acabou.*

- Acho que não - Avery disse, - preciso fazer algumas coisas no trabalho.

- Trabalho? Pensei que você estivesse de folga quinta e sexta.

- Tecnicamente, meu final de semana começou hoje - Avery disse. – Na prática, sou policial, e policiais correm atrás de assassinos, e assassinos não têm hora para matar.

- Que profundo, mãe.

Uma chamada de Ramirez fez o celular tocar.

Ansiosa para voltar ao trabalho, Avery atendeu.

- E aí? – Ela disse.

- Ei - ele respondeu. – Sei que é seu dia de folga e tal, então não quero te incomodar, mas falei com duas das melhores amigas da Venemeer.

- Espere aí - ela respondeu, - é seu dia de folga também.

- Eu sei - ele concordou. – Mas você me inspira, Black. Você é uma detetive estrela que acabou de derrubar seis caras de uma gangue e não conseguiu nem relaxar no bar para comemorar. Se é para ser seu parceiro, e talvez mais - ele adicionou em um tom tímido e reservado, - eu tenho que te mostrar que eu estou a postos, sempre—assim como você.

As palavras tocaram Avery. Ela não achava que ninguém fosse tão dedicado quanto ela quando se tratava de caçar criminosos. O

fato de Ramirez querer melhorar seu trabalho, mesmo depois da conversa que eles tiveram na noite anterior, a fez sentir algo vago e caloroso. *Talvez eu tenha freado nossa relação muito rápido*, ela pensou. *Talvez isso possa dar certo*.

- Estou impressionada - ela disse. – O que você encontrou?

- Não consegui dormir à noite - ele respondeu. – Levantei às seis. Então liguei para o Simms e comecei a trabalhar. Voltei ao apartamento da Venemeer, olhei as coisas pessoais, fotos, chequei uma lista de ligações que Simms tinha feito, e encontrei duas melhores amigas que ela via ou telefonava rotineiramente. Uma delas é a gerente da livraria. Ela disse que a maioria dos funcionários são novos, de um ano para menos, e ela jurou que nenhum deles cometeria um crime. Ela sugeriu que a gente investigasse mais atrás, pessoas que trabalharam lá de três a cinco anos atrás. Ela disse que houve uns loucos com quem Venemeer teve que lidar quando abriu a livraria. Vou atrás disso em seguida.

Avery olhou para Rose na varanda.

- Excelente trabalho - ela disse.

- Tem mais - ele continuou. – A segunda amiga confirmou tudo o que a primeira disse, e também mencionou que Venemeer trocava de hobbies ou interesses a cada ano mais ou menos. Ano passado ela gostava de gatos e cachorros, então ela pediu um monte de livros sobre isso para a livraria. Um ano antes, ela pediu muitos livros de conselhos de relacionamentos, porque ela tinha acabado de sair de uma relação complicada. Ela me deu o nome do tal namorado. Ele está na lista também.

- Você foi longe - Avery disse. – Você fez a lista que *eu* deveria ter feito.

- Você quer trabalhar comigo? – Ele perguntou. – Eu sei que você não está conseguindo relaxar depois daquela carta do assassino. Você já descobriu algo?

Não, Avery pensou. *Não descobri nada*.

O rosto de Howard Randall invadiu seus pensamentos, o homem velho e enrugado com seus copos de Coca-Cola, cabelo grosso e olhos poderosos e observadores.

- Não descobri nada sobre a carta - ela disse. – Não tenho certeza sobre o resto do dia. Pensei que talvez devesse consultar

um profissional.

- Um profissional? Quem?
 - Você não vai querer saber.
 - Eu *quero* saber. Quem?
 - Howard Randall - ela disse.
 - Você está louca?! Esse cara arruinou sua vida. Ele armou para você! Eu nunca entendi porque você foi ver ele no caso Peet.
 - Não consigo explicar - ela disse.
 - O que os jornais dizem é verdade? – Ele perguntou. – Vocês... sabe?
 - Não! – Avery respondeu. – Nada disso. Ele é apenas como um... Isso vai parecer ridículo então é melhor você não rir.
 - Não vou rir.
 - Ele é como se fosse a figura de um pai para mim.
- Dizer aquelas palavras, de certa maneira, deram a Avery um sentimento de alívio.
- Eu nunca tive um pai de verdade - ela continuou. – Eu sei que é louco. Acredite em mim. Eu sei. Mas parte dele, de algum jeito estranho, *se preocupa* comigo.
 - Não vou mentir e dizer que eu entendo isso.
 - Não estou pedindo para você entender.
 - Mesmo assim - Ramirez disse, - eu confio em você. Você já passou por muita coisa nessa relação, então isso deve ser importante. Você acha mesmo que ele pode ajudar?
- Avery roeu suas unhas.
- Vamos ver.

CAPÍTULO QUINZE

Howard Randall parecia ter envelhecido desde a última vez em que Avery o havia visto. Seus ombros estavam caídos e os tons grisalhos e linhas de seu rosto o faziam parecer muito mais velho do que seus cinquenta e poucos anos. Eles sentaram em uma sala de reuniões cinzenta, no nível B, reservada para os prisioneiros mais perigosos, que estavam confinados na solitária. Ele vestia um macacão alaranjado e suas mãos estavam algemadas à mesa em frente a ele.

- Eu *sabia* que você ia voltar - ele sussurrou com a cabeça baixa.
- Estou feliz em te ver, Avery. O que aconteceu com seu rosto?

- Briga de gangues - ela disse.

- Briga de gangues? - Ele perguntou, assustado. - Com quem?

- Juan Desoto. Um assassino de aluguel e os caras dele.

- Ele fez isso com seu rosto? - Howard perguntou.

- Sim.

- Hmm.

- Por que você ainda está no Bloco B? - Avery disse.

Howard olhou para ela com uma alegria de criança.

- A cadeia é um lugar divertido - ele respondeu, - um lugar *fascinante*. Fora desses muros—em um mundo que eu amava de verdade—Eu estava confinado, preso nas minhas maneiras. Eu vejo isso agora. Aqui, tudo é possível. Nós vivemos em um grande tubo de ensaio, um grande experimento, onde não há repercussão para seus atos. Você pode matar alguém aqui, esfaquear, esmagar um cérebro, e para onde você vai? Nenhum lugar. Para cá. Para o Bloco B, na mesma prisão. Ganhando a mesma comida. Dormindo na mesma boa cama. Lá fora, no mundo real, sempre havia o medo de ser pego, de ser *conhecido*. Aqui, todo mundo sabe quem eu sou.

- Você não respondeu minha pergunta.

Ele levantou seu queixo e tentou diminuir a importância do que disse em seguida.

- Nada sério - ele disse. Usei minhas próprias mãos para furar o esôfago de um jovem muito desbocado. Você sabia? Eu esmaguei a garganta dele e ofereci para um adorador da *Santa Muerte*. Ele ficou

muito agradecido, claro. Os guardas, porém, perceberam o meu corpo manchado de sangue. Acho que eles têm medo de mim - ele murmurou. – Você acredita? Medo de um velho?

- Você é nojento – ela sussurrou.

- Você *sentiu minha falta*.

- Nem um pouco - ela mentiu. – Eu vim porque preciso da sua ajuda.

- O caso da marina, - ele assentiu. Sim, eu sei.

- Como você sabe?

- A prisão é muito como o mundo real, Avery. Você pode ter tudo o que quiser, *por um preço* - ele enfatizou e observou a reação dela.

- Muito bem - ela disse. – O que você acha do caso?

Randall inclinou-se para trás em seu assento. Seus olhos se apertaram, observando Avery, e depois ele casualmente olhou em volta da sala.

- Depois que sua mãe foi morta e seu pai foi para a prisão, onde você foi? – Ele perguntou. – O que você fez? Essa parte da sua vida está fora dos registros públicos.

Falar com Randall sempre deixa Avery no limite. Uma parte dela sabia que ela nunca poderia confiar nele. *O que ele já sabe sobre mim?* Imaginou. *Ele está tentando me pegar mentindo ou ele quer mesmo saber sobre a minha vida?*

- Eu fui para um orfanato - ela disse. – Bem - corrigiu, - eles não chamavam de orfanato. Cuidado de adotivos era o nome. Fiquei sob tutela do Estado.

O rosto de Randall mostrou preocupação.

- Você não tinha tutores, outros familiares?

- Não. Nunca conheci meus avós. Meu pai tinha dois irmãos mas eles se odiavam e moravam em estados diferentes, então nunca os vi. Minha mãe tinha uma irmã que nunca gostou de mim, do meu pai nem de ninguém, então éramos só nós mesmos.

- Que triste - Randall disse.

A reação profunda e emotiva que ele pareceu ter afetou Avery de uma forma que ela não esperava. Ela havia passado anos fazendo terapia por conta de sua infância, mas o olhar cheio de lágrimas de Randall trouxe tudo de volta: as brigas nas casas adotivas, os abusos, a degradação sofrida pelas outras crianças e os

funcionários. “Ninguém nunca vai querer você,” uma mulher dissera. “Seu pai era um assassino e sua mãe era louca. Você vai ser louca também.” “Você é muito velha,” dissera outra cuidadora. “Ninguém quer crianças com mais de dez anos. Todos querem os bebês. Prepare-se para ficar aqui por muito tempo.”

- Como você sobreviveu? – Randall perguntou. O que você fez?

Avery chegou a abrir a boca para contar sua história de sucesso. As palavras ficaram trancadas na garganta.

Não, ela disse a si mesma. *Não faça isso*.

Memórias vieram à tona. Doloridas memórias. Um grupo de crianças havia a perseguido durante aqueles primeiros meses. “*Pai assassino, mãe morta; pai assassino, mãe morta!*” Eles cantavam. Um deles, um garoto chamado Blake, dois anos mais novo e mais baixo que Avery, a incomodava sempre. “Se seu pai era um assassino, você provavelmente também é, então eu deveria te matar agora!” Ele batia no rosto dela e a jogava no chão.

De repente, Avery estava chorando.

Ela havia lidado com muitas coisas na terapia, muitas memórias trazidas à superfície, refeitas e expulsas e, ainda assim, ali estava ela, acabada. *Quando isso vai acabar?* Ela imaginou. *Quando essa dor vai embora de vez?*

Howard esperou pacientemente, em silêncio, até o episódio terminar. A empatia em seu rosto tornou mais fácil para Avery secar as lágrimas e se recompor. Ela preparou-se para mais perguntas. Ao invés disso, Randall desviou o olhar.

- Ele te deu o ciclo - disse. – Estou surpreso por você não ter visto isso de cara. *O primeiro corpo* não se refere necessariamente à vítima. Quem mais é um corpo?

Ele olhou para ela, que forçou tanto o cérebro a ponto de doer a cabeça. Howard estava brincando? Ou ele estava mesmo dando uma dica? De certa forma, ela sentiu que ele sabia a resposta—e isso tornou tudo ainda mais frustrante.

- Pense, Avery. Pense.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Destruída.

Assim Avery sentiu-se quando saiu da sala de Randall: totalmente destruída. Ela pensou naqueles dias, naquele tempo em sua vida que havia sido esquecido. *Não, ela se deu conta. Você não tentou esquecer. Você tentou apagar isso completamente da sua vida. Elas voltaram agora. Uma memória sozinha trouxe outras para a superfície. Saíam, ela pensou, saíam da minha cabeça!*

A única maneira com que ela poderia parar era focar em Howard e sua pista. Ele nunca usava palavras claras. Ele era um ex-professor de Harvard, e tudo o que dizia tinha duplo sentido, um sentido escondido ou mais de um sentido.

Ele disse *“Ele te deu o ciclo,”* ela pensou. *Que ciclo? O que tem um ciclo? O que mais é um corpo?* Ela pensou e mentalmente voltou a imaginar a vítima.

Havia uma estrela acima do corpo dela.

Ciclos...

Corpos...

Planetas, ela pensou. Poderiam ser planetas? Eles passam por ciclos. Eles são chamados de corpos. Havia uma estrela desenhada sobre o corpo dela.

Quanto mais ela pensava, mais aquilo parecia uma opção sólida e viável. Ela voltou a pensar na carta. *“O primeiro corpo já foi.” Se ele está se referindo a um planeta, ela pensou, ele poderia ser um astrônomo, ou um astrólogo, ou algo assim. Onde astrônomos se divertem?*

Ramirez estava no estacionamento, encostado em seu próprio carro, refletindo profundamente. Quando viu Avery, ele acenou entusiasmado.

- Ei! – Chamou.

- O que você está fazendo aqui? – Ela sorriu.

- Vim te ver - ele disse. – Descobri algo.

Ramirez estava vestido com roupas de folga: regata marrom, bermuda azul clara, camiseta de botões e tênis sem meia. Um brilho vinha de seus olhos escuros e ele tinha um sorriso discreto no rosto. Por um segundo, Avery quis abraça-lo com força.

- O que você descobriu? – Ela perguntou.

Ramirez notou a animação de Avery ao vê-lo, seguida pela hesitação. Ele, por sua vez, tirou o sorriso do rosto e continuou.

- Falei com o ex-namorado da Venemeer, e mais duas pessoas que trabalharam na livraria. Nada. Ainda tenho duas pessoas para visitar, mas não sei. Todos dizem a mesma coisa: Venemeer às vezes era uma pau no cu. Sempre tinha que estar no comando. Dava dinheiro para os sem-teto e trabalhava em abrigos, mas se não estivesse no comando, havia atrito. O namorado e os ex-funcionários com quem falei? Todos eles? Disseram que pelo menos uma vez por mês eles discutiam por algo. Talvez diziam algo errado, ou tentavam ajuda-la em uma situação ruim, e Venemeer enlouquecia. Nenhum deles tem registro e todos eles têm álibis fortes para a noite do assassinato.

Avery não estava muito focada no que ele estava dizendo.

- Excelente - ela murmurou, com a mente pensando em astrologia.

- Você conseguiu algo *dele*? – Ramirez disse e apontou para a prisão.

- Ainda não sei. Quer vir comigo? Eu te trago depois.

- Onde vamos?

- Para o observatório.

CAPÍTULO DEZESSETE

O observatório Judson B. Coit na Commonwealth Avenue era bem conhecido para Avery. Aquele era o único local de verdade para observar o céu em Boston, e fazia parte da Boston University, onde ela havia se formado. Uma ou duas vezes, seu ex-marido, Jack, tentara leva-la ao Arts & Sciences Building para que eles pudessem beber vinho e ver as estrelas, sozinhos no terraço. Avery jamais se interessara. Ela tinha medo de altura, e olhar para o céu por muito tempo sempre a enchia de perguntas sobre o universo que ela não podia responder. Ela preferia manter os pés no chão e sua mente no presente.

De volta a seu antigo território perto do Fenway Park, Avery estacionou atrás do A&S Building. Ela havia feito um curso lá durante a faculdade, por isso sabia o que iria encontrar no observatório.

Eles caminharam cinco andares até o piso mais alto. As escadas chegavam a uma grande área aberta, cercada por tijolos com bancos e pinturas do universo. Estudantes conversavam e um guia turístico estava no meio de sua apresentação.

“Agora vamos ver o...”

A sala principal do observatório era parecida com a área de espera no hall: muito grande, rodeada por tijolos e com várias mesas. Havia um quadro branco grande, do piso ao teto, e uma escada sobre rodas, para que o professor a posicionasse onde quisesse. Poucos estudantes estavam sentados sozinhos, fazendo pesquisas nos computadores.

Um segundo nível era visível do chão. Avery olhou para cima para ver uma abertura circular no teto, protegida por um corrimão de madeira. Acima disso havia uma área abobadada, e, depois dela, o terraço e o observatório.

Ela subiu por uma escada em espiral e foi rapidamente seguida por Ramirez. Mais estudantes estavam no nível seguinte, fazendo anotações enquanto eram levados por um guia. Ramirez olhou para as paredes. Várias frases em Latim estavam escritas em pedra. Havia imagens no lugar. Uma em particular parecia ser de todos os professores de astronomia, do passado e presente.

“O observatório ficava originalmente na Boylston Street,” o guia estava dizendo. “Recebeu seu nome após o primeiro professor de astronomia nomeado na Boston University. Não é usado apenas por programas de escolas e faculdades. Pessoas de todo o estado vêm aqui para estudar as estrelas.”

Avery continuou subindo.

Uma porta levava ao terraço.

Algo como um trailer velho estava no topo, bem ao lado de um local de observação branco. Dentro da pequena cabana havia uma oficina. Duas mesas grandes de madeira em cada lado estavam cheias de caixas de ferramentas, equipamentos de solda, fita adesiva, metais, madeira e incontáveis outros itens. Nas paredes e prateleiras havia diapasões e várias lâmpadas, ferramentas e partes de telescópios.

Um homem de meia idade com cabelo preto, um pouco grisalho, estava sentado em um banco. Ele vestia um macacão e uma camiseta preta e estava profundamente focado no que parecia ser um gerador estragado. Ele tentava desapertar uma parte, mas o parafuso havia sido removido.

- Com licença - Avery disse.

O homem assustou-se e virou. Ele era lindo, um pouco bronzeado, e estava agitado.

- Desculpe - ele disse, - você não pode estar aqui em cima.

Ele se preparou para voltar ao trabalho.

- Somos a polícia – Ramirez disse.

Avery mostrou seu distintivo. Ramirez também.

- Oh - o homem disse. Ele inclinou-se um pouco para frente, apertou os olhos e disse os números dos dois distintivos em voz alta.

- Tenho memória fotográfica - ele disse em resposta às expressões curiosas dos dois. – Assim, se um dia eu precisar achar um dos dois policiais que me abordaram no terraço, eu posso encontrá-los.

- Nós sentimos por incomoda-lo assim - Avery disse. – Sou Detetive Black, e esse é meu parceiro, Detetive Ramirez.

- Peter Landing - ele disse. – Sou um dos professores de astronomia aqui da Boston University. Hoje - ele suspirou, - estou

aqui como assistente do observatório. Não estou conseguindo fazer esse gerador funcionar - ele murmurou e virou-se para sua mesa para trabalhar novamente, até lembrar-se que Avery e Ramirez estavam ali, em pé, e vagarosamente virar sua cadeira.

- Há quanto tempo você trabalha aqui?

- Quase vinte anos - ele disse, como se estivesse se dando conta daquilo naquele momento.

- O que você faz? – Avery perguntou.

- *Além* de ensinar astronomia? – Ele riu. – É uma boa pergunta. As aulas são apenas uma pequena parte do meu dia, é verdade. Eu também preparo os laboratórios para os alunos. Bem - ele continuou, - meu assistente geralmente prepara os laboratórios. Sabe, mão na massa? Então os alunos podem testemunhar em primeira mão o que acontece no universo. Coisas assim. A luz, por exemplo. Esse semestre tivemos um laboratório onde os alunos estudaram a luz refletida das pedras. A ideia era mostrar a eles que os planetas e luas com pedras similares emitiriam luzes similares pelo universo, entende?

- Qual a razão disso? – Ramirez perguntou.

- Bem, a luz é o único jeito de nós *vermos* outros planetas e observarmos outras estrelas.

- Ah - Ramirez disse. – entendi.

- Mesmo? – Landing perguntou honestamente.

Avery apontou para o céu.

- Você consegue ver algo de dia?

Landing pareceu despertar.

- Sim, é claro - ele disse. – Obviamente, a luz do nosso sol se dilui no céu, então durante o dia parece que não temos estrelas sobre nós. Mas temos. Podemos ver algumas delas durante o dia, mas também podemos ver outros objetos: o sol, a lua, planetas, até satélites. Você gostaria de dar uma olhada?

- Com certeza - Avery disse. – Nós vamos lá?

Ela apontou para a grande cabana branca.

- Não precisamos - ele disse. – Aquilo é usado apenas para ajudar a abafar a luz durante as noites de observação. Já que estamos olhando para o céu durante o dia, podemos usar um desses.

Ele apontou para três telescópios e olhou através de um deles.
- Vamos lá - ele disse. – Você pode ver a lua crescente agora, quase três quartos cheia. Veja.

Com um gesto, ele recuou.

Avery nunca havia visto nada através de um telescópio antes. Um amigo tivera um certa vez, mas ele nunca havia descoberto como ver algo, então tudo o que ela vira fora escuridão. Uma sensação de vertigem a acometeu, como uma criança quando está prestes a descobrir algo divertido.

Ela fechou um olho e pressionou o outro contra a lente.

A esfera cinza que apareceu em sua vista era espetacular de se contemplar, um grande objeto iluminado pelo sol e rodeado pelo céu azul. Círculos mais escuros de planícies podiam ser vistos, junto com buracos, pedras e montanhas.

- Uou - ela disse. – Incrível.

Ramirez olhou na sequência.

- Eu imagino que vocês não vieram até aqui para ver a lua - Landing disse.

- Sim, é verdade – Avery sorriu. – Nós esperamos que você possa nos ajudar a encontrar alguém. Estamos em meio a uma investigação e temos razões para acreditar que um suspeito pode ter trabalhado nesse observatório, ou vindo à Boston University para estudar astrologia. Há alguém que você possa lembrar em todos os seus anos que realmente poderia ser um problema? Talvez alguém que foi expulso por agressão, ou um aluno que parecia perigoso de alguma maneira?

Landing coçou a cabeça.

- Você sabe que mais que *dez mil* pessoas *trabalham* aqui todo ano, e que nós temos quase trinta e cinco *mil* estudantes e graduados, *todo ano* - ele enfatizou.

- Bem - Avery sorriu, - já que você tem memória fotográfica, isso não deveria ser um problema para você, certo?

Landing riu.

- Muito engraçado - ele disse. – Então você quer que eu te ajude a encontrar um aluno ou professor que foi expulso ou foi de alguma maneira agressivo, entre as milhares de pessoas que eu conheci aqui, certo?

Algo veio a mente de Avery. O observatório havia sido um bom lugar para começar, mas ao saber do número de visitantes e estudantes, ela pensou: *E se ele não se destacou? E se ele veio aqui, mas foi invisível?*

Ela tentou se animar.

- Está certo - disse.

Landing bateu palmas e levantou de sua cadeira. Ele era baixo e seco, e moveu-se entre os dois policiais como se eles não estivessem lá. No terraço negro, colocou suas mãos atrás das costas e começou a caminhar.

- Desculpe - ele disse, - eu penso melhor caminhando. Agora, vejamos. Se você está tentando encontrar alguém, nós temos que restringir as buscas. Você diz que é um homem. Você tem uma idade aproximada?

- Pode ser de trinta até sessenta – Ramirez disse.

Avery assentiu, concordando.

- Hm - Landing murmurou, - algum traço de personalidade?

- Raiva - Avery disse. – Ele tem raiva, e se sente de alguma maneira conectado às estrelas. Talvez alguém o pressionou em algo e ele discordou. Ele pode ter surtado.

- Não temos muitos alunos agressivos em astronomia. – Landing sorriu. – Conectado às estrelas - repetiu. – Isso é interessante. Você sabe algo sobre as estrelas e planetas?

Os dois balançaram suas cabeças.

- Então vocês estão em desvantagem com relação a seu suspeito, eu acredito. Uma rápida aula, veja, é que a astronomia trata de tudo sobre o universo, planetas, estrelas, luzes—tudo o que você encontrar lá em cima usando matemática e um telescópio. Tudo tem um padrão, um jeito distinto. Por exemplo, todos os planetas do nosso sistema solar giram em torno do sol. As estrelas se movem, mas muito devagar em conjunção com o universo ao redor delas. Astrônomos estudam a luz e os padrões e tentam fazer observações sobre coisas que nós *não podemos* ver, a partir do que nós *podemos*.

Padrões, Avery pensou. *E se ele está matando em um padrão?*

A localização do corpo se tornou ainda mais importante, assim como o ângulo, a sombra e a estrela.

Ele poderia estar indicando alguma constelação?

Ramirez coçou sua cabeça.

- O que isso tem a ver com estudantes agressivos? – Ele perguntou.

- Nada. – Landing respondeu. – Mas se vocês estão procurando por um ex-aluno agressivo que pode ter feito algo errado, e vocês vieram até o observatório, então vocês acham que seja lá o que ele fez está conectado com o cosmos, e se esse é o caso, vocês podem querer aprender alguma coisa sobre o assunto.

Ramirez abriu sua boca para responder.

- Ótimo ponto - Avery disse com um olhar duro para seu parceiro. – No entanto, há algo que você possa lembrar sobre algum professor ou aluno em particular?

Landing ajeitou as costas e colocou um dedo no queixo.

- Vou ser sincero - ele disse. – Só tem um garoto que realmente vem à minha mente que bate com a sua descrição. Se ele é um assassino ou não, não posso dizer. Ele estava aqui há cerca de dois anos. Cabelo preto, olhos azuis. Um jovem muito nervoso. Minha assistente da época era uma jovem chamada Molly e ela jurava que esse cara não era boa coisa. Ela não tinha um motivo real para isso, mas depois o diretor do observatório expulsou-o quando ele agrediu outro aluno durante uma noite de observação. Depois disso, escutei que ele foi expulso da universidade.

- Você sabe o nome?

- John - ele respondeu. – John Deluca. Mas - adicionou rapidamente, franzindo a testa, - vocês não deveriam considerar alguém suspeito baseado em memórias de um homem e uma situação que ocorreu anos atrás. Se eu fosse você, checaria com o arquivista, e talvez encontraria o reitor para falar sobre outros possíveis agressores no campus. Caso contrário, essa conexão me parece um pouco fraca, não?

Ramirez mexeu em seu celular.

- Não tão fraca - ele disse, e mostrou a Avery o nome *John Deluca* em suas anotações. – Esse é um dos nomes que a amiga da Venemeer me deu. Um dos que eu ainda não chequei. Um verdadeiro idiota que trabalhava na livraria dela. O nome dele é John Deluca.

CAPÍTULO DEZOITO

- Não pode ser coincidência - Avery disse quando eles voltaram para o carro.

- Não acredito que seu garoto Randall estava lá por você - Ramirez disse. – Quem imaginaria que Howard Randall te daria uma ajuda honesta?

Avery apontou para seu computador de bordo.

- Veja o que você consegue sobre Deluca. Se ele não estiver no sistema, vamos nos dividir. Você fica com os arquivos da Boston University e eu vou para a livraria da Venemeer. Se ele trabalhou lá, eles o pagaram, então o endereço dele tem que estar nos arquivos.

Seu computador de bordo tinha o mesmo sistema de identificação que eles tinham no escritório, apenas com um sistema de segurança mais apurado, porque era utilizado geralmente conectado a redes de wi-fi inseguras.

Ramirez digitou algo no teclado.

- Aqui está - ele disse.

A foto no sistema mostrava um jovem agitado e com raiva, possivelmente pego com drogas ilegais ou prescrições. Ele tinha cabelos pretos sujos e ondulados e olhos azuis, além de um pescoço fino e bochechas emaciadas.

- Exatamente como Landing disse - Avery se deu conta.

- Agora, esse rosto nos lembra a cara de um assassino ou a cara de um assassino? – Ramirez perguntou, empolgado.

- Endereço conhecido - Avery murmurou e leu.

Ela dirigiu para fora do estacionamento.

Ramirez continuou vendo o cadastro.

- Hmm - ele disse. – Esse cadastro tem sete anos. Diz que ele foi pego em uma briga no campus. Deve ter sido expulso por isso. Esteve na condicional por dois anos. Esse endereço foi atualizado por seu dormitório da faculdade. Vamos torcer para que ele ainda esteja lá.

- Algo mais?

- Nada desde então. Mas não significa que ele é inocente. Digo, ele foi demitido da livraria da Venemeer. Complicado, né? Acho que temos que chamar reforços.

- Por que?

Ramirez fez uma cara feia.

- Qual seu problema em chamar reforços?

Em sua mente, Avery voltou a um de seus centros adotivos, sendo espancada por sua mentora. Todos na sala gritavam: *“Pegue ela! Chute! Ela acha que é melhor do que todo mundo. Não és tão boa agora, não é, Black?”* Todo o tempo, uma garota que Avery pensava que fosse sua melhor amiga ficou parada, sem fazer nada.

Sem reforço, ela pensou. Sem reforço com Desoto, sem reforço agora.

- É um interrogatório de rotina - ela respondeu. – O nome dele apareceu em uma lista de suspeitos, nós fomos à casa dele investigar. Não tem porquê chamar as tropas ainda.

O endereço levou Avery a uma rua no subúrbio, em East Roslindale. As casas eram espaçadas entre si, com gramados frontais e garagens. A casa em questão ficava na esquina, tinha três andares e estava em mau estado. Trabalhos haviam sido feitos na propriedade. Elevada a cerca de 1,20m da rua, tinha um muro de pedra ao redor de toda a área. O gramado havia sido trocado por brita.

- Bela casa - Ramirez brincou.

Avery sentiu algo estranho. Tudo se encaixava: John Deluca trabalhara na loja de Venemeer. Ele era um veterano de astronomia que fora expulso. O corpo da vítima tinha uma estrela desenhada acima de si. A casa, no entanto, não encaixava. *Parece uma casa de família*, Avery pensou. *Talvez é dos pais dele, ou foi deixada para ele como herança.*

Eles estacionaram na rua e caminharam até a porta da frente.

Uma mulher de meia idade muito gentil atendeu. Ela era baixa, com cabelos loiros curtos e as bochechas rosadas.

- Olá! – Ela cumprimentou. – O que posso fazer por vocês?

Os dois mostraram seus distintivos.

- Essa é a casa de John Deluca? – Avery perguntou.

- Por que? Sim, é sim - ela disse franzindo a testa. – Há algo errado?

- Ele está em casa? – Avery perguntou.

- Sim, está.

- Podemos falar com ele?

A mulher encolheu-se e ficou mais séria.

- Não sei - ela murmurou e olhou para dentro da casa.

- Senhora, por favor - Ramirez disse. – Seu filho não está com problemas. Estamos em um caso de rotina e só gostaríamos de fazer algumas perguntas.

Seus ombros se abaixaram e ela olhou para eles com o queixo caído.

- Ele fez algo? – Ela perguntou murmurando.

Avery e Ramirez se olharam.

- Senhora, por favor - Ramirez disse.

Ela abriu a porta.

- Ele está lá embaixo - ela disse. – Ele mora lá embaixo. Vocês se importam se eu for junto? Ele não responde muito bem a visitas sempre.

- Você é a mãe dele? – Avery perguntou. – Senhora Deluca?

- Sim - respondeu a mulher. – Sou. Mas pode me chamar de Suzie.

- Obrigada, Suzie. Estou curiosa. Você geralmente sabe quando seu filho entra e sai de casa?

- Claro - ela disse, nervosa. – Nós temos uma programação. Ele *tem* que ter uma programação, senão ele fica confuso e emotivo.

Eles foram até uma cozinha pintada de amarelo com um tapete marrom. Uma porta de madeira levava ao porão. Suzie tomou a frente e segurou no corrimão de madeira.

O porão era um lugar escuro e bizarro, iluminado apenas por duas lâmpadas penduradas no teto e com o piso todo coberto por um carpete preto. Planetas estavam pendurados no teto, tanto que Avery levou um minuto para perceber que aquilo deveria ser a via láctea, e depois outras galáxias e estrelas. Bolas de algodão brancas haviam sido agrupadas e pontuadas em azul para formar agrupamentos gasosos. As paredes eram todas pintadas de preto e pintadas com estrelas e outras galáxias e planetas. Havia uma cama, uma mesa e uma prateleira de livros, mas tudo isso era insignificante comparado à bizarra representação do universo que tomava conta do local escuro.

- Meu Deus - Ramirez murmurou.

Ele manteve uma mão em sua arma.

Um jovem estava sentado no chão com uma lanterna, profundamente imerso em um livro. Mesmo sentado, ele parecia alto e magro. Os cabelos pretos sujos eram os mesmos da foto dos registros da polícia. Ele vestia calças de moletom pretas que, no carpete preto, faziam parecer que ele tinha apenas meio corpo, além de uma camiseta branca velha. Avery tentou olhar para seus tênis para descobrir o tamanho.

- Johnny? Eles são policiais. Você fez algo errado ultimamente?

O corpo dele encolheu-se imediatamente. O livro e a caneta caíram e suas mãos pareciam enrolar-se.

- *Não fiz!* – ele respondeu. – *Não fiz! Não fiz!*

- Johnny, tudo bem - sua mãe respondeu e foi até o seu lado. – Tudo bem, querido. Eles só querem conversar.

Deluca se mexeu sem sair do lugar. Sua mãe abraçou seus ombros.

- Tudo bem - ela disse, - está tudo bem.

- O que eles querem?! – Ele gritou com a mesma voz arrasada.

Ele é especial, Avery percebeu.

- Apenas algumas perguntas - a mãe disse, e acenou para os policiais. – Vocês podem chegar mais perto. Ele está bem. Só é acostumado a ficar sozinho.

Avery se agachou ao lado dele. Tênis: quarenta e dois ou quarenta e três, ela pensou. Uma conexão. Deluca balançou para frente e para trás. Sua mãos enroladas e sua boca tinha um sorriso sarcástico.

- Olá, John - Avery disse. – Como vai você?

- *Não!* – Ele gritou.

- Está tudo bem, Johnny.

- John - Avery seguiu, - nós gostaríamos de perguntar sobre uma livraria onde você trabalhou. Você lembra? Era de uma mulher chamada Henrietta Venemeer.

- Ha, ha, ha – Deluca riu.

- Ah, sim - Suzie sorriu. – Ele trabalhou lá mais ou menos três meses. Eles não concordaram em algo relacionado à astronomia e Johnny ficou bem triste. Ele derrubou uma das prateleiras de livros e

ficou muito nervoso. Eles não se sentiram seguros lá, então o demitiram. Mas você nunca machucaria ninguém, não é, meu amor?

Deluca sorriu e abraçou sua mãe.

- Obrigado, mamãe.

- O que aconteceu na Boston University? – Avery perguntou.

- Foi a mesma coisa - Suzie respondeu. – Eu fiquei na verdade bem triste com o reitor, porque eles sabiam da condição dele desde o início. Johnny tinha excelentes notas na escola e na faculdade também. Enquanto ele estava tomando os remédios e sendo cuidado da forma certa, ele estava bem. Eu culpo a faculdade. Ele teve um incidente. E só. Apenas um - ela afirmou. – De repente, foi expulso. Eu pensei em processá-los.

- Posso perguntar o que ele fez?

- Ele gostava de uma *garota* - ela disse como se fosse algo normal. – E ele nunca se expressa bem. Ele guarda os sentimentos e espera, espera até que eles explodam. Bem, eles explodiram em uma aula de astronomia. Ele disse para ela que a amava. Tentou beijá-la. Infelizmente, ela tinha um namorado e Johnny agrediu ele. De novo, não foi culpa dele na verdade. A garota deve ter feito ele pensar *alguma coisa*. E o cara tinha muitos amigos que entraram na briga. Terrível, foi terrível. Nenhum *deles* foi expulso.

- Você sabe onde seu filho estava na terça à noite? – Avery perguntou.

- Claro - Suzie disse. – No mesmo lugar de todas as noites. Bem aqui, comigo.

- Você pode comprovar isso?

- Bem - ela disse. – Vamos ver. Terça. Minha irmã estava aqui terça. Você pode entrar em contato com ela se quiser. Tenho certeza que ela vai dizer a mesma coisa que eu.

- Mais uma pergunta - Ramirez disse. – Qual tamanho de sapatos seu filho usa?

- Suzie apontou para um par de tênis na parede.

- Quarenta e quatro - ela disse. - Por quê?

O coração de Avery desabou. Deluca não era quem eles procuravam.

CAPÍTULO DEZENOVE

- Isso foi louco - Ramirez disse no carro.
- Ninguém te deu nenhuma indicação de que ele tinha necessidades especiais? – Avery perguntou.
- Bem, uma delas disse que ele era *especial*, mas foi como ‘ele é um tipo especial de babaca,’ entende? O que eu deveria entender disso?

- Que droga - Avery reclamou.
Estava ficando tarde, e a pista que ela pensou que resolveria o caso havia se transformado em nada. Mais uma vez, como sempre, ela começou a questionar a integridade de Randall. *Por que ele mentiria? Ele não mente*, ela disse a si mesma. *Só que ele nunca dá uma resposta clara.*

Tão perto, ela repreendeu a si mesma. *Tão perto.*

Seu telefone tocou. O nome na tela fez seu coração parar e sua pele empalidecer: Jack. Seu ex-marido. Eles não se falavam havia mais de um ano.

O que ele poderia querer?

Avery saiu do carro.

- Me dê um segundo - ela disse a Ramirez.

- O que foi?

Ela levantou a mão e seguiu caminhando com o telefone no ouvido.

- Ei - disse com sua voz mais alegre. – Como você está?

A voz do outro não estava tão entusiasmada.

- Oi, Avery - ele respondeu com um tom banal, - obrigado por me atender. Escute, você se importa de me encontrar para um café ou algo assim hoje à noite? Eu sei que é tarde e você provavelmente está trabalhando, mas eu acho que nós deveríamos sentar e deixar algumas coisas claras.

- O que foi? É a Rose? O que aconteceu?

- A Rose está bem. Nada terrível aconteceu. Só quero conversar, e você sabe que eu odeio falar pelo telefone. Todas as vezes que falamos pelo telefone nós brigamos.

- Não é verdade.

Ele a ignorou.

- Eu pensei no nosso antigo lugar – ele disse, - sair um pouco, tomar um café, conversar... Seria como nos velhos tempos. Eu estaria mentindo se dissesse que não sinto sua falta.

- Sim - ela disse, - claro - e instintivamente balançou uma mecha de cabelo para trás. – Você está por aqui agora? Eu posso chegar lá em quinze ou vinte minutos. Não - ela se corrigiu ao olhar para Ramirez no carro. *Tenho que deixar ele*, lembrou-se. – Esqueça. Tenho que ir em mais um lugar. Que tal daqui a quarenta e cinco minutos?

- Perfeito - ele disse. – É bom ouvir sua voz, Avery. Estou ansioso para te ver.

Avery desligou com um sentimento leve, de alegria, em sua alma. *Jack*, ela pensou.

A voz dele soara diferente, triste, cautelosa. *O que você esperava?* Ela pensou. *Vocês não se falavam há séculos. Você o decepcionou muitas vezes. Ele não confia em você.* O piquenique que Rose queria fazer no dia seguinte agora parecia totalmente plausível. *Você vai vê-lo hoje à noite. E se as coisas forem bem? Mais um encontro amanhã?* Ela sorriu e impressionou-se com seu sentimento de garotinha. Ela sentiu-se uma caloura novamente, prestes a conhecer o homem dos seus sonhos. *Isso é ridículo*, ela pensou. *É só um café. Um passo por vez.*

- Quem era? – Ramirez perguntou.

- Ninguém.

Ele estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas pensou melhor e ficou quieto.

Avery o levou de volta até o estacionamento da prisão. Eles ficaram praticamente o caminho todo em silêncio.

- Você quer jantar hoje? – Ele perguntou.

Avery abaixou sua cabeça.

- Não posso - ela disse. – Não hoje. Talvez amanhã?

- Sim - ele respondeu, desapontado. – Talvez.

Ele arranhou os lábios e abriu a porta.

- Dan - ela chamou.

Esperançoso, ele olhou.

- Sim?

Lindo, ela pensou, *tão doce e lindo, e cuida de mim.*

- Nada - ela disse. – Desculpe. Obrigado por hoje. Nós vamos pegar ele. Vamos atrás desses nomes e descobrir. Eu sei que nós vamos.

- Com certeza - ele disse.

CAPÍTULO VINTE

O restaurante era um lugar pequeno e incomum na esquina da Columbus Avenue. Por fora, era branco com vidros, rodeados por grandes pedras marrons.

Avery sentou-se e olhou pela janela.

Universitários bêbados estavam sentados em uma mesa atrás dela. Um deles havia pedido um hambúrguer com feijão, bacon e ovos, e o devorou enquanto dois de seus amigos pareciam a ponto de vomitar após comer demais.

Um céu escuro e nublado era visto da janela. Um rápido clarão apareceu, seguido pelo barulho de um trovão.

- Ei - alguém disse.

Jack estava em pé ao lado da mesa com um sorriso contido no rosto. *Lindo como sempre*, Avery pensou. Ele tinha cabelos volumosos, curtos atrás. Tinha olhos penetrantes e barba por fazer. Uma jaqueta de couro marrom estava aberta sobre uma camiseta colorida. Era fácil perceber seu peito forte e estômago magro.

- Ei - Avery sorriu. – Sente.

Jack sentou-se e levou um momento para olhar para Avery.

- Você está bem - ele disse. Exceto pela... – E indicou os ferimentos que ainda era visíveis.

- Sim - ela disse. – Briga com gangues. Você sabe como é.

Calma, ela pensou. *Sossegue. Isso não é um encontro.*

- Não posso nem imaginar - ele respondeu, sério. – É incrível o que você faz agora. Nunca imaginaria isso.

- Garotinha do interior vivendo uma vida e tanto - ela sorriu.

- Estou feliz por você ter vindo - Jack disse.

- Fiquei surpresa por você querer me encontrar - ela admitiu. – Feliz, mas surpresa, especialmente porque teoricamente nós iríamos a um piquenique amanhã, certo?

- Sim - ele murmurou e abaixou seu olhar, - é sobre isso que eu quero falar.

Um garçom apareceu.

- Você quer pedir algo? – Avery perguntou.

- Não - ele disse.- Bom, talvez leite?

- Leite? – Avery riu. – Desde quando você toma leite?

- Leite - ele disse para o garçom e apontou para Avery. – E para você?

- Vou querer um café. Apenas café.

- Você não vai conseguir dormir - Jack disse.

As palavras fizeram Avery se arrepiar. Uma das maiores brigas que eles tinham constantemente era sobre a incapacidade dele de deixa-la viver sua vida. O desejo de “consertá-la” nunca tivera fim. Não importa o que estivesse acontecendo—poderia ser algo mundano como um café ou um problema maior como decidir o caminho de sua carreira—Jack sempre dava sua opinião, perguntasse ela ou não, e depois mostrava uma atitude superior se ela escolhesse algo diferente.

- Café - ela reiterou para o garçom.

Jack levantou as sobrançelas e se mexeu na cadeira.

- Estive lendo os jornais - ele disse.

- Não acredite em tudo o que você lê.

- Acredito que você é uma heroína - ele disse com um olhar honesto e intenso. – Sério, estou impressionado. Quando você saiu do escritório e disse que queria ser policial? Pensei que você era maluca. Mas agora? – Ele assentiu. – Você conseguiu mesmo, e você se encaixou ali. Você parece feliz. Mesmo.

- Obrigada, Jack - ela disse, suspeitando um pouco. Eu *estou* feliz. Trabalhando demais, cansada, mas feliz. Fazia tempo que eu não podia dizer isso.

- Sim - ele disse. – Eu sei.

O silêncio tomou conta do lugar. O grupo atrás deles falava e ria e Avery tentava pensar em qualquer coisa para dizer.

- E você? – Ela perguntou.

- Estou bem - ele respondeu. – Trabalho com propaganda agora.

- Ouvi dizer. Parabéns. Rose me contou. Nunca pensei em você como anunciante.

- Sou bom nisso - ele disse. – Faço lançamentos, penso em ângulos diferentes para comerciais e anúncios impressos. É divertido. Paga as contas e evita que minha mente pense em outras coisas.

- Não escala mais?

Um sorriso maroto o deixou ainda mais bonito.

- Está brincando? – Ele disse. – Estou lá todo final de semana. A natureza é minha casa, você sabe. Eu fico tentando levar a Rose para escalar. Ela diz que não é a dela.

- Ainda não - Avery disse.

- Ainda não. – Ele repetiu com um olhar profundo. Ela o olhou de volta. Quando olhou para cima, Jack estava sorrindo.

O coração de Avery batia mais forte no peito. Os pensamentos sobre retomar sua relação com Jack nunca haviam sido tão sérios. Os muitos danos do divórcio e dos anos seguintes tinham destruído o relacionamento. Mas havia algo, uma conexão inegável entre os dois que era mais do que física. *Nós tivemos uma vida juntos*, Avery pensou. *Uma filha*.

A vontade de segurar a mão dele era forte.

- Eu queria falar sobre a Rose - ele disse.

O comportamento e o tom de voz dele mudaram. Soava mais como alguém a trabalho e desapontado. Suas mãos estavam na mesa e sua coluna reta. Um pouco decepcionada pelo repentino ar de seriedade dele, Avery inclinou-se para trás e tentou agir normalmente. O café e o leite chegaram. Avery encheu seu café de açúcar e creme.

- O que aconteceu? – Ela perguntou.

- Soube que você marcou um encontro comigo e com a Rose para amanhã. Um piquenique? Nós iríamos nos encontrar em Northeastern?

- Isso.

- Eu preferia que você não fosse - ele disse, diretamente.

Avery quase cuspiu seu café.

- *Que?*

- Olhe - ele disse e colocou uma das mãos no cabelo, - eu sei que você quer ser uma mãe. Você sempre quis. Você tenta, Avery. Mesmo. Mas ser mãe nunca foi seu ponto forte. Eu só acho que é um erro colocar a Rose nesse caminho de novo.

- Eu *sou* mãe - Avery respondeu. – *Você* carregou ela no seu ventre por nove meses? *Você* passou pelas trinta e duas horas de parto?

- Não foi isso o que eu disse - ele respondeu.

- O que você quer dizer então?

- Estou falando de agir como uma mãe! – Ele reclamou. – Você—tentando ser uma mãe. Um exemplo perfeito. Mais cedo, hoje. Você convidou ela para te ajudar na sua nova casa. *Ótimo*. Eu gostei disso. Bom trabalho. Mas depois, você simplesmente desapareceu! *Como sempre*. Você esqueceu dela? Porque ela com certeza pensa que você esqueceu.

- Tudo saiu bem - Avery disse.

- No fim, claro - ele respondeu, - e eu fiquei feliz por isso. Rose passou muito bem, mas antes, ela não conseguiu contato com você por quase quarenta minutos. Ela estava dirigindo pelo seu bairro enlouquecida. Finalmente ela encontrou seu apartamento e você não atendeu. Você sabe quem atendeu? Eu. *Eu* sou para quem ela recorre quando você decide que não quer mais ser mãe. Eu *sempre* fui quem conserta as coisas quando você faz ou fala algo que decepciona ela.

Avery sentiu como se estivesse vivendo um pesadelo horrível.

- Não posso acreditar que nós estamos tendo essa conversa - ela disse. – Eu e Rose tivemos um dia ótimo, e vamos ter outro dia ótimo amanhã.

- Você tem certeza? – Ele perguntou. – E se seu celular tocar? E se você tiver que cancelar? O que acontece?

- Aí nós vamos ver o que fazer.

Jack riu—uma risada infeliz que ela conhecia.

- Viu, é *disso* que eu estou falando - ele apontou. - Escute o que você disse. Você já está tornando possível um cancelamento. Ser pai significa que você vai estar lá, não importa a situação. Quando a Rose está doente eu não vou trabalhar. Quando ela está triste eu sento ao lado dela, abraço, falo com ela. Você não pode ser mãe só por um período.

- Minha vida é complicada! - Avery gritou. – Desculpe se eu não tenho um trabalho estável onde eu sento atrás de uma mesa, faço desenhos e atendo o telefone. Eu não posso sair quando eu quiser. Se um assassino está à solta, eu tenho que encontra-lo.

- E quando você era advogada? Você também nunca tinha tempo para a Rose.

- Se eu me lembro bem - Avery disse, - você não trabalhava naquela época. Era eu quem pagava as contas. *Todas as contas*.

Desculpe se eu não podia sair quando queria para ser uma mãe perfeita. Como você ousa - ela reclamou.

Ele encostou-se e balançou a cabeça.

- Você não mudou nada - ele disse. – Pensei que você fosse diferente. A Rose jura que você mudou, mas você não mudou nada. Você ainda é casada com seu trabalho, como sempre, e isso significa que um dia—talvez não amanhã ou depois de amanhã—mas um dia, você vai decepcionar a Rose, *de novo*. Estou cansado de consertar seus erros.

- Você não tem que consertar *nada* para mim, Jack. Nós terminamos faz muito tempo.

- Rose - ele disse. – Não é por mim. É pela Rose.

Avery levantou e olhou para ele.

- Rose já é grande - ela disse. – Ela pode se cuidar. – Ela deu um sorriso falso e ameaçador.

- Vejo você no piquenique - ela disse e saiu.

- Meio-dia - ele respondeu. – *Em ponto!*

CAPÍTULO VINTE E UM

Droga! Avery pensou.

Foi estúpido encontrar Jack depois de um dia tão longo, estúpido pensar que as coisas tinham mudado e que talvez vocês pudessem ser uma família de novo. Estúpido! Argh!

Uma garoa começara a cair.

Furiosa, tudo o que Avery conseguia pensar era a maneira como Jack havia armado para ela. *Ele nunca quis se encontrar para apenas conversar. Tudo o que ele queria fazer era me dar um sermão. Por que ele não podia fazer isso no telefone? Por que você não percebeu isso?*

Droga!

Erro. Aquilo foi um erro. Que outros erros você cometeu?

O caso voltou a sua mente. Venemeer, nua e posicionada no barco. O círculo de amigos e ex-funcionários. Desoto. Randall. O professor de astrologia.

Ela entrou no carro e ligou para Ramirez.

A secretária eletrônica atendeu.

Avery deixou uma mensagem.

- Ei, Dan - disse, - só estou pensando se você foi atrás do resto dos nomes dados pelos contatos da Venemeer. Alguém tem registro? Algo? Me diga.

Por que ele não atendeu? Ela imaginou.

Avery sentou no carro, escutando a chuva, agora torrencial.

Ramirez não tem que te contar nada, ela se deu conta. Ele não é uma coisa. E você disse praticamente isso para ele. Você deixou Dan de lado, brigou com Jack e não consegue parar de pensar sobre o caso.

Droga, ela pensou, Jack está certo. Você ainda está casada com seu trabalho.

Um de seus ex-terapeutas dissera a mesma coisa: "Você tem certeza de que não está usando o trabalho para fugir do mundo, Avery?" *Fugir*, ela pensou, e se viu correndo entre as árvores tentando escapar de seu pai, e sendo agredida em um abrigo adotivo pelos gritos das outras crianças.

A vida na universidade havia sido completamente diferente, assim como no escritório de advocacia.

Despreocupada, ela se deu conta.

Você era muito despreocupada na faculdade e trabalhando na Seymour & Finch, como se pudesse fazer qualquer coisa, ser o que quisesse. Você tinha tudo. Sabia exatamente onde estava. Excluída de todos, ela adicionou. *Jack, Rose, qualquer pessoa que aparecesse entre você e suas metas.*

Ela ligou para Rose.

A filha atendeu na primeira chamada.

- Oi, mãe. Que bom ter notícias. O que aconteceu?

Avery olhou a chuva pela janela.

- Nada - disse. – Só queria ouvir sua voz.

- Você não vai cancelar o piquenique, vai?

- Nem pense nisso - Avery respondeu.

- Ótimo! Meio-dia na Back Bay Fens. Perto do memorial?

- Sei onde é.

- Estou super empolgada! – Rose comemorou. – Ok, tenho que ir.

Alguns dos meus amigos estão indo para uma festa. Até amanhã. Te amo.

- Também te amo.

O caminho para casa foi devagar e triste. Avery estacionou e usou sua jaqueta para se proteger da chuva no caminho até o prédio. A única parte boa do dia era seu novo apartamento. Mesmo com as caixas e a escuridão da noite, o lugar grande e brilhante a fez sentir como se ela pudesse respirar. Tirou uma cerveja da geladeira e olhou para a chuva através da porta da varanda.

Ela pensou no assassino, à espreita na escuridão.

O que você vai fazer essa noite? Ela imaginou.

Após a cerveja, ela comeu algumas sobras e tomou banho. A água quente mandou embora boa parte de seu estresse.

Na cama, colocou o computador no colo e começou a pesquisar sobre astronomia.

Planetas, estrelas, pensou. *O que eu estou deixando passar?*

Duas horas depois, pegou no sono, com a luz do computador brilhando em seu rosto.

*

Em seus sonhos, Avery estava correndo. Havia monstros atrás dela: Desoto, Randall, os garotos de seu orfanato. Eles quebravam prédios e destruíam muros. Avery se movia em câmera lenta. Ainda que tentasse correr, seus braços eram como melado, suas pernas levavam uma vida para levantar e tocar o chão. Os monstros eram rápidos e implacáveis. Finalmente, eles a alcançaram, todos eles em círculo em volta dela, aterrorizada. Nenhum deles se aproximou. Ao invés disso, eles recuaram e revelaram um novo terror, alguém escondido na sombra, com grandes braços negros que se abaixaram para agarrá-la.

Avery acordou.

Uou!

Seu computador quase caiu no chão, mas em um movimento rápido, ela se virou para o lado e conseguiu segurá-lo a tempo.

A luz do sol entrava pelas janelas.

Seu telefone estava tocando: era Dylan Connelly.

Ela atendeu.

- Alô? – Ela disse e depois limpou a garganta. – Alô?

- Avery - ele respondeu com uma voz gentil, que não batia com sua personalidade grosseira. – Desculpe por te acordar. Sei que é seu dia de folga. O capitão disse que nós podemos dar um jeito nisso depois. Agora, gostaríamos que você fosse ao Parque Lederman, parte sul, logo ao norte da Ponte Longfellow. Você sabe onde é isso?

- Sim - ela disse. – O que aconteceu?

- Outro corpo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Para chegar ao sul do Parque Lederman, Avery tinha que pegar a Embankment Road, no sentido sul. Assim que chegou perto da Ponte Longfellow, ela pode ver que o trânsito estava praticamente paralisado no sentido leste, para Boston. Muitas pessoas estavam fora de seus carros, apontando para baixo na direção do parque. Da mesma maneira, dois barcos da polícia podiam ser vistos no rio Charles, perto do local para onde ela estava indo.

O local indicado do parque era cheio de árvores e arbustos. A Embankment Road tornou-se uma ciclovia. Um veículo do exército estava lá, junto com dois carros de polícia do A1, uma ambulância, a van da perícia e um fotógrafo.

Foi fácil encontrar Dylan Connelly quando Avery saiu do carro. Seus volumosos peito e braços quase não cabiam em sua jaqueta cinza. Ele tinha cabelo loiro enrolado na frente. Sua cara feia tornou-se um suspiro quando ele viu Avery, o que a deixou surpresa. Ele era um mau supervisor. Fora impossível trabalhar com ele durante seu primeiro grande caso como detetive, quando ele fora praticamente um fantasma durante meses. Tarefas simplesmente apareciam na mesa dela, ou ela era informada pelo capitão ou por Ramirez sobre algum caso; ele não fora nem perto do que um supervisor do Esquadrão de Homicídios deveria ser.

- Obrigado por vir - ele disse.
- Obrigado por ligar - ela respondeu.
- Deixe-me começar dizendo que não temos certeza de que esse corpo tem alguma conexão com o da marina. Eu teria tomado conta disso sozinho, mas o O'Malley quis te chamar porque o corpo está na água. Talvez haja relação, talvez não. O melhor a fazer era você vir aqui e ajudar a descobrir.

- Quando o corpo foi encontrado?
- Cerca de três horas atrás.
- Identidade?
- Sem pistas ainda.

Ele a levou pela grama em direção à água. Um emaranhado de arbustos era usado como barreira. Algumas moitas foram retiradas nas duas direções pela polícia, de forma a criar uma passagem.

- Os peritos vieram primeiro para assegurarem que nós não estragaríamos a cena se algo fosse encontrado nos arbustos. Fizeram o caminho depois. A Randy ainda está lá embaixo com o corpo.

Randy Johnson era uma das primeiras amigas que Avery fez quando chegou ao A1. A menina estranha da perícia ajudara-a em alguns casos com gangues durante seu ano de novata, e provara não apenas ser eficiente, mas também divertida.

Com as mãos e joelhos no chão, com um pé na água e completamente envolta em galhos e folhas, Randy ergueu uma mão para que Avery esperasse. Ela vestia uma roupa padrão: calças brancas e jaqueta brancas e um boné branco para manter os cabelos para trás.

- Espere aí, garota - ela disse. – Me dê mais um segundo.

O corpo morto estava no chão, exatamente em frente a Avery.

Metade submerso no rio, o corpo era de uma mulher mais velha, com água no estômago: magro, nu, com um pedaço de cabelo grisalho em volta da cabeça. Suas pernas flutuavam com a maré. Seu tronco estava envolvido em rochas e sujeira. Uma de suas mãos estava escondida nos arbustos. Seu braço direito estava a seu lado. Nenhum ferimento era claramente visível. O cabelo estava levemente repartido, em direção à parte de trás do pescoço, e Avery pareceu ver uma marca preta e azul, possivelmente de estrangulamento.

Randy delicadamente levantou uma mecha do cabelo da mulher.

- Olhe aqui - ela disse.

A minúscula camisa vermelha de uma criança era visível sob o cabelo.

- O que é isso? – Avery perguntou.

- Uma das muitas coisas estranhas sobre esse corpo - Randy respondeu. – Estou apenas tentando descobrir o que pode ter sido colocado aqui, e o que veio da água. É difícil dizer. Olhe em volta. Até agora contei seis itens suspeitos. Veja o que você encontra.

A área não estava nenhum pouco limpa. O lixo se espalhava pelos arbustos, e uma garrafa plástica estava parcialmente enterrada ali perto. Focada apenas no entorno do corpo, Avery

limpou sua mente e tentou imaginar possíveis pistas deixadas pelo assassino.

Era possível ver um alfinete dourado. O rótulo de algo. Ela inclinou-se para baixo, mais perto do rótulo, e notou que havia nomes de ingredientes, talvez de pasta de amendoim. Havia também cascas de milho.

Ela se reposicionou para ver lugares do corpo que não eram visíveis. Perto do pulso direito parcialmente fechado da vítima, Avery notou um bracelete e um pedaço solto de trigo.

O bracelete estava na sujeira, sob a mão da mulher, como se tivesse caído ali. Era de prata suja, com três itens visíveis: uma cruz, uma lua e um coração.

Uma lua, Avery pensou.

- Eu também vejo seis itens - ela disse a Randy, - a camisa da criança, o alfinete dourado, casca de milho, o rótulo de pasta de amendoim, o bracelete e um pedaço de trigo. Foi isso que você viu?

- Nota dez para a garota! – Randy comemorou. – Acho que podemos eliminar o rótulo porque parece que está aqui há muito tempo. Talvez a casca e a camisa da criança, que está muito suja.

- Concordo - Avery disse. – Não tenho certeza sobre o alfinete. Não bate com a última morte. Não sei também o que um pedaço de trigo está fazendo aqui. O bracelete chamou minha atenção. Tem uma lua nele. O assassino pode ser algum tipo de louco da astronomia. Não temos certeza. Ela estava usando ele, você acha? Segurando?

- Ela estava segurando algo - Randy disse. – Pode ter caído do punho dela.

- Por que o assassino não colocaria simplesmente no pulso?

Randy encolheu os ombros.

- E o corpo? – Avery disse. – Foi encontrado assim?

- Exatamente assim - Randy respondeu. – Flutuando, metade na água, metade fora.

Metade dentro, metade fora, Avery pensou. Uma mulher e sua sombra, metade e metade. A nova vítima tinha parte do corpo na terra, parte no mar. O que isso pode significar? O que ele está tentando dizer?

- Posso ver o rosto dela? – Avery perguntou.

- Claro.

Randy pegou uma mecha de cabelo e jogou para trás.

A mulher tinha um pescoço fino, rosto oval e nariz grande. Avery deu a ela algo em torno de quarenta e quarenta e cinco anos. Estranhamente, a mulher parecia familiar. *Onde eu vi esse rosto antes?* Ela imaginou.

Sem identificação da vítima e sem muito o que fazer com as pistas, Avery tinha que admitir a Connelly que o corpo poderia não estar relacionado a seu caso. Ainda assim, ela não parava de pensar na lua desenhada no bracelete, nem no sentimento de que ela conhecia a vítima.

Thompson e Jones chegaram ao local para cuidar da área.

Avery viu os fotógrafos fazerem seu trabalho e o cadáver foi então retirado da água e colocado em um saco preto.

Ela ligou para Ramirez.

- Ei - ela disse. – Cadê você? Me ligue.

Depois, ela sentiu raiva. Raiva por ser ignorada por Ramirez, por não ter pistas sobre seu caso e por Randall ter a levado a outro caminho vazio.

Ela olhou as horas.

Ainda era cedo. Dez da manhã.

Uma viagem rápida, ela pensou. Uma viagem rápida e eu vou estar com Rose e Jack em um gramado ensolarado em Northeastern e ele vai ver que eu amo minha família tanto quanto meu trabalho.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

- Você mentiu para mim - Avery disse.

Howard Randall estava sentado a sua frente. Ele parecia mais saudável do que no último encontro deles, quase como se a última visita dela tivesse, de alguma maneira, o rejuvenescido.

Ele franziu a testa.

- Por que eu mentiria? – Ele perguntou. – O que eu ganho com isso, Avery? É para isso que você veio aqui? Para me forçar a admitir algum tipo de jogo sujo?

- *Ele te deu o ciclo.* Você disse isso. *‘Primeiro corpo’ não se refere necessariamente à vítima.* Você praticamente me apontou na direção da astronomia.

Ele sorriu.

- Eu fiz isso? Tem certeza? Porque não é assim que vejo, *mesmo.*

- O que *aquilo* significava?

Ele fez uma expressão ameaçadora com o nariz. Colocou as palmas das mãos na mesa e inclinou-se para frente.

- *Você conhece as regras!*

- Eu não vou mais jogar esse jogo.

- Então você não vai conseguir nada de mim - ele respondeu.

- Droga! – Avery gritou.

- O que você acha que é? – Ele perguntou. – Você vem aqui sempre que precisa ajuda e eu tenho que simplesmente te dar a resposta que você preciso? Estou na prisão, Avery. Eu voluntariamente me ofereci para ser preso, *por você.*

- Não diga isso.

- *Por você* - ele enfatizou. – Para te ajudar, te mostrar a luz. E o que você faz? Age como uma garotinha perdida. Você vem rastejando até aqui por respostas, *implorando* - ele disse e fez uma voz de criança chorando, - porque a Detetive Black quer mesmo fazer um bom trabalho! Você é muito previsível - ele acrescentou com sua voz normal. – Que decepção. Me surpreenda! Faça algo diferente. *Diga* algo diferente!

A solução estava em sua frente.

Ela podia ver.

Ele quer informações, ela pensou. Dê informações a ele. Conte a ele sobre Rose, sobre seu passado, sobre tudo. Dê o que ele quer.

Ela não conseguia.

As palavras não saíam.

Você é como uma prostituta, ela se deu conta. Pronta para entregar sua vida—sua família.

- Desculpe - ela disse. – Você está certo. Eu *sou* uma decepção. Não sei porque eu continuo vindo aqui. Você sabe o que eu disse para o meu parceiro outro dia? Disse que você era como uma figura paterna para mim. Você acredita? Que eu pensaria—por um segundo que fosse—que um psicopata assassino como você poderia ser meu pai?

Ela riu—alto e forte.

Lágrimas saíram dos olhos dele.

- Na verdade, acabei de perceber algo - ela disse. – Isso faz todo sentido. Em muitas formas, você é *exatamente* como meu pai.

Ela levantou-se e bateu na porta.

- Me tirem daqui! – Ela gritou.

- Eu acho, então, que nós *dois* somos decepções - Randall sussurrou. – E só para você saber—ciclos e corpos não se referem apenas à astronomia.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

*Como você pode quebrar o ciclo?
Como você pode tirar vantagem de cada momento na vida?
Eu encontrei a chave.
Eu posso liberar o prêmio.
Venham todos os que se atrevem.
Eu os desafio.
O primeiro corpo já foi. Mais virão.*

Avery começou a entender o que ele quis dizer no momento em que a porta de Randall bateu atrás dela. Instintivamente, ela tentou voltar para descobrir mais. O guarda a puxou.

- Saiu, não pode voltar - ele disse.

Astrologia, ela pensou. *Tem que haver algo que ele está tentando me dizer. Não astronomia, astrologia.*

Ela pensou novamente em algumas linhas da carta. “Como você pode quebrar o ciclo? Eu encontrei a chave. O primeiro corpo já foi. Mais virão.

Ele quer mudar algo, ela se deu conta, algo em sua vida. Ele pensa que pode mudar isso usando astrologia. Como isso é possível?

Avery tinha o conhecimento básico de um leigo em astrologia. Ela sabia que o tema envolvia planetas, e que cada planeta representava um signo. Onde e quando alguém nascia indicava seu signo, baseado onde os planetas estavam durante aquele período de tempo. Algumas pessoas acreditavam inclusive que um signo em particular era como um distintivo para toda a vida, que determinava padrões de comportamento e personalidade.

Eu sou de Touro, ela pensou. E sabia disso porque era nascida em Maio, e aparentemente as pessoas nascidas em Maio eram do signo de Touro, o que teoricamente significava que ela era confiável, paciente e estável. *Claro*, ela zombou, *paciente e estável. Eu mesma.*

A livraria da Venemeer, ela pensou.

Por alguma razão, que sempre permaneceu no fundo de sua mente. Simms estivera lá. Ramirez estivera lá. Mas ela nunca fora

ela mesma ao local. Não havia nenhum livro de astrologia notável no apartamento de Venemeer. *Por que não?* Ela imaginou. *Se esses assassinatos estão relacionados à astrologia de alguma maneira, tem que haver uma evidência em algum lugar.*

Sem identificação da segunda vítima, ela entrou no carro e foi em direção ao local da única pista possível: a livraria de Venemeer.

Eram onze e meia.

Sem chance de ir ao piquenique, Avery pensou.

Jack estava certo; você é casada com seu trabalho. Não é verdade! Ela lutou contra seu próprio pensamento. *Há um assassino à solta. Não é como se você tivesse que responder e-mails ou participar de alguma conferência online. A cada segundo perdido, alguém pode morrer!*

Ela discou para Rose.

A voz no outro lado estava apreensiva, mas esperançosa.

- Oi, mãe! Como você está? O que aconteceu?

O estômago de Avery se revirou.

Que merda, ela pensou. *Você vai perde-la de novo. Não vou perder minha filha por causa de uma droga de um piquenique!* Ela disse interiormente.

- Rose, tenho más notícias. Não vou poder ir. Sei que você já esperava—e seu pai com certeza já esperava—mas outro corpo foi encontrado essa manhã e eu acabei de descobrir uma pista muito séria sobre o assassino.

- Sem problema - Rose respondeu, sem expressar nenhuma emoção. – Obrigado por avisar.

Merda, Avery pensou. *Você já perdeu ela.*

- Amor, eu juro, se fosse qualquer outra coisa, eu iria. Mas isso é muito importante. A vida de alguém pode estar em risco. Nesse momento.

- A vida de alguém sempre está em risco, mãe. Parece que eu escuto isso há anos. Quando você era advogada, você tinha que salvar alguém da sentença de morte. Agora, tem que salvar alguém de um assassino. Você sabe o que eu aprendi em todo esse tempo? Que a vida é feita de escolhas. Você fez as suas muita tempo atrás. Desculpe, tenho que ir.

A ligação foi finalizada.

- Rose, não é verdade. Rose!? Merda!

Você estragou tudo, Avery disse a si mesma. *Jack disse que você iria estragar tudo e ele estava certo. Como você iria saber?* Avery relutou. *Vá até lá, então. Ainda dá tempo. Diga oi. Sente-se por alguns minutos. É seu dia de folga. Faça isso depois. Só uma vez, mostre para sua filha que você se importa.* A mente de Avery retrucou: *Há um assassino à solta!*

- Merda! – Gritou em voz alta.

Ela furou um sinal vermelho.

Um carro quase bateu no dela.

O motorista virou o carro e Avery virou sua roda no último segundo, evitando por pouco uma batida em sua traseira. Buzinas surgiram de todos os lados.

Ela encostou no meio-fio.

O carro com o qual ela quase colidira se afastou aos poucos. O trânsito voltou ao normal no cruzamento.

Seu coração batia rápido. Suor escorria de seu rosto.

Havia dois caminhos a sua frente. De um lado, ela via Jack e Rose, rindo e bebendo no gramado de uma universidade sem barulhos. Do outro, ela imaginava o assassino à espreita, pronto para matar novamente. Memórias vieram à tona: Seu pai apontando uma arma. Os olhos de Edwin Peet brilhando em amarelo no escuro, indo de um lado a outro. A segunda vítima, com o rosto para baixo, nua no rio Charles.

Não tenho escolha, ela disse a si mesma. *Não tenho escolha.*

Ela discou para Ramirez.

Mais uma vez, ele não atendeu.

Avery deixou uma mensagem.

- Não sei porque você está me evitando - ela disse, - mas há uma nova vítima e eu tenho uma pista. Me encontre na livraria da Venemeer na Summer Street. Estou indo para lá agora.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A livraria de Venemeer se chamava *Livros para o Espírito*. A loja era iluminada por janelas voltadas para a rua. As prateleiras ficavam espalhadas pelo centro, a mais ou menos um metro e meio de altura. Outras ficavam na parede, do chão ao teto. Cada área da loja tinha uma seção definida: reencarnação, astronomia, fantasmas e espíritos e vida após a morte. Havia até uma sessão infantil nos fundos, com livros espirituais especiais para crianças.

Havia uma prateleira inteira dedicada só para a astrologia.

Avery pegou um livro. Os conceitos básicos eram simples. O zodíaco representava as doze constelações espalhadas pelo céu. No momento do nascimento, cada um dos planetas no céu, assim como o sol, ocupavam certa posição, e a partir dessas posições vinham os signos astrológicos. Seu signo, ela aprendeu, Touros, significava que a constelação de Touros estava atrás do sol quando ela nasceu, e por isso tinha esse nome.

Ela leu rapidamente sobre cada signo no livro.

Em Gêmeos, Avery parou. O símbolo de Gêmeos parecia o numeral grego para o número dois, mas a imagem retratava também duas mulheres, de costas, ou a imagem espelhada de uma mulher com uma estrela entre elas.

Avery sentiu-se quente por dentro.

Planetas, ela pensou. Ciclos. O assassino queria deixar uma pista: o signo de Gêmeos. Por que ele deixou esse sinal? Venemeer era de Gêmeos? É por que Gêmeos retrata uma mulher? Ela morreu em algum dia de Gêmeos? Descubra, Avery disse a si mesma.

Tudo no local se tornou mais claro, mais nítido. Ela olhou para as quatro pessoas atendendo e para o funcionário de plantão antes de retornar ao livro.

Ela olhou todos os outros signos. Além de Gêmeos, apenas duas mulheres apareciam como símbolos. Aquário mostrava uma mulher com um jarro de água. *Água, ela pensou. A segunda vítima foi encontrada na água.* O signo de Virgem retratava uma mulher com flores no cabelo. Avery o descartou. *Não havia flores na cena.* Nem trigo nem braceletes foram encontrados nas imagens.

Ela escolheu mais um livro para confirmar sua teoria. De fato, o símbolo de Gêmeos era o mesmo; os outros eram similares aos do primeiro livro.

Avery estava irritada e agitada.

Por que eu levei dias para descobrir isso? Ela pensou. *Se eu estivesse no caso desde o começo, teria chegado a essa conexão antes. Eu teria vindo à livraria sozinha e falado com as pessoas. Outra morte poderia ter sido evitada.*

Todos na loja tornaram-se suspeitos.

O homem atrás do caixa tinha trinta e poucos anos: cabelos pretos jogados, círculos escuros embaixo dos olhos, vestido mais como se estivesse prestes a dormir no lixo do que como alguém que tinha clientes para atender. Arqueado e com aparência suspeita. Os instintos de Avery a disseram que ele não era coisa boa. *Drogado*, ela pensou por conta de seus olhos vermelhos, *e escondendo segredos*.

O que mais o A7 deixou passar? Ela seguiu pensando. *O que mais?*

- Posso ajudar? – O caixa perguntou.

Avery mostrou seu distintivo.

- Detetive Black - ela disse. – Gostaria de fazer algumas perguntas.

Ele virou os olhos.

- Se for sobre Henrietta - ele reclamou, - eu já falei com a polícia.

- Eu sou a investigadora líder desse caso - ela respondeu. – Você ainda não falou comigo. Há quanto tempo você trabalha aqui?

- Sou novo - ele lamentou, totalmente chateado. – Escute, eu não gostava muito da Henrietta. Estou triste por ela e tudo. Não sabemos muito bem o que fazer aqui, mas a gerente, Martha Singleton, está almoçando. Talvez você queira esperar por ela.

Ele seguiu olhando para o lado, como se esperasse que alguém aparecesse. Suas sobrancelhas começaram a suar. Ele mudou de posição.

- Qual seu nome? – Avery perguntou.

- Rick Bergen. Te disse que sou novo aqui. Não sei de nada.

- Há quanto tempo você trabalha aqui, Rick?

- Cerca de quatro meses.

- Você está nervoso? Você parece um pouco nervoso.

Um olhar com raiva a fitou.

- Tiras me deixam nervoso - ele disse.

Suas axilas e pescoço começaram a suar. Seu rosto estava totalmente molhado.

- Você está bem? – Avery perguntou.

Rick surtou.

- *Eu tenho hiperidrose, ok?* Eu sudo muito. É fato. Eu tomo remédio, mas claramente não está adiantando. É isso que você queria ouvir? Você quer me envergonhar? *Vá se foder, senhora!* Eu tenho direitos também. Quantos tiras vão vir até aqui me interrogar? Eu não fiz nada errado, ok?

Pessoas começaram a olhar.

- Não olhem para mim, cacete! – Ele ordenou. – Eu vou prestar queixas. Eu juro. Isso é abuso policial. Eu não tenho mais que aceitar isso!

- Acalme-se, Rick – Avery murmurou.

- Você está me deixando nervoso!

- O que está de fazendo ficar tão nervoso?

Ele mordeu a unha e desviou o olhar.

- Qual o tamanho dos seus sapatos? – Avery perguntou.

- Meus sapatos? Por que?

- Só curiosidade.

- Quarenta e dois. Isso é um teste ou o que? Você vai me dizer que eu sou um babaca porque calço quarenta e dois? Não aguento mais isso!

- Tudo bem, eu voltei. Está tudo bem - alguém disse com uma voz tranquilizante.

Uma mulher muito alta com cabelos grisalhos tingidos de preto apareceu ao lado de Avery. Ela era mais velha, possivelmente da mesma idade que Venemeer, tinha joias puras e vestia um vestido amarelo, com círculos, até o joelho. Avery havia visto uma foto dela no apartamento de Venemeer.

- É demais para mim! - Rick gritou. – Eu juro!

- Eu sei, Rick. Eu sei. Tem sido difícil para todo mundo. Por favor, acalme-se e deixe que eu cuido disso. Posso ajudar em algo? – Ela perguntou a Avery.

- Meu nome é Detetive Black - Avery disse. – Gostaria de fazer algumas perguntas sobre Henrietta Venemeer. Sei que não sou a primeira agente a vir aqui, mas devo ser a última.

- Tudo bem, tudo bem - ela disse. Podemos sentar em algum lugar?

- Qual seu nome?

- Martha Singleton, a gerente da loja. Henrietta era uma amiga muito querida. Eu ainda não acredito.

Avery olhou para Rick. Ele parecia ter se acalmado. Ainda que seu rosto estivesse vermelho, o suor estava secando. Ele olhava para qualquer lugar, menos para Avery. As pessoas na livraria já haviam esquecido do incidente e estavam lendo novamente.

Avery fez uma nota mental para buscar Rick Bergen no sistema, ainda que estivesse segura de que Simms ou Ramirez já haviam feito isso.

Martha a levou até a seção infantil. Ela sentou em um pequeno sofá e pediu que Avery se sentasse na borda da janela, para que elas pudessem ficar frente a frente.

- Não se importe com o Rick - ela disse. – Ele é muito supersticioso, e a polícia tem estado em cima dele direto por conta do que aconteceu. Ele não é um criminoso - ela disse e inclinou-se para frente. – Ele é apenas drogado. Ele fuma muita maconha, e aí, ele tem medo de que os policiais prendam ele.

- Não estou interessada em drogas - Avery disse, - estou procurando um assassino.

Martha assentiu, com profunda empatia.

- Bem, não acho que Rick seja um assassino. Ele não consegue nem manter os livros em pé.

- Eu vi que vocês têm muitos livros de astrologia aqui - Avery disse. Henrietta não tinha nenhum em casa, pelo menos que eu tenha visto. Sabe por que?

- Ah, sim - Martha disse. – Ela tinha cansado de astrologia. Henrietta passava por fases, sabe, essa semana podia ser fantasmas. Semana que vem, cristais. Nós teríamos tirado esses da livraria, mas eles são muito vendidos.

- Acredito que você tenha falado com meu parceiro, Daniel Ramirez, certo?

Ela pensou por um momento.

- Ah, sim - disse. – Um cavalheiro muito lindo.

- Você disse a ele que havia muitas pessoas na vida dela que eram estranhas e de alguma forma suspeitas. Você pode explicar isso?

- Bem - ela admitiu, - Henrietta não tinha o melhor conhecimento de si mesma. Ela não era muito confiante, se é que você me entende. Então, qualquer pessoa que demonstrasse interesse, nela ou na livraria, estava com meio caminho pronto para ser aceito na vida dela.

- Você consegue imaginar alguém que poderia ter motivo para querer mata-la? – Avery perguntou.

- Não. Não acho que as pessoas que eu mencionei cometeriam assassinato. Eles eram apenas estranhos, ou agressivos demais às vezes.

- Como John Deluca.

- Sim - ela disse. – Como John. Ele é um exemplo perfeito. Um cara muita bacana, mas estranho. Uma coisinha sai do lugar e ele fica muito nervoso.

- Você disse isso para o meu parceiro?

Martha concentrou-se para falar.

- Não - ela disse, - e me arrependo agora. John Deluca não teria cometido um assassinato. Não tenho certeza se *algum* deles cometeria. Veja, eu leio muitos livros de detetive. Eu sei que são só livros - ela disse quando Avery sorriu, - mas eu me considero boa em julgar pessoas. Passei por alguns momentos difíceis na vida, e acho que quando você conhece pessoas que cometeriam um crime horrendo como assassinato, ou *rapto* - ela enfatizou com uma pausa, - você se dá conta de que há algo sobre eles. Não é o dinheiro, as roupas ou algo assim. É algo a mais. Algo parece errado. Eu pensei muito nisso desde que falei com os outros policiais, e percebi algo: Henrietta não foi sempre a dona dessa loja. Nós estamos aqui só há pouco mais de dois anos. Ela *trabalhou* em uma livraria por muito tempo, uma livraria secreta no sul de Boston. Havia alguém na loja que sempre chateava ela. Não consigo lembrar o nome dele, mas o dono da loja poderia lembrar. Ele está

lá desde sempre. Seu nome é Mark Guzman. A loja se chama Livraria Olho de Hórus. Ele pode te ajudar mais do que eu.

- Mais uma pergunta - Avery disse. – Você sabe qual é o signo de Henrietta? Seu signo de acordo com a astrologia?

- Ah, sim - Martha disse, - ela era de Gêmeos.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Avery tentou não se empolgar ao sair da livraria. Ela acabara de encontrar uma conexão surpreendente entre o assassino e sua primeira vítima: Henrietta Venemeer era de Gêmeos, e fora posicionada no barco para se parecer com o símbolo de Gêmeos. Mas isso era tudo o que Avery tinha. Por mais que fosse ótimo saber disso, ela não tinha ideia do porquê.

Ele está matando mulheres por seus signos do zodíaco? Ela imaginou. E se ele nem conhecer elas? Se os crimes forem só pelos signos? Não, ela pensou. Não é possível. Ele tem que ser familiar para elas de alguma maneira.

Peças de quebra-cabeças sem formas a deixaram agitada e ansiosa para agir.

Foi quase impossível encontrar a Livraria Olho de Hórus. Um lugar escuro, embaixo de várias escadas, escondido entre dois grandes prédios corporativos. No caminho para lá, Avery tinha pesquisado sobre o dono, Mark Guzman. Nenhum registro foi encontrado.

Depois de estacionar, ela ligou para Ramirez mais uma vez.

A policial dentro dela, a detetive líder que esperava que seu parceiro estivesse lá quando preciso, estava decepcionada porque Ramirez não havia retornado suas ligações. Mas uma parte dela sabia que era mais do que isso. *Ele gosta de você. Salvou sua vida e está tentando algo com você desde o dia que vocês se conheceram. Você finalmente correspondeu e depois deu um banho de água fria nele. Complicado!* Ela refletiu. *Independente de qualquer problema pessoal que estejamos passando, ele ainda é meu parceiro e tinha que atender.*

Ramirez atendeu ao terceiro toque. Seu entusiasmo de sempre não estava em sua voz que, ao invés disso, parecia distante e monótona.

- E aí? – Ele disse.

- Como assim ‘e aí’? – Ela respondeu. – Estou te ligando o dia inteiro. Onde você estava? Temos uma pista.

- Pois é, vi sua mensagem.

- Astrologia - Avery continuou. – O assassino estava tentando deixar uma mensagem no primeiro corpo. A vítima foi colocada na forma do símbolo de Gêmeos. A segunda vítima pode representar Aquário. Se ela *for* uma vítima do nosso assassino. Uma das amigas da Venemeer me deu uma pista. Estou em frente à livraria Olho de Hórus, no centro. Você pode vir aqui? Preciso do meu parceiro.

A última frase mexeu com ele.

- Chego em alguns minutos - ele murmurou.

- O que foi? – Ela perguntou.

Alguns momentos de silêncio.

- Nos falamos em breve - ele disse e desligou.

Primeiro Jack e agora isso, Avery pensou. Tudo o que eu precisava. Outra conversa dessas.

O sino tocou na porta da frente da livraria.

Por dentro, o lugar era escuro, pequeno e apertado. Quase não havia espaço para caminhar por um único corredor. Fileiras de prateleiras se multiplicavam a cada três metros nos dois lados da passagem principal. Para todo lugar que olhava, Avery via livros empilhados. Nenhum deles parecia ser novo. Todos eram velhos, a maioria de capa dura. Um deles dizia *Feitiços Mortais*. Ela passou a mão sobre outro: *Poções de Bruxas*. Tão logo ela entrou, um homem atrás de um caixa a olhou casualmente. Ele estava sentado atrás de uma estrutura de vidro, cheia de amuletos e pedras preciosas, além de todos os tipos de garrafas. Mais velho, com cabelos grisalhos nos lados, ele usava óculos de leitura. Um olhar de gavião penetrou os olhos de Avery. Havia um livro em suas mãos e, ao vê-la, ele o fechou e inclinou-se para frente.

- Deixe-me adivinhar - ele disse. – Você é policial.

- Como você sabe?

- Seu jeito - ele franziu a testa. – O corte das suas roupas. Mas não foi sempre tira, foi? Deve ter sido alguém da alta sociedade. Talvez gerente de banco ou advogada. Isso, é isso - ele estalou os dedos. – Você era advogada.

- E você é médium - ela disse, - ou lê muitos jornais.

Ele ergueu um punho.

- Não leio jornais - disse. – Para que? A mesma merda todo dia. Alguém morre. Alguém se ferra. Você quer histórias *reais*? – Ele perguntou. – Tudo o que você precisa é olhar. Você olha para alguém, enxerga a alma da pessoa, vê quem ela realmente é.

- Quem sou eu? – Avery perguntou. – Sério?

Ele encolheu os ombros e pareceu perder o interesse.

- Todo mundo é diferente - ele disse. – E ninguém quer ouvir a verdade. Todos querem respostas felizes que façam sentir-se bem.

- Eu quero a verdade - ela disse.

- Você? – ele respondeu. – Você parece desesperada e solitária. Provavelmente está em um caso, sem pistas, e apareceu aqui porque não tem mais para onde ir. O que acha?

Avery teve que dar-lhe algum crédito.

- Nada mal - disse e mostrou seu distintivo. – Avery Black.

Detetive de Homicídios.

Com um sorriso, ele mostrou que tinha dois dentes faltando.

- Eu sempre estou certo - ele disse. – Isso é bom e ruim. O que posso fazer por você?

- Você é Mark Guzman, dono desse lugar?

- De fato, sou o proprietário deste fino estabelecimento - ele disse com uma reverência.

- Há quanto tempo você está aqui?

- Quase vinte anos, acredite você ou não. Cheguei aqui antes desses dois prédios me esmagarem como um sanduíche. A construção deles foi um pesadelo. Pensei que seria meu fim.

- Que tipo de loja é essa exatamente? – Avery perguntou.

- Você sabe - ele disse, - coisas ocultas típicas: vodus, feitiçaria, mágica, magia negra, adoração ao diabo, misticismo.

Ela olhou em volta.

- As pessoas realmente compram essas coisas?

- Oh, claro - ele disse. – Muitas pessoas. Mas não aqui. A maioria não vem mais até a loja. Desde que a internet explodiu, temos um ótimo negócio online. Pessoas de todo o mundo encontram nossos livros. Livros raros, textos traduzidos, o que você quiser.

Uma pessoa apareceu nos fundos. Ele era jovem, cabelos pretos, vestindo jeans e uma camiseta do AC/DC. Ele olhou para Avery por

um segundo. Seu rosto mostrou surpresa e ele rapidamente desapareceu entre as muitas pilhas de livros.

- Quem era? – Avery perguntou.

- Quem?

- Aquele jovem lá atrás.

- Ah, é o Denis - ele disse. – Não dê bola para ele. É inofensivo.

Vem duas a três vezes por semana para me ajudar a arrumar e manter os livros em ordem.

Avery sentiu que algo estava errado.

- Há quanto tempo ele trabalha aqui?

- Mais ou menos três meses. Por que?

- Ele parecia nervoso.

- Aposto que sim - Guzman riu. – Um jovem universitário no fim da puberdade, trancado aqui o dia inteiro? Quem vai saber o que ele faz lá atrás. Esqueça. Não quero saber.

- Estou aqui porque alguém que trabalhava na sua loja foi morta recentemente. Me disseram que você poderia ajudar. O nome da vítima é Henrietta Venemeer.

Uma ponta de tristeza foi vista em seu rosto.

- Venemeer, é? – Ele murmurou. – Que coisa ruim. Sério, que ruim. Não éramos amigos. Serei sincero. Mas é triste que alguém morra. Quanto mais velho você fica, mais você percebe que a vida se trata das conexões que você faz. Quando elas terminam, o que realmente sobra?

- Quanto tempo ela trabalhou aqui?

- Uns quatro, cinco anos?

- E vocês não eram amigos?

- Não, nem um pouco - ele respondeu. – Henrietta era uma idiota, se você quer saber a verdade. Muito autoritária. Tudo tinha que ser do jeito dela. Eu só mantinha ela aqui porque ela era a melhor organizadora de livros que eu conheci. Era incrível com as contas. Tinha faculdade em negócios, eu acho, mas amava livros. Trabalhou em uma editora por um tempo, depois decidiu que queria algo mais família. A vida é selvagem no mundo das editoras. Tudo se resume a fórmulas. Aqui - ele apontou para a livraria, - tudo se resume a livros.

- Ela chegou a ter problemas com alguém?

- Problemas? Henrietta? Ela tinha problemas com todo mundo - ele riu. - Desculpe - disse, rapidamente mudando de postura, - não é engraçado. Precisamos respeitar os mortos. Desculpe, Henrietta - disse ao céu. - Mas é verdade - ele continuou, olhando para Avery. - Ela não sabia lidar com as pessoas. Ela não se importava com as pessoas, só com os livros. Por exemplo, alguém entrava aqui, mas não sabia nada sobre o livro que queria porque era para presente. Bem, se fosse assim, Henrietta já o desprezava. Não era uma pessoa *dos livros*, ela pensava.

Avery tentou mantê-lo focado.

- Alguém em particular? - Ela disse. - Alguém que ela pode ter irritado? Essa pessoa deve ser um homem, entendido de astrologia, forte e nervoso.

Ele abaixou seu queixo e olhou Avery por cima dos óculos.

- Isso aqui é uma livraria oculta - ele disse. - Loucos frequentam esse lugar.

- Alguém foi morto - Avery disse. - Tente pensar. Estou procurando um homem capaz de matar que tinha alguma relação com Henrietta Venemeer e possivelmente trabalhou ou vinha aqui com frequência.

Ele pensou no assunto por um momento.

- Sabe do que mais? - Ele disse. - Tenho um cliente que sempre vinha aqui—ainda vem às vezes—e ele odiava Henrietta. Ele adorava magia negra, astrologia, vodus, todas essas coisas, e dizia que faria ela pagar pelos insultos. Um cara assustador, mesmo para os meus padrões.

- Você não achou que essa informação poderia ser relevante para a polícia?

- Para que? - ele disse. - Pessoas fazem ameaças à toa toda hora. Henrietta não se preocupava. Se eu registrasse um boletim para cada louco por vodus que queria enfiar alfinetes em mim, meu negócio já teria fechado.

- Qual o nome desse cara?

- Harold Bowler. Mora numa daquelas casas chiques na Columbia Road, à beira da água. Muito rico. E muito, muito estranho. Venemeer não era a única que ele odiava. É um daqueles caras que tem tanto dinheiro, que isso mexe com a mente. Eles começam a

achar que são deuses ou algo assim, e que podem fazer qualquer coisa.

- Mais alguém te vem à mente? – Avery perguntou.

- Não, só ele - ele disse e apontou para um colar no vidro. – Quer uma joia de proteção?

- Tenho toda a proteção que preciso.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Avery sentou-se em seu carro, com a porta aberta e uma perna para fora, enquanto pesquisava sobre Harold Bowler. Como esperado, ele estava no sistema: seis multas por velocidade a pagar, um registro de dirigir alcoolizado, agressão, crueldade com animais, transtorno público, obscenidade pública e colocação de menor em risco, que viria a ser seu próprio irmão.

Uma ficha e tanto para um milionário, Avery pensou.

Sua prisão por dirigir alcoolizado mostrava a imagem de um homem arrogante, pequeno, porém grande nos ombros, em seus quase quarenta anos, com seus cabelos castanhos cortados recentemente e um olhar insensível, que lembrou Avery de gestores de fundos e multimilionários que não tinham medo de nada, nem da lei.

Ramirez apareceu na frente do carro exatamente quando Avery iria fechar a porta.

- Onde você estacionou? – Ela perguntou.
- Um pouco mais para lá - ele apontou.
- Entre, vou dirigir.

Ele parecia hesitante.

- O que há com você? – Avery perguntou. Tem muita coisa acontecendo e eu preciso do meu parceiro. É por causa do seu dia de folga ou algo do tipo? Porque eu estou de folga também.

- Não é nada disso - ele balançou uma das mãos.
- Então o que é?

Ramirez tinha um ar um pouco descuidado. Ainda era possível ver os ferimentos da briga com Desoto. Seu cabelo estava encaracolado, sem gel. As calças que ele estava usando não estavam em perfeito estado.

- É nossa última corrida - ele disse.
- O que você quer dizer com isso?
- Não quero mais você como parceira - ele disse e a olhou profundamente nos olhos. – Já falei com O'Malley.

Avery levantou-se.

- O que? *Por que?*

- Você! – Ele respondeu. – É sempre você. Tudo que a Avery quer, ela consegue. Você é a melhor. Você descobre tudo. Você derruba cinco caras sem problema—

- É por isso então? Por que eu luto melhor do que você?

- *Eu não ligo para como você luta* - ele disse. – Eu gosto de você—muito! Quantas vezes eu tenho que dizer? Mas você não se importa *comigo*, e você com certeza não precisa de mim no trabalho. Pensei que nós tínhamos algo - ele lamentou. – E eu quero mais que isso, mas tudo é muito confuso. Toda vez que você liga, não sei se você está ligando para *mim*, porque você sente minha falta e quer me ver, ou se você só está ligando para falar de trabalho. Aliás, *sempre* é para falar de trabalho.

- Dan - ela disse.

- Não. Não fale nada. Chega. Já pedi para ser movido. Estou aqui porque queria te dizer isso pessoalmente.

A revelação foi um choque para Avery. Ela nunca pensou que Ramirez se importasse tão profundamente. *Não*, ela instantaneamente respondeu a si mesma. *Mentira. Você sabia que ele queria mais, você só não estava pronta, então você fez joguinhos e agora você está ferrada.*

- Temos uma pista - ela disse. – Você quer vir comigo?

Ramirez riu.

- Viu só? Você é incrível, sério. Acabei de te dar meu coração. Eu estou mal. Isso me deixa mal - ele disse e apontou para seu próprio peito, - e isso é a primeira coisa que você me diz?

Ela queria dizer mais.

Ela queria dizer: *Eu me importo! Eu quero que você me abrace e me faça sentir que eu sou parte de algo maior do que crimes e corpos mortos!* Mas ela não conseguia. Um assassino estava lá, esperando. O tempo continuava passando, e ela estava parada na rua tendo uma discussão com alguém enquanto vidas estavam em risco.

- Eu sou toda errada, não sou? – Ela disse.

- Você é! – Ele riu. – Obrigado por reconhecer.

- Eu vou trabalhar isso - ela disse. – Eu prometo. Vou melhorar. Mas agora, isso pode esperar um pouco e podemos ir atrás da pista?

Ramirez suspirou.

- Claro - ele disse. – Por que não? Pela última vez.

CAPÍTULO VINTE E OITO

O clima no carro era tenso enquanto Avery dirigia com direção à costa. Ramirez seguiu com o rosto virado na maior parte do caminho.

- Você soube da última vítima? – Ela disse.
- Aquela mulher pode ser qualquer pessoa - Ramirez deu de ombros.
- O que você soube?
- Ainda não identificaram. As digitais não ajudaram. Estão enviando fotos dela por aí.
- Então você esteve trabalhando o dia todo - ela disse. – Fazendo o que?
- Meu trabalho! – Ramirez disse e a olhou. – Como assim ‘fazendo o que’? Eu me preocupo com esse trabalho tanto quanto você, Avery. A diferença é que eu sei quando virar a chave. Você nunca se desliga. *Sempre* ligada. Você estava *ligada* quando me beijou? E quando nós nos demos as mãos e nos olhamos nos olhos? Aquilo tudo foi para me fazer ser um parceiro mais dedicado ou algo assim?

- Claro que não! Não acredito que você pensa assim.
 - Eu não sei *o que* pensar.
- Alguns minutos depois, ele retomou a conversa.
- Eu fui atrás de várias pistas dos amigos da Venemeer que não deram em nada. Sozinho - ele enfatizou, com ódio, - assim como você. Acho que estou pegando *todos* seus hábitos.

Avery recusou-se a começar outra discussão, especialmente com um homem que ela não estava nem namorando e *teoricamente* era seu parceiro no Esquadrão de Homicídios.

A casa de Harold Bowler era uma mansão colonial vermelha, de três andares, com detalhes brancos e vista para a praia. Arbustos enfeitados rodeavam um gramado.

Avery estacionou em frente ao local.

- Esse cara tem vários registros, incluindo agressão. Vou precisar de reforço nessa. Você vem comigo?
- Estou aqui - Ramirez disse sem olhar para ela.

Havia dois carros estacionados na calçada: uma lustrosa Mercedes Sport preta e um antigo, porém brilhante e reformado Mustang conversível.

- Parece que ele está em casa - Avery disse.

Acima de escadarias brancas até a porta da frente, Avery podia ver claramente o gramado. Havia um poste no centro do gramado. A maioria da grama havia sido comida, e havia fezes por todos os lados.

- Não é cocô de cachorro - Ramirez disse.

- Como você sabe?

- Não é. Olhe só. Parece cocô de cachorro para você?

Um cântico estranho vinha de dentro da casa, alto o suficiente para ser escutado da varanda. Avery olhou por algumas janelas e não viu nada.

Ela tocou a campainha.

Nada mudou. A música continuou e ninguém atendeu.

Ela tocou a campainha novamente. A porta da frente estava fechada. Ela olhou para Ramirez e apontou em volta da casa. Cada um foi para um lado diferente. Avery andou pelos arbustos, sob o gramado destroçado. As janelas do primeiro andar eram muito altas para olhar por elas. Não havia porão porque a casa ficava perto do oceano. Duas das janelas do segundo andar que ela viu estavam fechadas e com cortinas blecaute. Ela encontrou Ramirez na porta de trás, que também estava fechada. A música continuava, algum tipo de canto tribal.

Avery olhou em volta da vizinhança e rapidamente empurrou seu cotovelo contra uma das pequenas janelas na porta de trás. O vidro quebrou.

- Ei! – Ramirez disse. – O que você está fazendo?

Avery deu de ombros.

- A porta estava quebrada. Nós pensamos que era um assalto e viemos investigar.

Ele balançou a cabeça.

- Ótimo. Agora nós somos criminosos.

Ela escutou a música quando entrou.

- Olá? – Ela chamou. – Alguém em casa? Harold Bowler? Você está aqui? Sua porta estava quebrada e destravada. Você está

bem?

A enorme cozinha tinha lugar para cinquenta pessoas. Havia um grande piano na sala. Tudo na casa era vazio, com poucos móveis e piso de madeira polida. Havia prateleiras de livros por todos os lados, cheias de textos sobre tudo, desde mágica a religião. Avery e Ramirez checaram cada sala. Muitas máscaras, material tribal e roupas, mas nenhuma arma nem material astrológico.

Escadas levavam ao segundo andar. Avery puxou sua arma.

- As janelas de cima estão com blecaute - ela murmurou para Ramirez.

- *Harold Bowler!?* – Ela chamou. – *É a polícia. Você está aqui?*

Barulhos de pegadas se sobressaíam à música, e um animal fazia algum ruído.

Avery acelerou seu passo.

Com a arma abaixada, ela chegou ao segundo andar e virou-se. Havia muitas portas brancas e um grande corredor que levava a duas direções. Uma das portas estava fechada. Por debaixo da porta, era possível ver apenas a escuridão e alguns clarões de luz. A música parecia ainda mais alta.

Ramirez checou os outros quartos enquanto Avery seguia olhando para o quarto escuro, de onde vinha o barulho. Quando Ramirez voltou, ele balançou a cabeça.

Atrás da porta em questão, ouviu-se a voz de um homem. As palavras eram violentas e impossíveis de entender. O choro de um animal tornou-se um murmúrio, depois silêncio. Mais gritos vieram do homem, mais alto que a batida africana.

Avery colocou as costas na porta. Ramirez fez o mesmo no outro lado. Os dois tinham as armas em punho. Ramirez assentiu.

Avery virou a maçaneta e entrou.

- *Polícia!* – Ela disse.

O quarto escuro estava iluminado apenas por lâmpadas de lava, quatro delas, uma em cada canto, com diferentes cores: rosa, verde, amarelo e azul. Não havia móveis, apenas cobertores. As paredes estavam cheias de máscaras e símbolos escritos com algo que parecia ser sangue.

De joelhos, com uma grande faca nas mãos, estava Harold Bowler. Em choque por ter sido descoberto, ele moveu seu olhar de

Avery e Ramirez para um grande bode morto a seu lado, com uma fenda na garganta e sangue escorrendo.

Ramirez andou pelo quarto e desligou os eletrônicos.

A música parou.

Avery acendeu a luz.

A surpresa inicial de Bowler pela invasão se tornou raiva.

- *Que diabos vocês estão fazendo aqui?* – Ele gritou.

Sem ligar para o fato de estar nu, ele levantou-se e apontou a faca para Avery.

- Você está ferrada, senhora.

Avery mostrou seu distintivo.

- Somos a polícia - ela disse. – Ouvimos gritos vindos da sua casa. A porta estava quebrada então nós entramos. O que você está fazendo?

- Isso é uma propriedade privada - ela disse. – Posso fazer a merda que eu quiser.

- É algum tipo de cerimônia? – Ramirez perguntou.

- *Saiam da porra da minha casa!*

- Precisamos conversar - Avery disse. – *Agora*. Vista alguma roupa.

Bowler jogou a faca com sangue no chão. Em um momento sentimental, ele ajoelhou-se, beijou o bode morto e murmurou algo em outro idioma.

- O que você acabou de dizer? – Avery perguntou.

- *Vá se foder* - ele respondeu.

Enquanto pegava uma camisa e cueca, Bowler disse:

- Qual seu nome? Detetive Black? *Black*? Eu te conheço. Você é aquela tira dos jornais, certo? Bem, deixe-me te dizer como vai ser o jornal de amanhã: *Policia! Heroína demitida por invasão*. O que você acha, Black?

Bowler os levou para outra sala, com uma cama e uma espreguiçadeira.

Ele não baixa a bola, Avery pensou.

Ele se jogou na espreguiçadeira e levantou as mãos.

- O que vocês podem estar querendo? – Ele disse. – É sobre as multas? Isso é troco. Não tenho *tempo* para isso, entendem? Vocês querem dinheiro? Tem muito dinheiro naquela gaveta ali. Podem

pegar e sair. Vocês acabaram de estragar um mês de preparação. Mas acho que vocês não sabiam disso, certo?

- O que você estava fazendo? – Avery perguntou.

- Sou um *Bokor* - ele disse com orgulho e bateu no próprio peito, - um padre vodu com poderes espirituais muito grandes. Aquele bode lá é Fanny. A cerimônia servia para destruir meus concorrentes financeiros e trazer uma nova onda de fortuna para o meu setor tecnológico. Os deuses vão ficar irritados agora. Eu poderia processar vocês, vocês sabiam? Deixe-me pensar quanto eu posso perder por conta da sua estupidez.

Ele colocou a mão no queixo e fingiu estar pensando.

- Isso é loucura - Ramirez disse, - ele está na casa dele matando um bode, e quer nos processar.

- *Na casa dele* - Bowler disse. – Essas são palavras relevantes. Estou *na minha casa*. Nenhuma lei de transtorno está sendo violada. Não pretendo vender Fanny para nenhum vagabundo esfomeado. Não está havendo nenhuma crueldade animal aqui. Ela foi morta rapidamente, *na minha própria casa*, por conta de uma cerimônia religiosa. Os únicos aqui quebrando a lei agora são vocês.

- Harold Bowler - Avery disse, - você sabe algo sobre a morte de Henrietta Venemeer?

Ele riu.

- Sim, eu sei - ele disse. – Foi pouco e foi tarde até onde eu sei. Eu estava tentando fazer com que aquela vagabunda morresse há anos. Usei algumas das minhas magias mais poderosas. Mas eu era um novato até então - ele admitiu. Cometi vários erros. Mas o que tem ela?

O coração de Avery bateu mais rápido.

- Você conhecia ela?

- Sim, eu conhecia. Tinha que lidar com ela toda vez que queria um livro. Como lidar com o Gestapo. Me fazia sentir um idiota metade do tempo. Eu odiava ela. Me livrei. Por que vocês estão aqui? É por causa da Venemeer? – Ele riu novamente. – Essa é boa. Vocês acham que eu matei ela ou algo do tipo?

- Onde você estava na noite do assassinato? – Avery perguntou.

- Ah, cara, isso não tem preço – ele sorriu. – Você acha que eu matei ela! Você deve estar mesmo precisando de ajuda, não está? Para vir até *mim*, entre tanta gente. Eu estou pouco me fodendo para a Venemeer. Aquilo foi anos atrás. Eu não guardo rancor. Vivo o momento. Posso provar onde eu estava cada noite dessa semana - ele disse e numerou alguns dos melhores restaurantes de Boston. – Você já provou a codorna do DuPovre's? Não. Claro que não - ele disse. – Custaria mais do que o seu salário semanal.

Ele colocou as pernas para cima da espreguiçadeira.

As solas dos pés dele estavam sujas de sangue seco. E eles eram pequenos.

Quarenta, Avery pensou. *Quarenta e um, no máximo.*

Ele não é o assassino.

Ela poderia afirmar facilmente que Harold Bowler era um babaca: ele praticamente os subornou para sair e devia ter violado *algum* tipo de lei com um bode morto em sua casa, mas Avery não tinha ideia de qual. Independente de seus atos, ele não havia hesitado, o tamanho de seu pé não batia e ele não sentia nada por Venemeer. Ela tentou terminar a situação da forma mais digna possível.

- Viemos até a sua casa falar sobre um caso de assassinato - ela disse. - Vimos sua porta de baixo com o vidro quebrado—

- Ah, ótimo. Então você quebrou meu vidro também?

- Nós escutamos gritos - Avery continuou. Pensamos que poderia estar acontecendo um roubo, então eu e meu parceiro entramos na casa. Ninguém respondeu nossos chamados. Você claramente não é a pessoa que estamos procurando.

- É, mas eu estou procurando você *agora*, Black - ele disse com um olho fechado e um dedo apontado para Avery. – Você está na minha mira.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Perdido no meio da multidão no New England Aquarium, no Central Wharf, ele sentia-se deslocado e mais sozinho do que quando estava de fato só. Passou por um túnel de vidro e olhou em volta para todos peixes e criaturas do mar na água azul cintilante acima de sua cabeça.

Crianças gritavam em volta dele, enquanto pais apontavam para vários lados.

Ele perdia sua vítima de vista várias vezes. Não havia necessidade real de segui-la todo o tempo. Ela estava em um encontro às cegas, tomando seu tempo, e a tarefa dele envolvia paciência e agir no tempo certo.

Numa das salas do aquário, havia uma grande piscina rasa, onde as pessoas podiam tocar arraias. A vítima dele estava no melhor momento de sua vida. Ela era jovem, com menos de trinta anos, e muito linda, com cabelos castanho escuro e olhos de avelã. O rapaz jogou água nela. Ela bateu no garoto e riu. Ele não riu. Na verdade, aquela cena o deixou irritado, tão irritado que as visões vermelhas apareceram novamente, e ele forçou-se a colocar o rosto na parede e respirar calma e profundamente, como havia aprendido na aula de meditação.

Relaxe, ele murmurou em seu mantra mental.

Ele pensou em uma memória da garota. A boca dela era pequena e seu olhos mostravam apenas desdém e impaciência. Tudo o que ele quisera era ajudar, e guia-la. O que ele conseguiu? Uma resposta qualquer e uma mão, acenando para que ele seguisse por outro lado. *Ela era o problema*, ele pensou. *Não eu. Agora ela vai me ajudar a resolver tudo.*

Sala por sala, ele tentou se divertir. Se havia algo que ele aprendera da espera antes de um assassinato, era que aquela alegria no ambiente trazia calma, e a calma fazia com que o tempo passasse muito, muito mais rápido. Os pinguins o atraíram, assim como o tanque de águas vivas.

Uma voz veio do autofalantes.

- Dez minutos. O aquário vai fechar em dez minutos.

Depois que fechasse, ele seguiria o casal feliz até um restaurante próximo. Ele estava seguindo os passos dela pelos últimos dois meses, junto com as outras mulheres que pretendia utilizar em seu plano. Surpreendeu-se com a facilidade com que ela havia se apaixonado pelo garoto do encontro. O homem claramente não tinha interesse nela: ele só parecia interessar-se quando ela olhava para ele, e a cada chance de beijo ou abraço. *Ele só quer usa-la*, ele pensou. *Assim como eu*.

Ele comeu algo rápido em uma mercearia próxima do restaurante. Depois de comer, olhou mais uma vez para o casal feliz e foi até seu próximo destino.

Ele dirigia um Cadillac azul batido, que comprara de um amigo. A máquina fazia sons estranhos a cada vez que a ligava, e sempre soltava fumaça do escapamento. O caminho foi lento, e ele imaginou aquilo como o universo em sua mente, com os planetas girando e o alinhamento perto de acontecer.

No banco a seu lado havia um jornal da noite seguinte ao primeiro assassinato. O jornal estava aberto na página do artigo que falava sobre o crime. Um único nome estava circulado: Avery Black. *Ela acha que pode me parar?* Ele pensou. *Ela vai me ajudar. Ela vai ser parte disso*.

Ele dirigiu até uma boa casa no sul de Boston, onde a jovem alugava o porão de um casal mais velho. O apartamento tinha duas entradas: uma entrada privada levava aos fundos, mas também era possível entrar pela porta do porão.

Como sempre fazia, ele estacionou a algumas quadras e caminhou até seu destino. Observou as lindas casas a sua volta, as árvores e o céu da noite. Nenhum mal poderia acomete-lo naquela noite ou em qualquer outra. Muito tempo atrás, ele havia feito um pacto com a lua, e sempre que aquele grande corpo celestial movia-se na direção de um signo astrológico em particular, ele trabalhava, e esse era o momento em que se sentia mais seguro.

Um cachorro latiu em uma casa vizinha quando ele chegou na porta dos fundos do porão da jovem vítima. As ferramentas em suas mãos eram fáceis de manusear, mesmo com as luvas pretas que ele usava. Ele forçou a abertura da porta. Analisou a trava para garantir

que ela funcionaria, entrou na sala escura e fechou a porta atrás dele.

Aproximadamente às onze e meia, escutou risadas no lado de fora.

A garota apareceu pela janela da porta. Ela beijou o garoto. Ele a puxou para mais perto e queria mais. Ela virou-se. “Não hoje,” ela disse. “A noite foi ótima. Você me liga?” Ele jurou que ligaria. Ela o beijou novamente e virou-se para o apartamento.

O interruptor não funcionou.

- Tudo bem? – O garoto disse.

- Sim, só as luzes - ela disse. – Tenho certeza que é fácil de arrumar. Te vejo em breve!

Ela fechou a porta atrás dela.

Assim que ela começou a tatear buscando a caixa de eletricidade, ele levantou de sua cadeira.

Caminhou em direção a ela.

E a alcançou.

CAPÍTULO TRINTA

Na manhã seguinte, Avery acordou sentindo-se ansiosa, estressada e solitária. Tudo na sua vida parecia uma bagunça. Rose não atendia suas ligações, Ramirez praticamente não falara com ela após o incidente com o animal sacrificado, ela não tinha mais pistas e, o pior de tudo, era dia de trabalho oficial, o que significava que ela tinha que ir para o escritório.

Ela havia tomado apenas um drink na noite anterior, e havia ido para a cama relativamente cedo, mas mesmo assim sentia-se de ressaca. Óculos escuros escondiam seus olhos vermelhos. Ela colocou um blazer por cima de uma camisa azul.

A pessoa que a olhava no espelho, apesar da maquiagem chique, parecia tão cansada quanto depressiva.

Ótimo, Avery pensou. Melhor maneira de começar o dia.

O A1 estava movimentado naquela manhã, por conta da noite anterior: universitários turbulentos e garotas de programa.

- Ei, olhem - um policial brincou. – É Avery Black, a estrela de cinema.

Avery acenou e saiu das sombras.

No segundo andar do departamento, as pessoas já estavam concentradas em seus casos. Policiais gritavam no telefone e se debruçavam sobre arquivos de outros casos.

- Black! Aqui. Agora! – Ela escutou.

O'Malley acenou de seu escritório. Ao mesmo tempo, Connelly saiu e olhou Avery curioso.

O que tem de errado com esse cara? Ela pensou.

- Diga, chefe! – Ela disse.

- Connelly é seu chefe - O'Malley apontou. – Eu sou o capitão. Preste atenção.

- Ai!

- Sim, *ai!* – Ele repetiu. – É bem isso que eu estou pensando agora. Sente-se.

O'Malley precisava pintar os cabelos novamente. O grisalho estava começando a aparecer na raiz. Ele vestia uma camisa xadrez vermelha que parecia servir mais para um lenhador. Aquilo

era muito estranho. Ele geralmente usava roupas condizentes com seu trabalho.

- Bela camisa - Avery disse.

Ele sentou em sua cadeira com as mãos na mesa e inclinou-se para frente.

- Qual é a sua, Black? Não consegui descobrir. Uma hora, eu acho que você é um gênio. Um minuto depois, eu acho que você é uma idiota. Quem é você?

- Meu ex-marido te diria que eu sou um pouco dos dois.

Ele suspirou.

- Bom, temos muito para discutir. Primeiro, temos uma nova carta. E essa foi endereçada diretamente para você.

- Para *mim*?

- Chegou ontem à noite, tarde. Foi colocada no para-brisas de um carro da polícia. Tinha seu nome no envelope: *Para Avery Black*. O tira abriu, viu um monte de coisas sem nexos, mas sabia que poderia ser importante, então enviou. Nós recebemos por volta das seis. E os jornais também. Essa é uma cópia. Os peritos ficaram com a original. Até agora, não descobriram nada.

Avery pegou uma cópia do papel. Estava escrito a mão, com a mesma caligrafia estranha da última.

*Avery Black,
Infelizmente, não tenho utilidade para você.
Que planeta poderoso você faria.
Eu não gosto de ser seguido.
Quer me encontrar?
Sol: Sagitário: quinze graus quarenta e nove
Lua: Escorpião: dezessete graus vinte e sete
Ascendente: Libra: dezesseis graus cinquenta e cinco*

- O que significa isso? – Avery disse.

- O jornal diz que é astrologia - O'Malley respondeu e a entregou a edição da manhã.

Como esperado, parte da carta estava mais uma vez na capa, junto com uma foto de Avery em seus anos de novata. O título dizia: *Assassino astrológico manda um aviso*. O artigo no interior falava

sobre o sol como o principal símbolo astrológico, que indicava o nascimento de alguém, enquanto a lua e o ascendente eram dois planetas que também tinham grande efeito sob aqueles nascimentos. Sem mais informações, o jornal dizia que as coordenadas eram praticamente inúteis.

- Por que o assassino nos daria informações inúteis? – Avery perguntou. – Tenho lido sobre mapas astrais. Eles mostram onde os planetas estão localizados quando nascemos. Você só precisa de uma data, hora e local de nascimento.

- Nós sabemos disso tudo - O'Malley disse. – Thompson disse que essas coordenadas acontecem muito, então se você coloca-las em um mapa elas dariam muitas datas e horas diferentes. Você precisa de muito mais para fazer uma previsão certa—onde todos os planetas estavam. Sim, eu sei - ele assentiu, - quem iria saber que o Thompson é louco por astrologia?

Avery esfregou a carta.

- Tem que significar *algo* - ela disse.

- Também identificamos o segundo corpo - O'Malley acrescentou. – Connelly e Jones estavam cuidando disso, mas agora temos certeza que deve ser seu. Ela era uma professora de astronomia no observatório. Se aposentou cinco anos atrás.

O coração de Avery disparou.

- Nós fomos ao observatório - ela disse.

- Eu sei. Essa pode ser sua pista. Thompson esteve no telefone a manhã inteira com a universidade. Ele está tentando listar cada aluno que passou por aquelas portas nos últimos dez anos. Pode demorar um pouco, mas ele está fazendo só isso.

- Por que Thompson?

- Ramirez não é mais o seu parceiro.

- *Que?*

Ainda que soubesse que Ramirez quisesse dar um tempo na parceria deles, depois do incidente do animal sacrificado na noite anterior, ela pensava que ele mudaria de opinião.

- Não deve ser surpresa - O'Malley disse delicadamente. – Ele disse que iria falar com você sobre isso, certo?

- Ele falou.

- Então?

- Eu só—Eu não achei que ele iria fazer isso mesmo.
- Você não pode brincar com as pessoas assim, Avery. Ramirez é um cara muito delicado. Ele se apaixonou por você, muito pelo que eu vejo. Você não pode querer e não querer, querer e não querer - ele disse, movendo as mãos, - especialmente quando você trabalha com a pessoa. Não cuspa onde você come, certo? Você nunca ouviu isso?

- Já ouvi - ela disse.
- Bem, então você deveria começar a *cumprir* isso. Como se fosse uma lei.

- Thompson? – Ela perguntou.
- Você dois trabalharam bem juntos no caso do Peet, não? Você acabou com ele no fim, claro, mas você não vai fazer isso de novo, vai? – Ele perguntou com um olhar intenso. – Além disso, ele não está fazendo nada agora. Finley vai ser o parceiro de Ramirez para terminar as suas outras coisas enquanto você foca só nesse caso. O tempo está passando, Avery. O prefeito me ligou ontem. Queria saber das coisas. O que eu vou dizer para ele?

Avery estava sofrendo para absorver tudo o que ouvira. Ramirez tinha tomado uma atitude. Estava fora. *Eu devo ter machucado ele muito*, ela pensou. *Como eu vou consertar as coisas com ele?* Outros pensamentos invadiram sua mente: A segunda vítima era uma professora de astrologia.

- A data de nascimento dela - Avery disse.
- Oi?
Ela olhou para cima.
- A segunda vítima. Qual a data de nascimento dela?
- Por que?
- Qual é?
O'Malley mexeu em alguns arquivos em sua mesa.
- O nome dela é Catherine Williams. Nascida em quinze de Setembro.

Quinze de setembro, ela pensou. *Tem que ser Aquário. Tem que ser. Água. Ela foi encontrada perto da água.* Avery colocou a data no telefone e procurou pelo signo do zodíaco correspondente. Ela se decepcionou com a resposta: Virgem. *Virgem?* Pensou. As únicas duas fotos de Virgem que ela havia visto tinham mulheres

dançando ou com flores no cabelo. *O que eu estou deixando passar?*

- O que você está fazendo? – O'Malley disse.

- Nada. Desculpe.

- Aqui estão os arquivos sobre Williams - ele disse e a entregou.

– Connelly e Finley estiveram no apartamento dela hoje pela manhã. Muito parecido com a primeira vítima. Câmeras desativadas. Sem sinal de entrada forçada no apartamento, então ou ele conhecia ela ou sabia dos horários dela. Não faltava nada pelo que eles viram, nem um tapete. O telefone e o e-mail não têm nenhum sinal de um possível rapto ou assassinato. Como esse cara está tirando esses corpos dos apartamentos sem que ninguém veja? – Ele imaginou.

- Sacos de lixo - Avery disse.

- Que?

A mente dela estava pensando muito rápido para parar.

- Deveríamos pedir para o Thompson também compilar uma lista de todas as pessoas empregadas na livraria da Venemeer - Avery disse, - ou da livraria oculta em que ela trabalhava antes de abrir seu próprio negócio. Isso pode nos ajudar a chegar em um nome.

- Bom. Diga para ele. O que você quer dizer com sacos de lixo?

Avery balançou sua cabeça.

- Algo que aprendi quando era novata. O melhor jeito de mover um corpo sem ninguém ver é fingir que você é alguém que *teoricamente* leva objetos grandes, como um gari ou um montador. Ele levou a primeira vítima em um tapete, certo? E ninguém pareceu prestar atenção nisso. Ele poderia estar vestindo um disfarce para a segunda vítima também. Eles falaram com alguma testemunha sobre isso? Um trabalhador grande movendo coisas pesadas?

- Vamos descobrir.

Avery levantou-se para sair.

- Sente-se - O'Malley disse.

Ela sentou-se.

- Mais uma coisa - ele disse. – E você não vai gostar disso.

- Não estou gostando de *nada* disso - ela respondeu.

- Você tem que ir ao psicólogo. Ordem judicial. Começando hoje.

- Que? *Por que?*

Um olhar triste invadiu os olhos dele.

- Sério? Você não sabe?

- É sobre Randall? – ela disse. – Claro, com certeza. Eu fui ver ele de novo. E daí? Ele me *ajudou*. Ele me deu a pista sobre astrologia.

- Randall? Eu nem sabia disso. Escute, se você quer manter aquele louco na sua vida, é sua escolha. Você sabe com o que eu me *importo*? Com pessoas ligando para cá e pedindo sua demissão. Isso mesmo - ele disse, - *sua demissão*. Esses nomes aqui te soam familiares? – Ele pegou um pedaço de papel na mesa. – Rick Bergen?

- Eu só fiz algumas perguntas para ele. É culpa minha se ele sua demais?

- Harold Bowler?

Avery levantou as sobrancelhas.

- Esse cara é louco - ela disse. – Você viu o registro dele? *Ele estava no meio de um sacrifício animal!*

- Não me importo se ele estava no meio de um assassinato em massa! Você invadiu a casa dele—

- A porta estava quebrada!

Ele ignorou as mentiras dela.

- Você invadiu a casa dele sem mandado nem causa provável. Você não pode sair por aí e fazer o que quer, Avery. Você dá uma má fama para esse departamento, Avery, e as palavras voam e isso acaba em mim. Você não tem pistas sobre o caso, está me fazendo perder tempo, está se irritando muito e descontando sua raiva em pessoas inocentes. *Isso é inaceitável e por isso* você vai ter que ir ao psiquiatra.

- Por favor, não me faça ir ao psiquiatra.

- É isso ou você está fora do caso. O que você prefere?

Sem dizer nada, Avery encostou-se e cruzou os braços.

- Isso mesmo que eu esperava que você dissesse - O'Malley disse. – Você vai visitar Sloane Miller, nossa psicologista residente. Ela tem um escritório ali embaixo. Quem sabe vocês já se viram antes?

- Não - ela disse.

- Você tem os arquivos. Thompson já está trabalhando duro. Atualize ele sobre as livrarias. O segundo corpo está com o coronel

se você quiser ver você mesma. Aquela carta foi enviada para todo mundo, então talvez você queira olhar outros jornais e a internet. Talvez eles saibam algo que nós não sabemos.

Ele inclinou-se para frente.

- Faça algo rápido, Avery. Você está em apuros.

CAPÍTULO TRINTA E UM

O escritório de Sloane Miller ficava no fim de um longo corredor no primeiro andar. Avery bateu e instantaneamente quis sair dali quando alguém respondeu: “Só um segundo!”

Psiquiatras não eram algo novo para Avery. Ela havia se consultado com muitos psicologistas, terapeutas e analistas durante anos: primeiro depois que seu pai foi para a cadeia, depois durante os piores anos de sua vida quando ela foi forçada a sair da Seymour & Finch. Algumas daquelas conversas ainda estavam em sua mente. “Você tem que se abrir, Avery.” “Relaxe um pouco. Você tirou férias ultimamente?” “O que te faz feliz? *Realmente* feliz?”

Não vou falar com um psiquiatra, ela pensou.

A porta abriu-se e revelou uma pequena sala com espaço apenas para duas ou três pessoas. Sloane tinha uma mesa e uma cadeira. Havia apenas uma cadeira extra e um grande sofá na parede mais próxima a Avery.

Era difícil adivinhar a idade de Sloane. *Trinta e tantos?* Avery imaginou. *Quarenta e poucos?* A psicologista tinha uma aparência amável: cabelo castanho cortado, olhos azuis e usava um belo vestido.

- Olá - ela disse com um sorriso.

Avery mentalmente gritou e virou-se.

- Por favor, não vá - Sloane chamou. – Eu faço isso às vezes. Voz de mãe. Minha voz é muito de mãe, não é? Meus amigos dizem que é porque eu não tenho filhos. Às vezes eu me lembro disso. Peço desculpas.

Avery inclinou-se para dentro da sala com metade do corpo no corredor.

- Você é Avery Black, não é? – Sloane disse.

Avery assentiu.

- Que bom finalmente conhecer você. Você esteve tanto nos jornais ultimamente que eu sinto que te conheço. Bem, a parte que os jornais falam sobre - ela se corrigiu com um sorriso e deu um tapa no sofá. – Você gostaria de se sentar? Tenho meia hora livre.

Desconfortável ao extremo, mas praticamente levada para dentro do escritório pelo jeito gentil de Sloane, Avery entrou na sala e

sentou-se no sofá.

- Sua expressão corporal me diz que você não queria estar aqui - a médica disse. – Vou tentar fazer isso do jeito menos dolorido possível - ela sussurrou.

Suas palavras e seu tom lembraram Avery de uma sábia senhora que tinha uma vida inteira de experiência, por isso era uma surpresa olha-la e ver uma jovem e alegre mulher.

- Vamos ver - Sloane disse e olhou para sua mesa. – Avery Black. Eles mandaram uma decisão oficial para que você me visitasse. Isso é impressionante.

- O que isso significa?

- Ah, significa que alguém quer livrar a cara - ela disse. – Geralmente acontece uma reclamação sobre um agente, e o departamento decide por uma sessão ou duas comigo para mostrar que eles estão fazendo algo, em caso da mesma pessoa ligar novamente. Foi isso o que aconteceu? – Sloane perguntou. – Alguém reclamou de você?

- Sim - Avery disse. – Muitas pessoas.

- Os motivos eram válidos? – Ela perguntou.

- Talvez. – Avery pensou. – Às vezes eu me envolvo muito no caso e perco a perspectiva. Todo mundo começa a parecer um criminoso.

- Isso faz muito sentido - Sloane concordou. – Eu trato muitos policiais e eu posso te dizer que esse é um problema comum. Você nunca sabe quem está segurando uma arma, ou quem poderia ser um assassino em uma sala com cem pessoas. As pessoas sempre querem falar da brutalidade ou racismo da polícia, mas eu aprendi há tempos pelo que vocês passam.

Avery estava esperando a hora ruim. As grandes perguntas. As acusações. Ela não estava preparada para uma discussão rotineira tão normal.

- Você não é como os outros psiquiatras - ela disse.

- Você já foi a muitos?

- Alguns.

- Quais eram seus problemas? Por que você foi visita-los?

- Diferentes problemas em diferentes tempos - Avery encolheu os ombros. – Depressão. Álcool. Uma vez, eu queria minha filha de

volta e não sabia como, então eu fui falar com um para descobrir. Você escolhe um assunto e eu provavelmente já precisei de ajuda sobre isso.

Sloane puxou um bloco de notas e um lápis para tomar notas.

- Por que você está aqui agora?

- Me disseram que eu tinha que vir.

Sloane riu e cobriu sua boca.

- Desculpe - ela disse. – Eu sei que nós acabamos de nos conhecer, mas eu acho difícil acreditar que alguém consiga forçar você a fazer *qualquer coisa* que você não queira. Deixe-me colocar melhor as palavras. Por que você escolheu entrar no meu escritório logo agora?

- O capitão disse que se eu não viesse eu estaria fora do meu caso. E eu não quero ficar fora do caso. Se você leu os jornais ultimamente, você sabe porque.

- Você é muito dedicada, não é?

- Acho que sim.

- Essa é uma qualidade admirável. A dedicação geralmente significa que você é leal, corajosa e persistente. No entanto, como todas as coisas, isso pode ser bom e ruim. Você disse antes que às vezes você se envolve tanto em um caso que você perde a perspectiva. Você já percebeu outras coisas pelas quais ser dedicada demais te atrapalhou ao invés de ajudar?

As palavras de Jack vieram à mente de Avery: *Você ainda é casada com seu trabalho, como sempre foi*. Ela lembrou-se do colapso de sua família, durante um período de sua vida quando ela pensava que tudo estava indo de seu jeito.

- Eu sempre fui tão dedicada ao meu trabalho que todo o resto parece desmoronar: relacionamentos, família, amigos.

- Você gostaria de ter essas coisas na sua vida? – Sloane perguntou.

Avery a olhou.

- Sim - ela respondeu honestamente. – Eu gostaria.

- Há *espaço* na sua vida para essas coisas?

Aquela pergunta era difícil de responder. Por fora, havia muito espaço: um apartamento enorme para encontrar família e amigos, tempo quando ela tinha folgas. Mas em sua mente, ela era uma

concha fechada, uma máquina agitada que estava sempre tentando resolver casos e, naquela máquina, não havia espaço para ninguém.

- Você parece triste - Sloane disse. – O que está acontecendo? Fale comigo.

De repente, Avery entendeu.

O trabalho é sua vida. Todo mundo sabe disso, menos você.

A descoberta chocante sufocou Avery. Ela se sentiu sufocada por tudo: pela sala, suas próprias roupas e sua própria vida. Ela levantou-se para sair.

- Desculpe, - disse. – Tenho que ir.

- O que foi? – Sloane perguntou. – Algo aconteceu bem agora. Isso é importante, Avery. O que eu disse? O que desencadeou essa reação? Por favor. Fique.

- Agora eu entendo - Avery disse. *Eu sou o problema.* Eu sempre fui o problema.

- Você não é o—

Ela saiu.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Avery havia parado de beber pela manhã há muito tempo, mas depois de sua sessão com Sloane, o trabalho parecia ser o último lugar em que ela deveria estar. Ela se sentia acabada, destruída, e odiava aquela sensação.

Havia sempre um bar, algum lugar, onde ela poderia conseguir um drink. E Avery encontrou, um local qualquer que estivera aberto a noite inteira.

A luz do sol ficou para trás quando ela entrou na sala escura que cheirava a licor velho. Dois homens estavam discutindo no bar. O garçom estava tentando fazê-los parar.

- É muito cedo para essa merda! – Ele gritou. – Vão para casa!

- Preciso de um drink - Avery chamou.

- Desculpe, estamos fechados.

Avery mostrou seu distintivo.

- Você acabou de abrir.

- *Acabamos de abrir* - o garçom repetiu. – O que você vai querer?

- Whisky. Puro. *Sem nada*. – Ela disse.

- Te sirvo já!

Avery sentou-se e voltou a pensar no que havia acontecido no escritório de Sloane. As lágrimas estiveram prestes a cair. Se tivesse ficado lá mais um pouco, ela teria se entregado. *Por que?* Imaginou. Escutava a arma de seu pai e as crianças gritando e a agredindo com os punhos.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

Você consegue chorar em frente a um assassino louco, mas você não consegue chorar em frente a uma médica querida e gentil. Você está na merda mesmo.

A bebida chegou e ela virou o copo.

- Mais um - disse.

Sem espaço para ninguém, ela pensou. Você foi feita assim. Você aprendeu a ser assim. O único jeito de sobreviver é lutar, e quando você está em uma luta, você não pode parar para cheirar as rosas. Você não está sempre lutando, ela tentou dizer a si mesma. Você cresceu agora. Não é mais aquela garotinha. O problema é:

você está usando os mesmo mecanismos de enfrentamento. Avery riu. Uma ex-terapeuta havia dito isso a ela certa vez.

Ela abriu a carta do assassino.

Então você me conhece? Ela pensou. Bem, vamos lá. Não sei se você soube, mas pegar assassinos é o que eu faço. Sempre.

O que nós sabemos? Ela perguntou. A vítima número um é de Gêmeos e foi morta com aquele sinal. E a vítima número dois? Droga, ela reclamou mentalmente. Por que isso não se encaixa?

- Cadê minha outra dose? – Ela gritou.

- Chegando já, senhora!

Em seu telefone, Avery buscou por Aquário e olhou a seção de imagens. Ela rolou a página. Todas elas tinham jarras de água ou estavam molhadas com água. Catherine Williams era de Virgem. Virgem. Ela não tinha flores nos cabelos.

Avery fez a mesma busca com a palavra Virgem. As mesmas imagens apareceram com mulheres e flores, mas havia muitas outras. Muitas das mulheres seguravam balanças. Ela continuou rolando a página. De repente, trigo por todos os lados: mulheres segurando trigo, mulheres em pé em plantações de trigo, mulheres rodeadas por trigo.

Estava bem na minha frente, ela pensou. Eu só não procurei o suficiente. Williams era de Virgem. Trigo. É isso o que ela estava segurando.

O que você está tentando nos dizer? Ela imaginou. Você matou uma geminiana? Matou alguém de Virgem? O que elas têm em comum?

Ela escreveu a pergunta no telefone. Tudo o que encontrou foram respostas sobre como os dois signos poderiam formar um relacionamento compatível.

Você esteve na Boston University. Você trabalhou na livraria da Venemeer ou na livraria oculta. Thompson está fazendo uma lista de pessoas da Boston University que foram às aulas da Williams e às duas livrarias.

O que mais? O que mais?

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Avery nunca estivera em um astrólogo, mas ela sabia que uma de suas amigas sim.

Ela fez uma ligação rápida para a especialista em perícia Randy Johnson.

- Ei - Randy atendeu. – E aí?
- Era o trigo - Avery disse.
- Não está muito claro o que você quer dizer - Randy respondeu.
- A vítima na água era uma professora de astronomia, e ela foi colocada lá segurando trigo. Foi isso o que caiu da mão dela. O assassino está usando a astrologia. A primeira vítima foi colocada para parecer o símbolo de Gêmeos, a segunda vítima, de Virgem.
- Uou - Randy disse.
- Preciso de conselhos. Você já foi a um astrólogo?
- *Claro!* – Randy disse entusiasmada. – E a alguns médiuns também. Esses caras são *foda*. Eu não ligo para o que todo mundo diz.
- Tem algum astrólogo que você confie? Preciso de um especialista para me ajudar a entender o que eu estou vendo.
- Você *tem* que ir no Davi - Randy disse.
- Davi?
- Não sei o resto do nome dele. Procure por Davi. Fantástico. Sabe tudo. Diga a ele que eu te indiquei. Você vai ganhar um desconto!
- Eu não vou pedir conselhos para mim.
- Deveria. Fiquei sabendo sobre Ramirez. Que droga.
- Não aconteceu nada.
- Não foi o que eu fiquei sabendo.
- Só me dê o número e o endereço.

*

Davi não atendeu o telefone, então Avery foi até seu endereço. O apartamento na Boylston Street ficava em um prédio grande que poderia ser comercial ou residencial. Ela estacionou e tentou ligar

novamente. A voz na caixa postal mostrava uma personalidade forte e brilhante.

Avery deixou uma mensagem.

- Aqui é Detetive Black da Divisão de Homicídios do A1. Preciso falar com você sobre um caso. Por favor me ligue de volta nesse número.

Um porteiro elegante cuidava da entrada do prédio.

- Posso ajudar? – Ele perguntou.

Avery mostrou seu distintivo.

- Detetive Black - ela disse. – Divisão de Homicídios. Davi está por aqui?

O homem animou-se ao ouvir o nome de Davi.

- Sim, acho que está - ele disse. – Mas não gostaria de ser perturbado agora. É um pouco cedo para ele. Geralmente ele não acorda até mais ou menos meio-dia.

- Acorde ele - ela disse. – É importante.

Com as sobrelhas levantadas, o porteiro pegou seu telefone e fez uma ligação.

- Não está atendendo.

- Vou subir eu mesma. Qual o número do apartamento dele?

- Senhora, eu não posso—

- *Detetive* - ela disse. – *Detetive Avery Black*. Divisão de Homicídios. Estou em um caso de homicídio. Duas mulheres já foram mortas. Preciso de ajuda. Você vai mesmo atrapalhar uma investigação em andamento?

- Espero um segundo - ele disse. – Jimmy - ele chamou outro funcionário do prédio. – Você pode leva-la até o seis B? No Davi? Bata na porta. Se ele não atender, desça com ela de volta, ok? Se ele atender, peça desculpas por mim. Não quero nenhum carma ruim.

Jimmy era um colombiano discreto que vestia um uniforme cinza. Ele largou sua vassoura e seguiu para o elevador sem olhar para Avery.

Eles subiram juntos.

No 6B, Jimmy bateu na porta e ouviu. Ele bateu novamente e encolheu os ombros.

- Ele não está - disse.

- Ele está. *Abra!* – Avery gritou. – *É a polícia!*

Uma voz exausta veio de dentro.

- Espere, espere. Que bagunça toda é essa?

A porta se abriu.

Um homem enorme que Avery imaginou ser árabe apareceu. Ele vestia um roupão branco. Uma máscara de dormir estava em seus cabelos curtos pretos. Ele tinha bochechas gordas, olhos pequenos e expressivos e um cavanhaque, e quando falava, um conjunto de gestos manuais acompanhava seu tom afeminado.

- Jimmy, o que está acontecendo? – Ele perguntou. – Eu estava na terra dos sonhos bem agora. Quem está trabalhando? É o Tommy? Ele *sabe* que a terra dos sonhos é meu lugar especial. Como eu vou ter um compromisso atrás do outro se eu não consigo nem abrir meus olhos?

- O senhor Tommy pediu desculpas - Jimmy disse e saiu.

- Quem é você? – Davi apontou.

Avery mostrou seu distintivo.

- Avery Black. Detetive de Homicídios. Precisamos conversar.

- Ah, não - ele disse e colocou os dedos sobre sua cabeça. – Não com essa energia. Sossegue, garota. Você não pode entrar no *meu* apartamento até você acalmar essa *loucura* e por para fora a suavidade que eu sei que está escondida em algum lugar aí.

- Não temos tempo para isso - Avery reclamou.

- Você vai *arranjar* tempo - ele respondeu. – Você tem um mandado? Você veio me prender por alguma coisa? Ah, não. Acho que não. Vamos lá - ele disse. – Feche seus olhos. Respire fundo. Seus olhos não estão fechados. Eu deveria fechar minha porta e voltar a dormir? Porque é isso o que eu vou fazer agora.

Avery fechou os olhos.

- Respire fundo - ele disse.

Ela respirou fundo.

- Certo. Agora respire devagar e deixe a loucura ir embora junto com o ar. *Uou, querida*, sua respiração fede! Quem bebe tão cedo? Tenho que treinar sua mente para a respiração. Não, não. Não quebre o exercício. Inspire. Expire. Apenas faça isso. Isso mesmo. Tranquilo e fácil. Veja. Como você se sente?

A respiração ajudou. Avery ficou um pouco menos ansiosa, e após alguns momentos, ela teve que admitir que se sentia melhor.

- Bem - ela disse.

- Excelente. – Ele assentiu. – Agora, o que você quer?

- Posso entrar?

- Claro. – Ele acenou. – Me siga. Quem eu posso culpar por ter uma tira com uma energia louca aparecendo sem avisar e atrapalhando meu sono de beleza?

- Randy Johnson - ela disse.

- *Randy*? Eu deveria saber. Ela tem um aspecto Saturno-Netuno na terceira casa esse mês. Como óleo e água. Muitos problemas com comunicação. Isso - ele disse e apontou para Avery, - seria um problema.

O apartamento de Davi, que Avery imaginou também servir como seu escritório, era um pequeno espaço de um quarto que estava perfeitamente limpo. Havia apenas duas prateleiras de livros nas paredes. Uma mesa de jantar perto da janela parecia servir como mesa de escritório; havia um computador e vários livros, com uma das prateleiras bem ao lado da mesa.

- Entre no meu escritório - ele disse e se sentou atrás da mesa. – O que posso fazer por você?

- Você não sabe?

- Não sou um psíquico, querida. Sou um astrólogo. Não leio mentes. Leio os padrões dos corpos celestiais. Sim, eu tenho minhas impressões às vezes, mas eu tento evitar julgamentos até ver seu mapa. Você é de Touro, certo?

- Como você sabe?

- Teimosa e autoindulgente. Sente-se.

- Preciso de ajuda em um caso em que estou trabalhando - ela disse.

- O assassino da astrologia?

- Isso mesmo.

- Estive lendo sobre isso nos jornais. O que você sabe sobre astrologia?

- Não muito.

- Bem, uma lição rápida: quando você nasce, em uma hora e lugar específico, os planetas no sistema solar estão uma certa

localização, e essa localização forma seu mapa astral. É como uma roda dividida em doze partes. Te mostra onde estavam todos os planetas naquela hora, e o que isso significa para você. Por exemplo, eu nasci em Agosto. Então eu sou de Leão. Leão é governado pelo sol. O sol estava em minha quinta casa, e aquela casa tem a ver com criatividade, então eu sou muito criativo.

Avery parecia perdida.

- Vamos apenas dizer - ele continuou, - que você nasceu na água. Você não acha que seria mais atraída pela água quando crescesse?

- Sim - ela disse. – Faz sentido.

- A astrologia é assim. Os planetas estão em um certo alinhamento no nascimento, e com o passar do tempo, alinhamentos similares mostraram a pesquisadores quais comportamentos personalidades similares podem desenvolver.

- Mas há milhões de pessoas que são de Touro, ou Gêmeos. Como você explica todas essas diferenças?

- De várias maneiras - ele disse e começou a digitar em seu computador. – Não é só o sol que te faz ser Touro ou Gêmeos. A posição da lua quando você nasceu também influencia. E o planeta que estava ascendendo sob a terra quando você nasceu também. Então, quando você tem todas as informações, com o tempo e o lugar que você nasceu, isso se torna muito específico. Todas essas diferenciações criam variedades no mapa astral, e variedades nos indivíduos.

Avery puxou a carta do assassino.

- Esses graus tem algo a ver com isso?

Davi analisou.

- Ele está te mostrando os três principais pontos no mapa astral de qualquer pessoa: o signo do sol, o ascendente e onde a lua estava posicionada, e ele está te mostrando os graus. É muita informação, mas veja o que acontece quando você junta todas essas variáveis.

Ele virou seu computador para que Avery pudesse ver.

Uma lista enorme apareceu na tela e seguiu crescendo.

- Aqui temos todos os momentos nos últimos sessenta anos em que o sol estava em Sagitário, a lua em Escorpião e o ascendente

em Libra. São muitos, certo? Esses números aqui indicam a data, tempo e localização no planeta. Eu acho que o assassino está te dando uma data de nascimento, mas você é a única que pode encontrar a data que de fato tem um significado para você. A carta foi enviada para você, certo? Isso significa que você é a chave. Alguma dessas datas é familiar?

A lista parecia não ter fim.

- Não - ela disse. – Você pode imprimir por favor?

- Claro.

- As duas vítimas - Avery disse, - estavam posicionadas como símbolos do signos. A primeira era Gêmeos. A segundo Virgem. Isso te diz algo?

Davi encolheu os ombros.

- Não há muitas similaridades. Os dois são muito adaptáveis, comandados pelo mesmo planeta, Mercúrio, que é o mensageiro, os dois são mutáveis.

- Mutável? O que é isso?

- Mutável, fixo e cardinal - ele disse. – Temos doze signos, certo? Os signos são separados em grupos de quatro. Os primeiros quatro signos são considerados cardinais, o que significa que eles provocam mudanças. Áries, Câncer, Libra e Capricórnio. Cada um deles indica uma mudança nas estações. Mudanças significam recomeços, no mundo exterior e em sua vida pessoal. Depois temos os signos fixos, posicionados firmemente, o que significa que eles não mudam muito. Touro, Leão, Escorpião e Aquário. São signos estáveis, firmes, confiáveis. Você teve uma grande mudança em sua vida ou nas estações com um signo cardinal, certo? Esses quatro seguintes mantêm tudo em seu *status quo*. Por último, mas não menos importante, temos os signos mutáveis. Eles indicam grandes mudanças, adaptação. Eles quebram as coisas. Pense na fênix que nasce das cinzas. Signos mutáveis destroem a fênix enquanto signos cardinais a trazem de volta. Os signos mutáveis são Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes.

Gêmeos e Virgem são ambos mutáveis, Avery pensou. Sagitário é mutável. O que eles têm em comum? A carta fala de Sagitário.

- Eu tenho um livro aqui - Davi disse e puxou um livro enorme, - talvez possa ajudar. É todo sobre astrologia, e especificamente

sobre a astrologia *desse ano*. Tem uma parte geral e uma sessão pessoal. Então você vai até a página da sua astrologia pessoal e ele vai te dizer pelo que você vai ter que passar esse ano, coisas boas e ruins. Vá a parte geral e ele vai te mostrar uma visão geral da astrologia esse ano.

Avery pegou o exemplar gigante.

- Obrigado - ela disse.

Davi olhou para o relógio.

- Aquele livro - ele disse, - mais a impressão, devem te ajudar.

Mas você precisar de algo mais, não hesite em ligar. Você tem que ir agora porque eu tenho uma consulta em dez minutos. Tudo vai te custar duzentos dólares.

- Que?

- *Que?* Você acha que essas coisas são de graça? – Ele disse. – Você interrompe meu sono, vem até a minha casa, ganha uma aula de astrologia, um livro e uma impressão que pode te ajudar a desvendar a carta do seu assassino, e você está reclamando por causa de duzentos dólares?

- Estou tentando pegar um assassino.

- Todo mundo está tentando fazer *algo*, querida. Aceito dinheiro ou cartão.

Avery pagou com cartão e saiu.

O livro estava debaixo de seu braço, mas a impressão estava em sua mão. Havia seis páginas com muitos números e uma letra pequena. As datas de nascimento começavam nos anos cinquenta. Ela continuou lendo tentando encontrar alguma que dissesse algo.

Anos cinquenta.

Anos sessenta.

Anos setenta.

Anos oitenta.

Quando chegou aos anos noventa, ela já havia saído do prédio e estava na rua.

Mil novecentos e noventa e sete...

Mil novecentos e noventa e oito...

Um calafrio a fez parar e, por um segundo, ela não conseguiu se mexer ou pensar.

Uma data estava na lista. Entre centenas—pequena, difícil de ler e perdida entre muitas datas—mas Avery a conhecia. E muito bem.

Era a data de nascimento de Rose.

Rose, ela pensou, apavorada, e virou-se para ver as pessoas e prédios em sua volta como se o assassino pudesse estar em qualquer lugar. Era aquilo o que a carta significava.

Era um aviso.

Ele vai atrás de Rose.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Avery acendeu as luzes de polícia e saiu pela cidade.

- Rose? – Ela telefonou. – Querida, escute. Preciso que você me retorne assim que você escutar isso. Entendeu? Eu sei que você está me odiando, mas é muito importante. Por favor. Rose?

Ela discou de novo e de novo.

Todas as chamadas caíram na caixa postal.

Sua filha morava em algum lugar do campus da Northeastern. *Onde?* Avery pensou, forçando o cérebro. O nome estava ali, em sua cabeça. Quando elas estavam mexendo nas caixas, Rose havia mencionado a casa e dito que estava animada porque o local era um pouco fora do campus, em uma rua residencial. *Hemhaw? Heehaw? Foi assim que ela chamou, mas não sei qual é o nome certo.* De repente, ela lembrou e dirigiu mais devagar enquanto ligava o GPS.

Reforço, ela pensou. Você precisa de reforço.

Seu primeiro instinto foi ligar para Ramirez.

Primeiro relaxe, disse a si mesma. Estamos no meio do dia. Ninguém vai raptar sua filha no meio do dia. E se ela foi raptada ontem à noite? Ela pensou, preocupada.

Ela telefonou para Rose de novo.

- Rose, por favor, você tem que atender!

O reitor, pensou. Você vai precisar das chaves do prédio. Como um assassino entra em um prédio de universitários? Isso não importa agora! Não entre em pânico. Ainda não. Não aconteceu nada. Entre lá e avalie a situação.

O apartamento de Rose ficava em um prédio comum de quatro andares em uma das principais áreas do campus. O primeiro andar era cinza e branco, de pedras. Do segundo em diante, o prédio era vermelho.

Avery estacionou na rua, com o carro de lado e as luzes piscando.

Não havia porteiro no prédio. As portas de vidro estavam fechadas e havia câmeras fora e no hall de entrada.

Acalme-se, ela lembrou a si mesma. Ninguém poderia ter entrado aqui. Tem muito movimento.

De fato, um segundo depois uma jovem abriu a porta.

Avery imediatamente mostrou seu distintivo.

- Rose - ela disse. – Rose Black. Qual é o quarto dela?

- Que?

- *Rose Black*. Ela é novata aqui. Tem mais ou menos essa altura. Loura. Olhos azuis. Se parece comigo.

- Desculpe, mas não conheço ela.

Avery entrou no prédio.

O hall se dividia em dois grandes corredores. Havia um elevador bem a frente.

Cadê você? Cadê você?

Ela tentou telefonar de novo.

Caixa postal.

Avery desligou e pensou em ligar para Jack. *Você liga para Jack e ele só vai entrar em pânico e vir até aqui, e você vai ter que escutar que você é a pior mãe do mundo, de novo.*

Mais dois alunos apareceram.

- Detetive Black, Boston A1 - ela disse e mostrou seu distintivo. – Estou procurando Rose Black. Uma novata que mora aqui. Vocês a conhecem?

Um dos garotos assentiu.

- Sim, eu conheço ela. Mora no meu andar.

- *O apartamento* - Avery disse. – Por favor, preciso do número do apartamento agora.

O garoto virou-se para seu amigo.

- Qual é, Tovi? Quatro E? Quatro D? Eu sempre esqueço.

- Acho que é Quatro E - o amigo disse, - porque ela mora do lado da Lydia.

- Sim, é isso - ele assentiu. – Quatro E.

Avery correu pelas escadas.

Não faça minha filha morrer, ela rezou. *Não pense nisso!* Gritou a si mesma. *Faça com que ela esteja segura*, ela se corrigiu. *Por favor, eu serei uma mãe melhor. Vou ligar mais vezes. Eu prometo*, ela jurou para quem quer que estivesse escutando. *Eu juro*.

No quarto andar, Avery manteve os olhos nos números nas portas.

O corredor era marrom, com carpetes.

Ela colocou suas costas contra a parede, ao lado da porta de Rose, e puxou sua arma. Com a mão esquerda, bateu.

- Rose? – Ela chamou. – Você está aí?

A porta estava destrancada.

Merda, Avery pensou.

Um rápido olhar para a beirada da porta mostrou que ela estava quebrada. *Não*, ela pensou. *Não está quebrada*. Era como se alguém tivesse colado a trava de dentro, então ela não fechava com perfeição.

Ela colocou a cabeça para dentro do quarto.

Vazio.

Ela entrou.

O local era muito espaçoso, com dois sofás, uma TV e uma área de cozinha. *Ela divide com mais duas alunas*, Avery lembrou. À direita, havia um pequeno corredor que levava a dois dos quartos. À esquerda, ela podia ver apenas mais um quarto.

Avery manteve a arma apontada para cima, e a cada novo ângulo ou quarto, ela pensava na pequena chance de o assassino ainda estar lá. Olhou os dois quartos primeiro. Ambos vazios. De volta à sala de estar, seguiu pelo carpete até o terceiro quarto. A porta estava fechada.

Ela pôs a mão na maçaneta, virou-se e entrou.

Rose estava de toalha e com fones no ouvido. Um pequeno iPod estava grudado na toalha, e ela estava cantando junto com a música em seus ouvidos e dançando. Ao virar-se, ela viu Avery com a arma na mão e gritou.

- *Ahh!*

- Ah meu Deus, meu amor - Avery disse.

Ela segurou Rose em volta do pescoço e a beijou na testa.

- Graças a Deus você está bem.

Rose a empurrou.

- *Mãe!* O que é isso? O que você está fazendo aqui?

Avery a ignorou e olhou o guarda-roupas e debaixo da cama.

- Você está sozinha, certo? – Ela disse. – Alguém veio aqui recentemente? Ontem à noite ou hoje de manhã? Alguém que não fosse normal estar aqui? Um mecânico? Eletricista?

- Mãe, que *diabos* está acontecendo? Você está me assustando.

- Me responde, por favor, Rose. Só me responda.
- Não. Ninguém veio aqui. Por que?
- A porta está quebrada - Avery disse. – Por que a porta está quebrada?

Rose virou os olhos.

- Não sei - ela disse. – Decerto alguma pegadinha estúpida de faculdade. Estava assim ontem à tarde. O assistente do andar disse que iria consertar até hoje à noite. Nada de mais. Tem câmeras por todos os lados. Ninguém vai entrar e roubar nada. *O que* você está fazendo aqui? – Ela perguntou novamente. – Me responda!

Avery puxou uma cópia da última carta do assassino.

- Aquele assassino - Avery disse e a entregou a Rose. – Aquele que estragou nosso piquenique. Ele mandou outra carta para os jornais. Endereçada para mim. Eu devo estar chegando perto dele. E ele não quer. Fez uma ameaça. Com alguma ajuda eu consegui decifrar a carta hoje. Sua data de nascimento está nessa lista. Ele te ameaçou, Rose. Agora a porta está quebrada—

Rose ficou vermelha de raiva.

- Isso é ridículo, você sabia, né? *Ridículo*. Esse é o único jeito que você conseguiu pensar para entrar de novo na minha vida? Você inventou uma cena fantástica e me assustou desse jeito?

- Rose.

- *Você está louca. Totalmente louca.*

Rose tentou manda-la embora.

- Não vou sair daqui - Avery disse.

- Eu quero me vestir. Saia do meu quarto.

- Você não vai sair da minha vista.

Ela guardou a arma e puxou seu walkie-talkie.

- Preciso de reforço. Agora - e passou o endereço. – Tenho razões para acreditar que nosso assassino está atrás da minha filha. Venham o mais rápido possível.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Dylan Connelly chegou com Thompson. Eles estavam com mais dois policiais que Avery já havia visto, mas nunca havia se apresentado oficialmente.

Rose já estava vestida, sentada no sofá do quarto.

- Estou presa como uma criminosa! – Ela gritou para a polícia assim que eles entraram pela porta. – Vocês podem tirar essa mãe louca do meu quarto?

Connelly a olhou, preocupado.

- O que aconteceu?

- Eu desvendi o código da segunda carta do assassino - Avery disse. – Ele nos deu uma lista de datas, datas que não significariam nada para ninguém mais. O aniversário de Rose está nela.

- De quantas datas estamos falando?

- Centenas.

- Centenas? – Connelly perguntou. – E se for só uma coincidência?

- Não é uma coincidência. Ele queria que eu encontrasse essa data. Ele está atrás de Rose. Ela é de um signo mutável. Ela já matou duas pessoas de signos mutáveis.

Connelly moveu as mãos em volta de sua cabeça.

- Uou, uou - ele disse. – Devagar. De que porra você está falando?

Thompson era tão grande que quase não conseguia passar pela porta. Quando ouviu sobre os signos mutáveis, ele assentiu, demonstrando ter entendido.

- Signos mutáveis destroem as coisas - ele disse. – São como o fogo que queima um prédio, mas de um jeito bom, porque o prédio acaba sendo reconstruído.

Connelly olhou para ele.

- Eu te perguntei algo?

- Pensei que era uma pergunta geral.

- Mutável - Avery disse. – É um tipo de signo. Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes. São todos signos mutáveis, adaptáveis, de mudança. O assassino já matou uma geminiana e uma de Virgem.

Rose é de Sagitário. Ela está naquela lista. Eu estou de dizendo, ele está atrás dela. A porta está quebrada. Olhe ali!

Connelly levou as mãos até a beirada da porta.

- Pode ter sido uma pegadinha de faculdade.

- Foi o que *eu* disse! – Rose gritou.

- *Não foi* uma pegadinha - Avery disse. – *Eu não estou louca*. Isso é exatamente o que o assassino quer que vocês pensem. Ele fez isso para me mandar uma mensagem.

- Tudo bem, tudo bem - Connelly disse, - vamos fazer uma coisa por vez. Thompson, cheque todas as câmeras. Assegure-se de que todas estão funcionando. Sullivan, veja se você encontra o supervisor desse andar. Queremos acesso às imagens. Fagen - ele disse ao último agente, - bata em todas as portas do andar. Veja se algum aluno viu algo suspeito nos últimos— - ele olhou para que Avery completasse.

- Dois dias - ela disse. – A fechadura estava quebrada ontem. Ele pode ter estado aqui. Alguém vestido de mecânico, eletricista ou funcionário da faculdade. Basicamente, alguém que parecia um profissional de algo e estava vestido assim. Onde estão suas colegas de quarto? – Ela perguntou a Rose.

- Em aula.

- Alguém deve ter deixado esse cara entrar. Talvez uma delas. Você sabe em que aula elas estão? Onde elas estão?

Rose a deu as informações.

- Fagen - Connelly disse. – Esqueça o que eu disse sobre bater nas portas. Eu vou cuidar disso. Vá atrás das duas colegas. Precisaremos de depoimentos. Você está bem? – Ele disse a Avery. – Você parece bem desconsertada.

- Desde quando você se importa? – Avery se irritou.

Grossa, ela pensou assim que as palavras saíram de sua boca. *Você tem que se acalmar. Relaxe. Respire como você fez na casa do Davi*. Ainda que Connelly tivesse sido um babaca e tanto no primeiro caso de homicídio dela, ele às vezes aparecia. Desde então, eles quase não tiveram contato, apesar do fato de que ele era, tecnicamente, seu supervisor.

- Desculpe - Avery rapidamente disse. – Acho que só estou em choque. Como alguém poderia entrar em um dormitório

universitário?

- É para descobrir isso que estamos aqui - Connelly disse. – Por agora, tente relaxar. Sente-se. Deixe que eu e os caras vamos cuidar disso por enquanto.

- Eu posso sair? – Rose disse com os braços abertos.

- Escute - Connelly disse. – Mesmo que sua mãe esteja errada, ela está toda estressada agora porque ela se importa com você. Tente lembrar disso. E se ela estiver certa? É bom ter uma mãe como ela do seu lado.

Connelly pareceu verdadeiramente empático naquele momento paternal, e isso fez com que Avery o olhasse de uma maneira completamente diferente.

- Por que você está sendo tão bacana comigo? – Ela perguntou.

- O que você quer dizer?

- Você nunca é bacana.

Ele fez uma careta e balançou o pulso.

- Qual é - ele disse. – Você é uma pau no cu e você sabe disso. Metade do tempo, você faz o que quer. Você não está nem aí para protocolos ou para ninguém. Claro, você é esperta. Resolve casos. Você é uma boa tira, mas você não sabe lidar com ninguém, nem comigo. E isso é chato para caralho. Você é como um mosquito gigante que fica buzinando no meu ouvido. Mas nós temos que ser uma equipe teoricamente, certo? – Ele a olhou nos olhos. – E equipes permanecem juntas.

Thompson parecia em pânico quando ele voltou ao quarto.

- As câmeras estão fodidas - ele disse.

- Como assim 'as câmeras estão fodidas'? – Connelly disse. – Você não pode entrar aqui e dizer uma merda dessas. Você não vê que tem uma menina aqui?

Rose estava escutando do sofá.

- Desculpe - ele disse e abaixou o tom de voz. – Há duas câmeras em cada andar, uma em cada lado. Nesse andar, a do outro lado está funcionando, mas a que fica aqui perto está com algum tipo de substância cinza. Parece tudo certo se você olha de relance, mas se você passa o dedo você sente aquela coisa, como um esmalte. A câmera do elevador e as do hall de entrada têm a mesma substância.

- Merda - Connelly murmurou.

- *Eu sabia* - Avery disse. – *Eu sabia* que ele esteve aqui.

Rose sentiu um calafrio. Ela havia escutado tudo, e a percepção de que aquilo não fora uma pegadinha e de que talvez alguém havia destruído a porta de propósito era difícil de absorver. Ela olhou para Avery e viu que sua mãe estava olhando de volta para ela.

- Nós vamos pegar ele - Avery disse. – Vai ficar tudo bem. Você está bem.

- O que nós fazemos agora? – Thompson perguntou.

- Quanto longe você chegou na lista da Boston University sobre a Professora Williams? – Avery perguntou.

- Eles vão me mandar uma lista completa até o fim do dia.

- E as livrarias?

- Já tenho a lista - Thompson disse. – A lista da livraria espiritual tem doze nomes. A outra tem um pouco mais: vinte e dois. De todos eles, cerca de metade são mulheres.

- Então temos pelo menos dezesseis ou dezessete nomes de um possível assassino entre eles. Ele com certeza veio aqui. *Alguém* tem que ter visto ele. Se nós conseguirmos um esboço de um retrato que restrinja nossa busca...

Ela virou-se para Connelly.

- Quantos Abrigos Secretos nós temos disponíveis?

- Agora? Provavelmente dois.

- Podemos colocar Rose em um?

- Claro - ele disse. – Posso cuidar disso.

- Abrigo Secreto? – Rose se assustou.

- Não tem como você ficar aqui - Avery disse. – *Não mesmo.*

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

O abrigo secreto ficava em uma parte rica de Beacon Hill. Avery levou Rose até lá seguindo Connelly. Rose reclamou durante todo o caminho.

- Não acredito que isso está acontecendo.

- É para sua própria segurança - Avery insistia.

- Por *sua* causa - Rose disse. – *Você* é o motivo disso estar acontecendo. Por que você não fica longe da minha vida? Você sempre piora tudo.

Avery explodiu de raiva.

- Para mim já chega - ela disse. – *Você* é minha filha. Eu me importo com você, pago sua faculdade e estou tentando salvar sua vida.

- Eu não preciso do seu dinheiro! – Rose respondeu. – Posso conseguir uma bolsa. Não preciso *mesmo* de você! Quando você esteve ao meu lado? Ein? *Quando?*

- *Agora!* – Avery gritou. – Estou aqui agora!

Ela baixou seu tom de voz e continuou.

- Eu sei que sou uma mãe ruim. Estou cansada de ouvir isso de você. Eu sei que te decepcionei centenas de vezes e que eu te decepcionei essa semana de novo. Desculpe. Quantas vezes eu tenho que pedir desculpas? – Avery chorou, depois gritou. – *Porque eu estou cansada disso!* Eu sou assim. Eu estou tentando melhorar, eu juro que estou, *mas eu sou assim!* Ou você tenta me aceitar, ou siga em frente: corte todos os nossos laços. Pode ser a última vez que você me vê. Mas você *está* indo para um abrigo secreto, e você *vai* ficar lá até eu pegar esse cara. E se você não está feliz com isso eu posso te prender e te colocar em uma cela no A1.

O silêncio tomou conta do carro.

Avery continuou olhando pelo retrovisor para ter certeza de que eles não estavam sendo seguidos. O assassino tinha passado dos limites: invadiu a vida dela, agiu audaciosamente contra sua filha, e Avery nem tinha ideia de como.

- O que eu vou fazer em uma casa vazia? – Rose reclamou. – Você não vai me dar um computador ou um telefone.

- Você tem seus livros - Avery disse. – Vou pedir para alguém trazer suas tarefas. Computadores e celulares podem ser rastreados. Você precisa desaparecer. É a única maneira para que eu tenha confiança de que você está segura.

Rose olhou pela janela.

- Eu queria ter uma mãe *de verdade*. – Ela murmurou.

Aquelas palavras a atingiram em cheio. Os olhos de Avery se encheram de lágrimas. Ela mordeu o lábio e segurou o choro. Imagens de sua própria mãe eram difíceis de encarar: a mulher estava geralmente bêbada, dificilmente presente e era muito abusiva. *Você é como ela?* Avery pensou. *Não*, ela respondeu a si mesma. *Você não é nada como ela. Você pode não ser a melhor mãe, mas você está aqui, você tenta.*

- Me aceite como eu sou ou pare de falar comigo depois disso - Avery disse. – Você tem essas duas escolhas. Porque eu *sou* uma mãe de verdade.

À frente delas, Connelly diminuiu a velocidade em uma rua com sombras, de três vias, ao lado de uma série de casas de pedras. Uma delas, menos cuidada do que as outras, tinha escadas que iam para baixo e uma câmera para ver os visitantes. Connelly estacionou, saiu do carro e analisou a área. Ele pegou as chaves de seu cinto e acenou para Avery.

- É aqui - Avery disse. – Me siga e mantenha sua cabeça baixa.

Connelly usou duas chaves em três fechaduras.

Eles entraram no primeiro andar do apartamento grande e vazio. Cortinas grossas de carmesim bloqueavam a luz. O chão era de madeira. Na sala, havia um sofá e um móvel de televisão. A cozinha tinha micro-ondas e um fogão. Na geladeira, havia algumas refeições congeladas e bebidas doces. Nos fundos, dois quartos. Ambos tinham camas arrumadas e nada mais. Havia lençóis e travesseiros em um guarda-roupa. Na pequena varanda, a grama não era cortada há tempos.

Connelly olhou por tudo: quartos, guarda-roupas, banheiros, fechaduras nas janelas e a varanda nos fundos, antes de retornar.

- Você deve ficar bem aqui - ele disse. – Se você não se importar de ficar sozinha por algumas horas, eu posso mandar alguém à noite para fazer companhia. A casa está completamente equipada.

Há câmeras por todos os lados, menos no banheiro, então é lá que você deve ir se quiser privacidade. As portas da frente e de trás têm travas duplas. Também escondemos câmeras pela rua em algumas árvores em frente ao prédio, bem como nos fundos. Ninguém pode pegar você aqui. Eu prometo.

- Ótimo - Rose disse. – Obrigada.

- Aqui estão as chaves - ele disse para Avery. – Eu vou voltar para o dormitório da universidade e ver se temos algum progresso. Quando você estiver pronta, você pode substituir eu e meus homens.

- Obrigada - Avery disse. – Por tudo.

Connelly acenou acanhado e saiu.

Sozinhas, as duas pareciam estranhas uma para a outra. Rose havia se virado para a cozinha. Ela passou um dedo sobre o balcão e resmungou sobre a sujeira. Avery suspirou e olhou em volta.

- Você tem TV e comida. Precisa de algo mais?

Rose balançou a cabeça.

- Ok então - Avery disse. – Vou voltar para a universidade.

Ela virou-se para sair.

- *Espere* - Rose disse. Virando-se para Avery, ela continuou. – Desculpe. O que eu disse no carro. Não foi certo. Eu ainda estou nervosa, mas não foi certo.

Avery a abraçou.

- Eu te amo - ela sussurrou. – Desculpe. Parece que eu sempre te decepção.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Avery se surpreendeu com tudo o que aconteceu no curto espaço de tempo em que ela saiu. O dormitório de Rose estava lotado com suas duas colegas, Thompson, Fagen, Connelly e um desenhista que Avery nunca havia visto antes. Um chaveiro já estava trabalhando na porta.

- Me conte tudo - Avery disse a Connelly.

- Fagen tirou as duas garotas da aula. Acontece que elas estavam aqui quando o cara apareceu. Ele veio ontem à tarde: alto, por volta de 1,88m, e estava vestido como um agente de serviço em um macacão verde. Talvez espanhol ou latino, elas não têm certeza. Pele muito branca, olhos verdes, mais velho. Caminhava mancando. Thompson conhece um desenhista que poderia vir agora. O reitor e a segurança do campus já foram alertados. A fechadura está sendo arrumada e um guarda vai ficar na rua pelos próximos dias. Ninguém quer tornar isso público. Mande Sullivan para cuidar do abrigo secreto.

- É ele - uma das garotas apontou. – Esse é o cara.

O desenhista olhou para cima: ele era magro, calvo e com uma pequena barba grisalha. Em seu quadril, segurava um grande papel branco desenhado. A imagem retratada era de um homem hispânico, adulto, com a cabeça raspada e grandes olhos claros. Ele tinha uma testa média, bochechas altas, um queixo forte e lábios e nariz grandes. Seu pescoço era grosso. O desenho terminava em seus ombros.

- Sim, é ele mesmo. – A outra garota concordou. – Ele me assustou. Quero dizer, ele era legal e sorria muito, mas os olhos dele... Parecia que ele via dentro de mim.

Avery pegou a imagem.

- Vamos postar isso - ela disse a Thompson. – Não vamos deixar ele se esconder. Faça cópias. Mande para a imprensa. Eu quero esse cara em todos os canais e em todos os jornais até meia noite.

- É para já.

- *E eu quero aquelas listas das livrarias* - Avery disse logo depois.

- Nós estamos liberados? – Connelly perguntou. – Eu tenho que ir.

- Sim - ela disse. – Obrigada novamente.
- Por nada.
Connelly saiu com o desenhista e Fagen.
- Vocês vão ficar bem? – Avery perguntou às garotas.
- Sim, eu acho - uma delas disse. – Isso é muito louco.
- A fechadura está sendo arrumada - Avery disse, - e vocês têm um guarda olhando o prédio até tudo se resolver. Vocês não precisam se preocupar. Nenhuma de vocês está na mira. Esse cara só quer me assustar usando a Rose.
- Onde ela está?
- Em um lugar seguro - Avery disse, - fora de perigo.
Ela deu um cartão para cada uma.
- Se algo acontecer, se vocês se assustarem ou quiserem conversar, me liguem. Rose deve voltar em alguns dias.

*

Suja, suada e exausta pela pressa constante e adrenalina durante toda a tarde, Avery foi para casa tomar banho e se trocar antes de voltar ao escritório.

No banho, a água tirou toda a sujeita, mas Avery ainda estava mentalmente carregada.

Temos um retrato falado, ela pensou. Nomes estão a caminho. Assim que um dos nomes bater, vamos saber quem é ele. As garotas da Northeastern estão seguras. O que mais? Vá até o escritório, ela pensou. Certifique-se de que Thompson postou aquelas imagens e a colocou no sistema. Veja as listas das livrarias você mesma. Veja se Rose está bem. Leve janta para ela.

Uma troca rápida de roupas e Avery sentiu-se nova.

O sol já havia desaparecido no momento em que ela saiu.

Lâmpadas na rua iluminavam a área.

Ela estacionara rapidamente na rua ao invés do local reservado para si. Seu carro preto de polícia que parecia um carro esportivo, comum, estava exatamente onde ela havia deixado, com uma diferença notável: uma carta havia sido deixada no para-brisas.

O ar mais calmo que ela sentira depois do banho dissipou-se imediatamente, e Avery olhou por toda a vizinhança. Cada casa foi

analisada, assim como as ruas laterais e as esquinas escuras.

Um homem a meia quadra de distância estava de costas. Ele era calvo e, de longe, parecia um hispânico de pele clara. Ele vestia uma jaqueta pesada apesar do clima quente, calças jeans e sapatos grossos. Havia uma falha em seu caminhar, que Avery não sabia dizer se era proposital ou ele se mancava de verdade.

Ela pegou a carta.

A nota estava escrita com a mesma letra do assassino da astrologia.

Estou sempre vendo. Você não pode se esconder.
No escuro eu posso te ver, mesmo quando você está se
escondendo.

Estou em todos os lugares.

Morte.

Mesmo quando você está se escondendo, Avery leu.

Ele sabe onde Rose está escondida? Ele está indo atrás dela?

O homem virou a esquina.

- Ei! – Avery gritou. – Ei!

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Com toda sua velocidade, Avery correu.

Ela havia puxado a arma e tirado a trava de segurança.

- *Pare!* – Ela gritou. – *Polícia!*

O homem estava esperando quando ela virou a esquina. Sua jaqueta estava aberta e ele puxou uma arma com um longo silenciador. A arma fez um barulho quase imperceptível quando ele atirou.

A noite estava quieta. Havia uma brisa leve. Como em um sonho, Avery escutou a arma disparar as balas, e sentiu a força delas quando raspavam seus braços e rosto.

Ela pulou para trás de um carro.

Um barulho veio de uma bala que acertou a lataria, e o silêncio retornou. A distância, o som de uma ambulância. Um carro buzina incessantemente no trânsito a algumas quadras dali.

Avery arrastou-se para a frente do carro.

O homem com a arma fez o mesmo movimento. Ele havia chegado mais perto e se arqueado para que pudesse atirar livremente, Apenas vinte e cinco metro os separavam.

Avery levantou-se.

Os dois atiraram.

Avery acertou o braço com o qual ele segurava a arma. Sua mão abaixou, mas ele continuou apertando o gatilho. Várias balas passaram raspando no rosto dela. Quando a munição da arma dele terminou, ele fez movimentos de capoeira para escapar dos tiros dela.

Apesar da pequena distância entre eles e de sua excelente pontaria, Avery errou todos os tiros, até ficar sem munição.

Ela puxou outro pente.

O homem a atacou.

Ela jogou sua arma no rosto dele e o chutou na virilha. Ela percebeu rapidamente que ele era um lutador experiente. O primeiro golpe dela foi defendido, e depois ele a chutou no estômago e ela caiu.

Um carro passou buzinando.

O homem pulou para trás. Avery saiu do caminho. Sem perceber a briga na rua, o motorista pisou no acelerador e seguiu em frente.

O homem saltou para a frente e acertou a cabeça de Avery. Ela rolou. Ele a chutou novamente e Avery seguiu rolando. Quando ele tentou mais um chute, Avery se defendeu e segurou suas pernas. O homem caiu no asfalto com Avery sobre ele.

Nas aulas de jiu-jitsu, a luta no chão sempre fora sua paixão. A ideia de que movimentos especiais poderiam ser feitos no chão para desarmar um oponente vieram como um novo mundo, onde ela havia entrado de cabeça.

Ela deu um soco na garganta do inimigo. Novamente, ele provou que era um lutador experiente. Com os braços dela em seu rosto, escapou de um grande dano, e quando Avery respirou, ele golpeou. O homem a socou no estômago e rapidamente usou todo o peso de seu corpo para sair debaixo dela.

De pé, ele correu.

Avery levantou e começou a persegui-lo.

Algumas pessoas que haviam escutado os tiros ou haviam visto a briga sem querer apareceram nas portas para apontar e olhar.

Uma leve chuva começou a cair.

A umidade na atmosfera misturou-se com o suor de Avery e escorreu pelo seu rosto.

Ela corria bem. Correr fora seu principal exercício durante anos. Mesmo sem correr há tempos, ela não se esqueceu da técnica. Suas pernas lembraram-se do movimento. A respiração fluíu melhor e seus braços entraram no ritmo por conta própria.

O homem obviamente não estava preparado para uma luta longa. Um pequeno tropeço o fez cair na rua. Sua respiração estava pesada quando ele atravessou uma passagem estreita. Avery manteve sua respiração estável e o alcançou rapidamente.

Ele estava a vinte metros dela, depois dez, depois cinco.

Quando estava perto o suficiente para pega-lo, ela deu mais dois longos passos e pulou; todo o peso de seu corpo caiu sobre o homem e os dois foram ao chão. Avery tomou cuidado para ficar por cima. Ela colocou suas pernas ao redor da cintura dele e se inclinou para trás. Desferiu socos na cabeça do homem. Depois, golpeou o corpo e esperou que ele baixasse a guarda.

No momento em que ele tentou socar, Avery segurou seus braços e os utilizou para chegar à cabeça dele. Ela o pegou pelo pescoço e com um golpe, o derrubou para o lado e o espremeu. Suas pernas funcionaram como tesouras ao redor das pernas dele para impedi-lo de se mover. Ele se contorceu e lutou, mas de repente—com o ar impedido de chegar a seus pulmões—desmaiou. Avery o segurou por mais cinco segundos—apenas para ter certeza de que o desmaio não era teatro—e depois o soltou.

Ela virou-se rapidamente para se levantar.

Curvada, com as mãos nos joelhos, ela respirou lenta e profundamente.

A chuva continuava caindo em sua testa e pescoço. Assim que se recuperou da corrida e da luta, ela sentou-se em cima do homem e algemou suas mãos para trás. Uma rápida busca encontrou apenas um cartão de metrô.

- Você tem o direito de ficar quieto - ela sussurrou. – Qualquer coisa que você diga *pode ser e será* usada contra você na justiça.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

A polícia chegou pouco tempo depois. Uma ambulância veio em seguida. Dois médicos saíram dela. Avery mostrou seu distintivo e apontou para os braços do homem.

- Acertei ele duas vezes - ela disse. – Acertei ele ali em cima.

- As balas atravessaram?

Avery encolheu os ombros.

Os médicos rapidamente viram que os ferimentos não tinham resquícios de metal. O homem levou pontos e recebeu curativos. Dois agentes do departamento D14 o colocaram em um carro e concordaram em leva-lo até o A1. Avery os seguiu. Ainda que estivesse mais calma, seu coração ainda batia forte. *Cor da pele: combina. Tamanho do pé: combina. Sapatos Redwing: combina. Carta: combina. E a altura?* Ela pensou. *As garotas disseram mais ou menos um e oitenta e oito. Esse cara deve ter entre um e setenta e dois e um e setenta e cinco. E ele tem olhos castanhos, não verdes.* Ainda assim, Avery sabia que ele tinha que ser quem ela procurava. *Peguei ele*, ela pensou. *Peguei esse filho da puta.*

Thompson a encontrou no departamento.

Enquanto os dois agentes do D14 levavam o homem, Avery insistiu para que Thompson coletasse as digitais dele em movimento e imediatamente buscasse conexões. Os agentes do D14 colocaram o atirador em uma sala de interrogatório e o algemaram sentado.

Avery puxou um balde de um armário, o encheu e voltou.

Pessoas pelo caminho diziam:

- Ei, Black, o que você está fazendo? Você está bem? Quem é aquele cara?

Ela não estava totalmente racional. E sabia disso. Em sua mente, a chuva ainda se confundia com as balas e seus movimentos. *Eu poderia ter morrido a qualquer momento*, ela pensou. *Qualquer momento.*

Os policiais do D14 já haviam ido embora quando ela entrou na sala.

Thompson estava sozinho ao lado do homem inconsciente.

- As digitais estão sendo verificadas agora - ele disse.

- Me traga um especialista em caligrafia - ela ordenou.

- Vou ver o que posso fazer.

Avery jogou a água em seu suspeito.

Com uma respiração profunda, ele inclinou-se para trás e tossiu buscando ar.

- Quem é você? – Avery perguntou.

Ele estava tonto e sem saber sua localização.

Ela acertou o rosto dele com um soco.

- Quem é você!?

Meia hora depois, os movimentos de Avery estavam mais lentos e elaborados. Ela voltou para a área de visualização, frustrada. O homem a olhava de dentro da sala, atrás dos vidros. Seu rosto estava consideravelmente machucado. Havia ferimentos em sua testa e bochechas. Um dos olhos estava preto. Seu nariz estava quebrado. Ainda assim, ele sorria: um sorriso sangrento inesquecível.

- O especialista em caligrafia não está atendendo - Thompson disse.

- Me traga aquelas listas das livrarias.

- É para já.

O Capitão O'Malley entrou na sala com um jovem novato que Avery nunca vira antes.

- Soube que você teve uma noite difícil - O'Malley disse. – Me conte.

- Você sabe da faculdade?

- Sim. Connelly me contou tudo. Rose está bem?

- Até agora sim. Liguei para ela quando estava vindo para cá para ter certeza. Sullivan está do lado de fora da casa. Fagen vai trocar de lugar com ele à uma.

- Esse é o nosso cara?

- É o que eu estou tentando descobrir. Fui para casa me trocar. No caminho até o carro, encontrei uma carta no para-brisas. Escrita com a mesma letra e tinta do nosso assassino. *Esse cara estava se afastando do lugar.* Eu gritei. Ele abriu fogo.

- Você foi atingida?

- Não.

- E ele?

- Duas vezes no braço. A ambulância já deu pontos lá mesmo.

Avery acalmou-se depois dos tiros, da luta e do interrogatório. As coisas pareciam mais claras, e quanto mais ela olhava para o homem atrás dos vidros, mais ele se parecia com Desoto. *Como um primo próximo*, ela pensou. *Ou outro irmão*. Do mesmo modo, a nova carta começara a parecer um pouco diferente, como se tivesse sido escrita mais por um servo humilde do que por um fervoroso crente da causa.

O'Malley percebeu o sentimento dela.

- Ele bate com a descrição, certo? – Disse. – Idade e altura aproximada, tamanho dos pés, Redwing. Colocou uma carta no seu carro.

- Nem tudo bate - ela respondeu.

- Você o interrogou?

- Sim.

- O que ele diz?

Avery estava irritada com sua falta de capacidade de extrair uma simples palavra.

- Nada - ela disse. – Nem uma palavra.

Thompson retornou.

- Esse cara está limpo - ele disse.

- *Nem fodendo* - Avery respondeu.

- Ele não aparece no sistema.

- Cheque outra vez.

- Por que?

- Ele *tem* que estar no sistema - ela disse. – Ele sabe lutar, atirar.

Alguém teve que vender a arma para ele. Tem que ter uma conexão. *Cheque de novo*.

Ele entregou um único pedaço de papel.

- Aqui estão suas listas - respondeu grosseiramente.

Havia duas listas em uma das mãos de Thompson. Uma delas intitulada “Oculto” e a outra “Espiritual”. As duas tinham alguns nomes escritos, mas nenhum dos nomes fazia sentido. Na lista “Oculto”, havia seis que poderiam ser de origem hispânica. Na lista espiritual, cinco que eram mesmo hispânicos. *Cinco*, Avery disse. *Cinco nomes completamente diferentes que podem—podem—ter uma conexão*.

Ela passou o olho por todos os nomes.

- Você checou esses nomes? – Ela perguntou.
- Nenhum deles têm registros - Thompson disse. – Nem uma multa sequer.

O desapontamento de Avery era difícil de esconder.

Thompson balançou as mãos.

- *Estou te dizendo o que eu vi.*

- E a universidade? E todas as pessoas que foram às aulas da professora Williams?

- Ainda não tenho essa lista.

- Por que não?

- Estivemos meio ocupados.

Ela o devolveu a folha.

- Cheque esses nomes de novo. Quero fotos e informações de todos: nomes, datas de nascimento, tudo. Esse cara é bom - ele disse. – Ele deve ter um nome falso, ou vários. Veja se algum desses homens é veterano de guerra.

- Como eu vou conseguir fazer isso? – Thompson reclamou.

- *Descubra!* – Avery gritou. – Vá na internet, digite os nomes e faça *uma porra de uma busca!*

- Ei, ei, ei - O'Malley interrompeu. – Todo mundo calmo agora. Escute - ele disse a Avery, – você fez um bom trabalho hoje. Esse cara bate com tudo—tamanho do pé, altura aproximada, escreveu a carta e deixou no seu carro. Você teve um dia longo. Não está pensando com clareza. Vá para casa. Descanse. Vamos cuidar disso aqui. – Ele chegou mais perto para enfatizar. – Deixe conosco - disse.

Avery balançou a cabeça.

Era como se o chão pudesse abrir e a levar inteira. Nada parecia certo. A expressão de cuidado de O'Malley não parecia confiável. Thompson só queria ir para casa. O policial novato levantou os olhos e praticamente assobiou de tédio.

Finalmente, Avery deu voz ao que estava lhe causando medo.

- Eu não acredito que esse cara foi à Boston University - ela disse. – *Você acredita que ele trabalhou em uma livraria?* Ele parece um bandido amador de uma quadrilha hispânica. Você devia ver as tatuagens dele - ela disse e olhou diretamente para O'Malley.

– Esse cara deve ser um dos homens de Desoto. Não posso deixar isso assim.

O'Malley mudou completamente. Seu corpo se comprimiu e seu olhos escureceu. Ele apontou um dedo no peito dela.

- Você *vai* deixar assim - ele disse. – Você claramente não sabe o que é bom para você. Estou te *dizendo*: Bom trabalho hoje. Vá para casa. Tudo mundo vai ficar feliz. Mas agora, você está fora do caso. Thompson vai cuidar do resto. Aproveite seu final de semana.

Impossível, ela disse. *Há muitas perguntas sem resposta*.

- Você não pode me tirar do caso - ela disse. – Ainda não acabou.

- *Você está fora* - ele gritou. – E ponto. Saia.

- Não posso.

- *Você sai agora ou eu te prendo!* – Ele gritou.

Totalmente atordoada pela falta de visão e ajuda do capitão, Avery balançou a cabeça e passou por todos eles.

*

No caminho para casa, Avery viu peças de quebra-cabeças movimentando-se em sua mente, peças que não se encaixavam totalmente. Ela queria que ela se encaixassem—*precisava* que se encaixassem, para esclarecer e encerrar o caso. *Exausta*, ela pensou e apertou os olhos. *Você está exausta. Vá dormir. Descanse. Faça o que O'Malley disse: descanse*. Descansar não era uma opção.

Ela pegou uma bolsa em seu apartamento. Colocou dentro o livro enorme de astrologia que Davi lhe dera e saiu.

No abrigo secreto, Sullivan estava estacionado quase em frente em um carro à paisana. Ela estacionou, saiu e se inclinou na janela.

- Deixe comigo - ela disse. Por que você não volta de manhã? Às oito?

- Tem certeza?

- Não posso deixar minha filha passar a primeira noite dela em um abrigo secreto sozinha.

- Sem problemas.

Rose estava trocando os canais da TV quando Avery entrou. Ela olhou para cima. Surpreendeu-se ao ver o estado despenteado de

sua mãe, depois se sentiu aliviada, antes de fazer uma expressão tímida e baixar os olhos.

- O que aconteceu com você? – Ela disse.

- Noite difícil - Avery respondeu. – Você precisa de algo?

- Não.

Avery assentiu e seguiu para o quarto dos fundos. Alguns travesseiros estavam jogados na cama desfeita. Ela pegou um cobertor e deitou-se.

O enorme livro de astrologia se chamava *Tudo em Astrologia*. Aparentemente, uma nova versão era lançada a cada ano. O índice tinha todos os doze signos do zodíaco, bem como sessões de importantes eventos, relacionamentos e conceitos especializados como trígono, aspectos, nós e outros nomes que Avery não conseguia entender.

Ela foi diretamente à sessão de importantes eventos, na expectativa de um momento de clareza, um símbolo ou sinal que fizesse as respostas aparecerem. Nada apareceu. Parecia haver incontáveis acontecimentos astrológicos durante o ano.

Junho, ela pensou. *Esse mês*.

No mês de junho havia uma lista de eventos: *Saturno se alinha com Netuno, 17 de junho. Júpiter forma um aspecto positivo com Plutão em 26 de junho. Saturno retrocede, Março até Agosto. Quíron retrocede em junho. Retrocede*, ela pensou e olhou em cima. *Retroceder significa que um planeta parece mover-se para trás*, ela leu. *Ilusão de ótica. A força de um planeta aumenta. O que isso significa?* Ela pensou e seguiu lendo: *A força de um planeta aumenta, então se é um planeta de guerra, espere por mais guerras*.

Ela olhou novamente a lista.

Lua Nova, 5 de junho.

Lua Nova? Avery pensou. *É amanhã à noite*.

A linha seguinte dizia: *Lua cheia—20 de junho*.

Um índice no fim do livro tinha várias menções à palavra “mutável”: *cruzes mutáveis, casas mutáveis e signos mutáveis*. Ela foi até a página dos signos mutáveis e viu que cada um dos doze signos da astrologia ficavam em uma casa, e cada casa tinha seu

próprio significado e sentimento, como a casa do dinheiro ou a casa dos relacionamentos sociais.

Sua mente era um misto de tiros, fumaça e conceitos astrológicos. Avery fechou o livro e seus olhos. Nada parecia conectar-se. Ela tinha um assassino que *possivelmente* havia trabalhado com a primeira vítima e *provavelmente* teve aulas com a segunda. Ela tinha um retrato falado, uma altura aproximada e o tamanho dos pés, e havia alguma conexão com astrologia. Além disso, havia deduções: ele era forte, grande, possivelmente um veterano de guerra ou militar pela forma com que ele facilmente foi de um crime a outra, e ela era bom, realmente muito bom.

E se você estiver errada? Ela pensou. *E se essas mortes são aleatórias e ele é só um cara da rua com ódio no coração?*

Você não está errada, ela respondeu a si mesma. *Não retroceda. Isso só vai te fazer acabar com tudo. Confie nos seus instintos. Vá até o fim.*

Ela pensou em Ramirez, mas não conseguiu pegar o telefone para ligar para ele. *Ele precisa de espaço,* lembrou a si mesma. A distância entre eles a estava afetando. Totalmente sozinha, sem um parceiro ou um plano, colocou uma mão no rosto e segurou as lágrimas..

CAPÍTULO QUARENTA

Avery acordou cedo para tomar café da manhã com Rose. O tempo juntas foi tenso. Rose comeu em silêncio e, quando terminou, pegou seu café e preparou-se para ir para o quarto.

- É assim que vai ser daqui para frente? – Avery perguntou.

- Como assim?

- Isso - Avery disse. – Você me ignorando.

Rose franziu as sobrancelhas.

- Eu tentei pensar em algo a noite inteira - ela disse. – Nossa relação. Eu sei que você queria me ajudar ontem. Por isso você foi até meu dormitório e me colocou nessa casa. Mas eu tenho uma pergunta: O que me faz diferente de todos os outros? Você me trocou várias vezes por *outras* pessoas. Agora você está me ajudando. Então, você fez isso porque eu sou sua filha, ou você teria feito por qualquer um?

- Eu fiz isso por você - Avery disse. – Você é minha filha. *Eu te amo.*

Um olhar vazio foi tudo o que Rose pode oferecer.

- Você ligou para o meu pai? Ele sabe que eu estou aqui?

Merda, Avery pensou.

- Eu ia ligar para ele. A noite passada foi uma loucura.

Rose mordeu um dos lábios.

- Eu quero acreditar em você, mãe. Eu quero acreditar que você me ama e que você está tentando me ajudar e fazer as coisas certas. Mas é difícil. Suas ações nem sempre condizem com o que você fala. Como nós podemos ter um relacionamento se eu nunca consigo sentir que existe terra firme debaixo dos meus pés?

Avery quase riu.

Bem-vinda ao clube, ela pensou.

Rose virou-se para sair da sala.

- Eu e o pai somos próximos - ela adicionou. – Nós nos falamos todo o tempo. Por favor, ligue para ele. Ele vai ficar preocupado se eu não der notícias.

- Vou ligar para ele hoje - ela jurou.

Rose a olhou por um momento, como se estivesse tentando descobrir se Avery estava falando a verdade, antes de voltar para

seu quarto.

Em seu carro, Avery discou para Jack.

Ele atendeu ao terceiro toque.

- Avery - ele disse. – Diga.

- Preciso que você fique calmo e escute. Rose está em um abrigo secreto. O assassino mandou outra carta. O aniversário de Rose estava nela. Fomos ao dormitório dela e havia evidências de que ele esteve lá. Ela está bem agora.

A resposta foi séria.

- Onde ela está?

- Não posso te dar a localização pelo telefone.

- O assassino está atrás de você, certo? Por isso ele colocou

Rose como alvo?

O rosto de Avery encheu-se de culpa.

- Isso mesmo.

- Eu quero vê-la.

- Pode ser hoje à noite? Vamos à casa juntos.

- Quero vê-la agora. No máximo meio-dia - ele ordenou.

- Eu já saí de lá - ela respondeu. – Vai ter que ser à noite.

Ele a xingou enquanto respirou fundo.

- Você vai me fazer ligar para o seu chefe?

Avery ficou furiosa com a ameaça.

- Rose queria que eu te dissesse que ela está bem. Eu fiz isso.

Você quer algo mais? Espere eu ligar.

Ela desligou.

Raiva. Ela estava com raiva e tensa pelo caminho. *Minha filha me odeia. Meu ex-marido me odeia. Meu parceiro me odeia. Meu chefe acabou de me tirar do caso.*

A distância que ela sentia entre si e todos em sua vida era gigante.

Howard, ela pensou.

Apenas Howard Randall entendia. *Ele me aceita como eu sou. Acredita em mim. Um assassino. Um psicopata. Um prisioneiro.* Seu pensamentos lembraram da psiquiatra. *Existe espaço na sua vida? Para amigos? Família? Um amor?*

Espero que sim. Avery pensou. *Espero que sim.*

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Avery teve que esperar muito mais do que o normal na prisão de South Bay para ver Randall.

- Por que a demora? – Ela seguia perguntando.

A mulher atrás do portão sempre lhe dava a mesma resposta padrão.

- Alguém vai vir aqui em um minuto.

Avery folheou algumas revistas para manter-se ocupada. Aquilo era estranhamente viciante. Ela lembrou de quando era advogada, indo para a praia com seus biquínis de quinhentos dólares com Rose, Jack e vários jornais atrás. *Jack odiava isso, ela relembrou, e Rose também. Os dois sempre queriam sua atenção. Você estava sempre trabalhando tanto que qualquer fuga da realidade era necessária.*

Naquele momento, ela se deu conta do que Rose e Jack estavam tentando dizer-lhe nos últimos dias. Amar significava abrir mão de certas coisas pela felicidade dos outros, e Avery fora muito egoísta nesse assunto. O trabalho *era* a vida dela, sempre fora, desde quando ela saiu de Ohio. Mas agora, sua vida não era praticamente nem sequer uma vida, e o único jeito de consertar isso era começar a abrir mão do que ela conhecia—o poço sem fundo do seu trabalho—pelo que ela queria—um relacionamento com sua filha e possivelmente com mais alguém.

- Desculpe por lhe fazer esperar, Detetive - um dos guardas disse. Ele a deixou entrar e fechou a porta. – Randall está com muitos problemas. O administrador disse que você pode vê-lo hoje, por respeito ao caso em que você está, mas depois disso, todas as visitas dele estão proibidas.

- *Todas* as visitas dele?

- Sim, ele tem algumas.

Algumas? Avery sabia que Randall tinha uma vida pessoal lá fora, dois filhos e muitos familiares e amigos, mas na prisão? O pensamento a fez sentir-se um pouco traída e com ciúmes. Ela pensava que era a única que vinha vê-lo.

- O que ele fez?

- Ele cara é um mago. Sério. Ele tem um grupo inteiro de seguidores aqui. Os caras se chamam de Filhos de Randall. Fazem tudo o que ele quer. Essa semana nós prendemos Carlos Desoto. Você o conhece?

O tempo parou quando Avery escutou o nome. Ela o conhecia, claro. Era o irmão mais novo de Juan Desoto que estivera na briga há alguns dias.

- Não - ela disse.

- Não importa - o guarda disse. – Carlos esteve dentro e fora daqui durante anos. Os Latinos o mantinham seguro porque ele é o irmão mais novo de um cara dos grandes. Só que não esteve mais tão seguro. Faz vinte e quatro horas que ele foi morto pelos seguidores do Randall. Ele jura que não tem nada a ver com isso, mas o administrador não quer mais saber. Sem mais visitas por enquanto, e ele provavelmente vai para a solitária para sempre.

Randall estava presunçoso quando Avery entrou na pequena sala cinza de visitas.

- Olá, Avery - ele sorriu.

- O que você fez? – ela sussurrou.

- Você soube?

- Sobre Desoto? Sim.

- E como você se sentiu?

A pergunta a assustou. Na verdade, aquilo fizera com que ela se sentisse incrível e protegida, mas Avery teve nojo de seus próprios pensamentos. Ele havia cometido um assassinato em nome dela.

- Por que? – Ela perguntou. – *Por que* você fez isso?

- As leis da selva não são muito diferentes das leis do nosso mundo. Mate ou morra. Olho por olho. Você derruba um dos meus homens, eu derrubo um dos seus. Juan Desoto te machucou. Uma coisa dessas não pode ficar impune.

- Você matou o *irmão* dele!

Randall levantou uma sobrancelha.

- E?

- O que você acha que ele vai fazer? Você tem ideia de quem é ele? Juan Desoto é uma lenda lá fora. Ele conhece todo mundo. Vai vir atrás de você.

A aparência dócil e idosa de Randall brilhou por um momento, e Avery sentiu como se o espírito de alguém muito mais jovem estivesse ali, ansiando por liberdade.

- E você? – Ele disse.

- O que tem eu?

- Você disse que ele vai vir atrás de *mim*. Você não está preocupada consigo mesma?

Avery deixou a pergunta entrar em sua mente.

Uma parte dela estava convencida de que o homem que tentou mata-la na rua fora enviado por Desoto. Talvez a carta fosse algum tipo de intimidação, uma brincadeira cruel, ela não estava certa, mas a aparência e atitudes dele pareciam de um bandido, não de uma mente brilhante da astrologia. Se Desoto tivesse enviado um de seus homens, ele mandaria outro, e outro. Ela havia o humilhado em sua própria casa, em frente a outros cinco homens, e ele não iria parar até que ela fosse punida. Porém, por algum razão, Avery não estava preocupada consigo mesma ou com sua possível morte. Tudo o que ela podia pensar era em Rose, Jack, Ramirez e, estranhamente, Howard.

Talvez você ainda tenha jeito depois de tudo, ela se deu conta.

- Não - ela disse. - Eu não me importo com o que acontecer comigo. Eu me importo com o que aconteça com as pessoas na minha vida que significam algo para mim.

- E *eu* significo algo para você? – Ele perguntou.

Avery o olhou.

- Inacreditavelmente, sim - ela admitiu.

Os olhos de Randall encheram-se de lágrimas.

- Você disse o mesmo da última vez que estive aqui, e suas visitas frequentes dizem mais do que palavras, mas é bom escutar isso, especialmente nesse lugar.

- Por que? – Avery perguntou. – Soube que você tem outras visitas.

Randall enxugou os olhos.

- Senti uma ponta de ciúmes? – Ele sorriu. – Não é do seu tipo ter ciúmes, Avery.

- Preciso de ajuda.

- Presumo que sim.

- Esse assassino - ela disse, - nós já descobrimos muitas coisas e, ainda assim, nada parece se encaixar. Estou começando a me perder.

- O que você sabe?

- Temos um retrato falado, o tamanho dos pés e altura aproximada. Acreditamos que ele conhecia as duas vítimas, e pelo que eu vejo, é um louco da astrologia. Os dois corpos tinham similaridades misteriosas com os signos de Virgem e Gêmeos.

-Ambos signos mutáveis - ele disse.

- Como você sabe disso?

Randall inclinou a cabeça vagarosamente.

- Astrologia é um assunto fascinante - ele disse. – Uma das mais antigas formas de filosofia e religião. Os ciclos das estrelas e movimentos do planetário influenciaram muitos aspectos da sociedade humana ao longo do tempo. É por isso que as pessoas acreditam que você é de Touro, por exemplo - ele sorriu para Avery, - você é considerada uma pessoa prática, confiável e, claro, extremamente teimosa e independente. Seja onde for que as constelações estejam quando alguém nasce, essa energia e força molda aquela pessoa. Certas constelações trazem grandes perdas, vitalidade... e mudanças.

- Acho que talvez ele está atrás de *mudanças*. Signos mutáveis destroem coisas, as divide. Talvez ele está tentando recomeçar a vida dele de alguma maneira, e ele está fazendo isso assim, matando pessoas que o trataram mal.

- Astrólogos acreditam que certas datas e tempos podem ser catalizadores de grandes mudanças.

- Eu pesquisei sobre mutabilidade e grandes eventos na astrologia esse mês. Não encontrei nada que encaixasse com o padrão desses assassinatos.

- Sério? – Ele perguntou, sem acreditar.

Esse olhar, Avery pensou. Ele está me lançando esse olhar que significa que ele sabe algo, mas não vai me dizer o que é.

- Pare de jogar comigo! – Ela disse. – O que você sabe?

Randall lançou um olhar frio e distante.

O corpo dele parecia escolhido e tenso. Todo o ar saía da sala, e ele estava sozinho em seu lado da mesa, estranho e sombrio.

- Há alguns animais que nunca podem ser domesticados, Avery. Eles podem comer na sua mão e sentar no seu colo, mas eles são selvagens no coração—são animais. Qualquer relacionamento com essas criaturas tem que ser criado e mantido com muito cuidado. Você tem que deixa-los ser quem eles são, em seus próprios ambientes. Se você força-los muito - ele disse com um olhar ameaçador, - eles podem morder.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Fora dos portões da prisão, o sol brilhava. Avery protegeu os olhos e foi até seu carro. O estacionamento vazio e o céu azul a fizeram perceber quão vasta e vazia aquela situação se tornara.

As listas das aulas na universidade, ela pensou. É a peça final. Se nenhum nome se encaixar, voltamos à estaca zero.

A pergunta de Howard não saía de sua mente.

Sério? Sério?

O que ele quis dizer? Ela imaginou. *Eu disse a ele que pesquisei tudo sobre os signos.*

Sério?

Avery quis ligar para Thompson e perguntar sobre o especialista em caligrafia e os nomes das aulas da professora. *Você está fora do caso, lembrou a si mesma.*

Aliviada pelo fato de que a única pressão sobre o caso viesse dela mesma, Avery entrou no carro. O livro de astrologia estava no banco a seu lado.

Aceite o conselho de todos, ela pensou. Relaxe. O que te faz feliz?

Na mesma hora, ela pensou em uma praia.

Ok, então, ela decidiu. É dia de praia.

Um caminho lento para o oeste a levou até a M Street Beach. Avery estacionou o carro na avenida e atravessou. Ela encontrou um lugar com sombra embaixo de uma árvore. Com as costas no tronco, Avery sossegou e abriu o livro de astrologia.

A história da astrologia começava devagar, mas Avery deu tempo ao tempo. Começou na página um e estava determinada e se aprofundar no texto inteiro, não importando quanto tempo isso tomasse. Uma grande parte do primeiro capítulo falava sobre as marés, e como a lua e outros planetas influenciavam diretamente nelas. Ela olhou para o oceano e viu a água chegando na praia. *Por isso os corpos estavam perto da água, ela pensou.*

Após ler um quarto do livro, Avery novamente chegou à seção sobre os acontecimentos do ano corrente. Ela passou pelas listas que já havia lido e virou a página. Um título em negrito se destacava: *Grande cruz mutável*. A seção começava: *A lua nova de*

quatro de junho ativa a grande cruz mutável, um alinhamento poderoso de quatro planetas que cria um tempo de enormes mudanças e transformações.

Cacete, Avery pensou.

Grande cruz mutável. Eu vi isso no índice ontem à noite. Quatro de junho. É hoje.

Uma leitura mais profunda revelou os planetas envolvidos: Vênus estará em Gêmeos, Saturno em Sagitário, Netuno em Peixes, e Júpiter em Virgem.

Gêmeos, ela pensou. Virgem.

Palavras e frases diziam mais: A energia do cruzamento terá seu auge na lua nova, um tempo para destruir o antigo e trazer o novo, quando a verdade será descoberta.

Uma imagem acompanhava o texto. A grande cruz mutável era representado por um mapa circular. Uma mapa era desenhado como um relógio, com todos os planetas e seus respectivos signos em volta. O “cruzamento” em si era na verdade um *quadrado* de planetas. Dentro do quadrado, uma cruz havia sido desenhada para indicar a origem do nome, mas cada planeta estava na verdade em um *canto* do quadrado. Se aquilo fosse mesmo um relógio, os cantos seriam os números nove, doze, três e seis. As posições seis e três tinham os signos de Gêmeos e Virgem.

Avery pegou seu telefone e mapeou onde os dois corpos foram encontrados.

O primeiro corpo estava em um iate na East Boston Marina. O segundo corpo foi descoberto na água no Parque Lederman. Ela salvou a tela em formato de imagem. Criou uma linha entre as duas áreas, depois a arrastou para baixo para criar um quadrado perfeito em ângulos de noventa graus. Os dois lados estavam na terra. *Não*, pensou. *O assassino queria os corpos no oceano, perto das marés.* Ela voltou à linha original e a arrastou para cima, criando um quadrado perfeito. Quando o quadrado atingiu ângulos de noventa graus, todos os cantos estavam na água. Os dois pontos mais altos—representando Peixes e Sagitário—estavam na costa de Charlestown em Chelsea, logo depois de Boston.

Avery colocou o telefone no colo.

Isso é loucura, ela pensou. Grande cruz mutável? Isso significaria que há mais dois corpos.

Charlestown era território do departamento A15.

Ligue para eles, ela pensou. Veja o que acontece.

Chelsea ficava fora da propriedade territorial de Boston.

A polícia de Chelsea não nos contataria se encontrasse um corpo. Talvez eles encontraram um corpo e pensaram que era um incidente isolado.

O jeito mais rápido de chegar aos dados da polícia A15 era através do Capitão O'Malley. Ele poderia ligar para o capitão de outra divisão e pedir qualquer informações de homicídios recentes.

Ah, que bom, ela pensou, não posso ligar para O'Malley.

Ela pegou suas coisas e foi para o carro.

O caminho norte pela Highway 93 foi calmo e solene.

Avery seguia olhando para o céu, e para o banco vazio do passageiro a seu lado com o livro de astrologia. A clara percepção de uma possível conexão—a primeira em muito tempo—se opunha à solidão de sua vida. *Você não pode ficar assim para sempre*, ela pensou. *Você precisa de uma vida de verdade.* A noite de drinks com o A1 veio à sua mente. Fora uma boa noite, e ela esperava ter mais noites como aquela no futuro.

Primeiro o mais importante, pensou.

Chelsea ficava perto do Rio Chelsea, ao norte de Eagle Hill, em Boston. Avery passou pela ponte da Chelsea Street e virou à esquerda. Cisternas e estacionamentos gigantes se distribuíam pela costa. Em seu telefone, carregava as coordenadas exatas de um possível assassinato sagitariano, que a levaram a uma propriedade de área extensa em frente à água. Ela não tinha ideia do que encontrar. A ideia da grande cruz mutável era demais até para ela, mas Avery não podia ignorar a sensação de que era exatamente isso o que o assassino buscava.

Cot's Landing era uma área verde, com um playground para crianças, quadras de basquete e um espaço para caminhar ao lado do rio.

O lugar estava cheio de policiais de Chelsea. Muitos repórteres estavam sendo obrigados a se afastar para deixar que uma ambulância saísse.

O coração disparou. Ela poderia estar certa?

- Saiam aqui! – Um policial gritou.

- Saiam do caminho. *Saiam do caminho.*

- A festa acabou!

Avery estacionou e saiu do carro.

A maioria dos repórteres estava muito ocupada discutindo com a polícia para notar a presença de Avery. Ela tentou se esconder e caminhou de cabeça baixa. Com um empurrão rápido em meio a uma pequena multidão, mostrou seu distintivo e continuou.

- Ei, aquela é Avery Black! – Ela escutou.

- Detetive Black? – Um repórter chamou.

Policiais viraram-se para vê-la passar. Alguns fotografa-la, enquanto outros a olharam como se estivessem imaginando porque ela poderia ter tido acesso ao local.

- Ei, Black! – Alguém chamou. – O que você está fazendo aqui?

Você não é uma tira de *Boston*?

Avery aproximou-se do homem.

- O que aconteceu aqui? – Ela perguntou.

- Uma loucura - ele respondeu. – Uma mulher foi encontrada morta, enterrada com rochas até a cintura e segurando um arco e flecha. Você acredita?

Até a cintura. Arco e flecha.

O símbolo de Sagitário era metade homem, metade cavalo, segurando arco e flecha.

- Vocês sabem quem é ela?

- Ainda não identificamos. É jovem, deve ter vinte e poucos.

- Alguma pista?

- Nada. Achamos que o cara que fez isso desabilitou todas as câmeras da área. Não sabemos como. A mesma coisa com o corpo. Está cheio de rochas e cascalhos aqui. Deve ter levado horas para plantar o corpo. Ninguém viu nada.

- Posso ver o corpo?

- Já levaram - ele disse e apontou para a ambulância. –

Estivemos aqui a manhã inteira. As evidências também já foram retiradas, mas você pode ir até a água se quiser.

Um caminho levava a um pequeno corrimão de metal ao lado do rio.

Avery inclinou-se.

Pequenas rochas haviam sido empilhadas perto do muro como uma barreira para grandes ondas. Grandes pedras podiam ser vistas ao longe dentro da água. Um grande buraco nas pequenas rochas ainda podia ser visto de onde o corpo fora retirado.

Um agente entre as rochas gritou para seu parceiro.

- Devemos fechar isso agora?

- Sim, já terminamos. Deixe isso aí como se estivesse novo.

Eles começaram a encher o buraco de pedras.

- Você precisa de algo? – Um agente perguntou.

O tempo havia parado para Avery. Ela estava em sua própria mente, seu próprio mundo, onde só ela vivia. Havia céu, água e nada mais, apenas ela e o assassino. A primeira carta agora fazia todo sentido. *Como você pode quebrar o ciclo?* Ele estava tentando quebrar o ciclo de sua própria vida. *O primeiro corpo já foi. Mais virão. Mais,* Avery pensou. *Mais quer dizer mais de um. Ele precisa de quatro. Já conseguiu três.*

Ele está fazendo uma Grande Cruz Mutável na vida real.

O segundo pensamento era óbvio. *Aquele cara que tentou me matar não era o assassino. Não pode ser. O assassino estava trabalhando ontem à noite.*

Avery olhou seu relógio.

Três em ponto.

- Com licença? – O agente perguntou novamente. – Posso ajudar?

- Você é um dos detetives desse caso? – Avery disse.

- Sim. Dave Brown. Quem é você?

- Avery Black. Homicídios. A1.

Seus olhos arregalaram-se e ele sorriu.

- Ah, sim - ele disse. – Claro. Percebi que você não era estranha. O que você está fazendo aqui?

- Seu assassinato encaixa com o *modus operandi* de um assassino que eu estou procurando. Entre em contato com meu supervisor de homicídios do A1, Dylan Connelly. Ele tem informações para compartilhar.

Ela saiu.

- Ei - ele chamou. – Onde você vai?

Ela não olhou para trás para responder.
- Pegar aquele filho da puta.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

O'Malley estava revoltado no outro lado da linha.

- O que você quer? – Ele disse.

- Colocamos o cara errado na mira - Avery respondeu, animada e cheia de adrenalina. – Ele é provavelmente um dos caras do Desoto.

- Você me disse isso ontem.

- Há outro corpo - ela acrescentou. – Em Chelsea, do outro lado do rio. Foi colocado ali ontem à noite. Estou aqui agora. Uma mulher enterrada até a cintura. Tinha um arco e flecha nas mãos. Bate com o *modus operandi* do nosso assassino. Sagitário. O terceiro signo. Eu descobri.

- O que você descobriu?

- Ele está tentando criar uma Grande Cruz Mutável, um evento astrológico raro. Quatro planetas formando um quadrado perfeito. Teoricamente cria uma nova era de transformação.

- Grande o que?

- Duas das mulheres que ele matou formavam metade do quadrado. Venemeer tinha uma sombra. Ela foi colocada para parecer o signo de Gêmeos. A outra estava segurando trigo. É um símbolo de Virgem. A mulher aqui em Chelsea foi colocada para parecer uma metade-mulher de Sagitário. Ela tinha até um arco e flecha.

- Você foi ao psicologista como eu falei?

- *Me escute!* – Ela gritou. – Ele tem que matar mais uma. Mais uma morte para completar o quadrado. Hoje é lua nova. Ele precisa de alguém de Peixes.

- Quadrado? Pensei que você tivesse falado em cruz.

- *Droga!* – Avery disse. – *Estou falando sério!* Quero reforço e uma equipe para analisar a área. Eu sei onde ele vai colocar o próximo corpo.

- Você é corajosa, Black. Vou te dar essa chance. Te digo para ficar fora do caso e você trabalha mais ainda. Que porra eu deveria fazer com alguém como você?

- Me dê uma equipe.

- Mesmo se você estiver certa - ele disse, - você pode provar?

- *Outra mulher está morta!* – Ela gritou. – Isso não é prova suficiente? Você quer saber como eu a encontrei? Eu segui os cantos de um quadrado. Todas as mortes estão perfeitamente alinhadas a noventa graus das outras, e as mulheres foram colocadas para parecer signos astrológicos.

O'Malley abaixou a voz.

- Meu Deus - ele sussurrou.

- Você não acredita em mim? – Ela disse. – Você quer mais provas? Tudo bem. Pelo menos me diga o que apareceu nas listas da faculdade. Conseguimos alguma conexão?

- Você tem que falar com o seu novo parceiro—*Thompson*.

- Thompson não está nem aí para esse caso!

O'Malley perdeu a cabeça.

- *Thompson está trabalhando pra cacete para você! Você sabia? Você não é a única tira que trabalha e não é a única que se importa. Você sabe quantos casos eu tenho que supervisionar agora? Tenho três donas de casa mortas em Haynes, uma guerra de gangues prestes a começar no sul, carteis de drogas, crimes sexuais e um casino ilegal no centro. O único caso em que nós temos um suspeito de verdade sob custódia é o seu, e você quer que eu ignore isso completamente?*

A voz dele mudou para um sussurro frio.

- O prefeito acha que você fez um ótimo trabalho. Ele acha que esse caso está resolvido e está falando para todo mundo que foi por sua causa. O que eu devo fazer?

- Diga a ele que nós pegamos o cara errado. Diga que nós vamos pegar o *certo* agora.

- Você quer isso mesmo? – Ele disse. – Me dê algo *sólido*—algo real, Avery. Eu não quero apenas ouvir sobre corpos mortos a noventa graus e que um tinha um arco e flecha. Quero uma conexão, uma conexão sólida que prove que você está certa. Você me dá isso e eu te dou uma equipe.

Ele desligou.

- *Merda!* – Avery gritou e jogou o telefone no chão.

Ela ligou para Thompson em seguida.

- O que você quer? – Ele disse, tão irritado quanto O'Malley.

- Onde você está?

- Sentado na minha mesa vendo as listas da faculdade que você me pediu.

Avery ficou realmente surpresa.

- Sério?

- Sim, *sério*. O que você quer?

- Pensei que você não acreditava em mim.

- Eu *não acredito* em você - ele respondeu. – Você é provavelmente a tira mais teimosa e chata no esquadrão. Você consegue pistas, joga elas fora, encontra mais pistas e joga fora de novo. Você tem pilhas de trabalho na sua mesa e está implorando por mais. Isso é louco demais. Você sabia, certo? Mas você também é uma aberração da natureza - ele disse. – Você vê coisas, coisas que eu não vejo. Estou tentando ver também.

- O que você encontrou?

- Nada - ele disse. – Deve ter uns mil nomes aqui, e nenhum deles bate com nenhum nome das listas das livrarias.

- O que o especialista em caligrafia disse?

- Ele ainda não veio. Teve um caso mais urgente.

- O que pode ser mais importante do que isso?

- Você claramente não leu os jornais hoje. As pessoas acham que esse caso está resolvido. O título é “Assassino da Astrologia preso”. Seja sincera: Você tem *certeza* de que esse não é nosso cara? Ele escreveu uma carta. Tentou te matar.

- Não pode ser ele - Avery disse. – Apareceu outro corpo ontem à noite.

- Como assim?

- Em Chelsea. Uma mulher, colocada na água como as outras. Foi posta para parecer o signo de Sagitário, com um arco e flecha na mão. As outras duas representam Virgem e Gêmeos. Ele está criando um quadrado de corpos, cada um posicionado a noventa graus do outro. Ele já tem três. Precisa de mais um. Vai ser hoje à noite.

- Como você sabe?

- É lua nova. É o auge dessa coisa que ele está tentando criar. A única coisa que não consegui descobrir é como ele está fazendo isso. Como ele entrou no dormitório? Como ele coloca esses corpos sem ninguém ver?

- Talvez ele seja algum tipo de soldado - Thompson disse. – Operações especiais, uma merda assim. Se ele é tão metódico, porque deixou pegadas no primeiro crime? Por que deixou aquelas garotas da Boston University verem o rosto dele?

- Ele está brincando com a gente - Avery disse. – Mas eu sei qual vai ser a próxima jogada dele. Sei exatamente onde ele vai. Você está comigo nessa?

Thompson hesitou.

- O que O'Malley disse?

- Que eu poderia ter uma equipe se encontrasse uma prova. Eu sei o próximo lugar que ele vai. Não é prova suficiente? Ele não vai aceitar, mas isso é algo sólido, Thompson. Estou te dizendo. Vamos pegar ele. Tudo o que nós temos que fazer é aparecer.

- Só nós dois?

- Não - ela disse. – Precisamos de pelo menos mais duas pessoas e um barco. É uma área grande para cobrir. Você acha que consegue um barco?

- Sim - ele disse, - posso conseguir. Você *tem certeza* disso?

Avery olhou para fora da janela aberta de seu carro. As peças estavam se encaixando, cada uma delas, e a única que faltava era o assassino.

- Nunca tive tanta certeza na vida.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Avery encontrou a todos em um pequeno e elegante bar na Medford Street, ao sul do rio Mystic. O lugar era escuro e estava cheio de jovens na moda. Ela sentou em uma mesa com Thompson a sua esquerda, o pequeno e animado Finley à direita e Ramirez, melancólico, a sua frente. Todos eles estavam à paisana e pareciam peixes fora d'água no local alegre.

- Obrigado por vir - Avery disse a Ramirez.

- Como eu poderia dizer não? – Ele encolheu os ombros. – Me colocaram com esse babaca - e apontou para Finley.

- Ah, qual é - Finley reclamou. – Você estragou tudo com a Black. Te deram alguém ainda melhor. Você devia estar extasiado por estar do meu lado.

Avery olhou para Ramirez.

- Desculpe - ela disse. – Por tudo. De verdade.

- Tudo bem - ele murmurou. – Está tudo bem. Vamos deixar tudo para lá.

Avery podia ver que ele não estava bem. Seus olhos mostravam insônia, e suas roupas e personalidade exalavam tédio.

Ele está mal, ela pensou. Eu o machuquei.

- Isso aqui é uma discussão de casal ou uma emboscada? – Finley reclamou.

- Uma emboscada - Avery disse, e olhou para cada um deles de uma vez. – Aqui está o que eu sei: nosso amigo está tentando criar algo chamado de Grande Cruz Mutável, que é um evento da astrologia onde quatro planetas formam um quadrado perfeito. Um terceiro corpo foi encontrado em Chelsea. A localização desse corpo, junto com a da professora e de Venemeer, formam três cantos desse quadrado. O último canto será algum lugar em volta do Ryan's Playground, ao lado da ponte da Alford Street. Hoje é noite de lua nova, que teoricamente é o momento mais poderoso desse alinhamento, então é lá que ele vai estar.

- Nós não vamos tentar fazer com que ele não mate outra mulher? – Ramirez perguntou.

- Como? – Avery disse. – Não sabemos nada dele. Esse cara está um passo a frente da gente o tempo todo. Nossa única chance

é tentar pega-lo agindo.

- *Emboscada*. – Finley bateu palmas com um sorriso ardente no rosto.

- Isso não é brincadeira! – Thompson gritou.

- Ele está certo - Avery disse. – Esse cara não está de brincadeira. É racional pensar que ele conhecia as duas primeiras vítimas, mas o nome dele não está em lugar nenhum. Significa que ele usa vários nomes. Ele também é esperto o suficiente para desabilitar as câmeras—e louco o suficiente para entrar na universidade e tentar raptar *minha filha* em frente a centenas de pessoas. Meu palpite é que ele seja algum tipo de militar. Talvez um agente especial ou soldado da marinha. Alguém que se mistura ao ambiente. Isso significa que ele merece seu respeito, Finley.

- Ok, ok - Finley disse.- Eu entendi.

- Thompson, você conseguiu o barco?

- Sim - ele disse. – Fiz o pedido. Disse que temos que checar a costa por um despejo de corpo. Mas quem vai pilotar? Eu nunca pilotei um barco antes.

- Eu posso - Ramirez disse.

- Ótimo - Avery assentiu.

Ela puxou um mapa.

A folha continha uma impressão de uma imagem de satélite com um quadrado desenhado em cima. As pontas do quadrado estavam em cima de todos os lugares onde os corpos foram encontrados, e apenas um ponto ainda estava vazio.

- Aqui estamos - Avery disse e indicou para um ponto ao sul do quadrado. – Ramirez, você vai pegar o barco e para-lo aqui - e apontou para uma barragem construída a cerca de seiscentos metros a sudeste do ponto da emboscada. – Não queremos assusta-lo. Sem barcos da polícia na área. Vamos ficar em contato no rádio o tempo todo. Finley, você vai ficar em um carro à paisana, estacionado e escondido no terreno ao lado da ponte da Alford Street. Ramirez vai cuidar do sudoeste. Thompson, você consegue atirar com um rifle de longa distância?

- Posso dar um tiro certeiro de trezentos metros - ele disse, confiante. – Se estiver ventando, talvez menos.

- Ótimo - ela disse. – Vou ficar no diamante da quadra de beisebol. Vocês podem ficar mais longe, cerca de duzentos metros —talvez aqui. – Ela apontou. – Pode ser difícil chegar até mim se as coisas derem errado, mas nessa distância, ele nunca vai pensar que temos alguém escondido nos dando cobertura de longe. Para ficar mais seguros, vamos colocar nossas piores roupas, rolar em algum latão de lixo e nos sujarmos. Não quero que esse cara suspeite de nada.

- Por onde você acha que ele vai chegar? – Ramirez perguntou.

- Se fosse eu? – Avery disse. – Pegaria a ponte e examinaria a área no caminho. Se tudo estivesse limpo, estacionaria no terreno onde Finley vai estar e caminhará dali.

- Tem câmeras no terreno?

- Não que eu tenha visto, mas lembre-se, o cara é profissional. Ele faz o dever de casa. Provavelmente examina cada lugar antes de entrar, possivelmente várias vezes. Ele poderia estar na redondeza agora. Tudo o que nós temos é um retrato falado, então estejam prontos para tudo.

- Quanto tempo você acha que isso vai durar? – Finley perguntou.

- Por que? – Avery disse. – Você tem um encontro marcado?

- *É uma emboscada.* – Thompson disse.

- *Só estou pensando!* – Finley gritou.

- Prepare-se para a noite toda - Avery disse. – Os primeiros corpos parecem ter sido colocados por volta das três ou quatro da manhã.

- Quando começamos? – Thompson perguntou.

Avery olhou seu relógio.

Oito em ponto.

- Que tal as onze? – Ela disse. – Assim todos têm tempo para descansar, comer e se preparar.

Todos concordaram.

- Thompson, por que você não vai com Ramirez até o barco para que ele pegue as chaves? Quando terminar, encontre uma roupa de mendigo de algum tipo e me encontre no meu apartamento. Todo mundo precisa de uma roupa assim hoje à noite, e qualquer outra blindagem que tenhamos. Esse cara é muito bom para estragar

tudo. Finley, quando você chegar ao terreno, não deixe ninguém te ver. Aja como um viajante em uma viagem longa que precisou parar em algum lugar para tirar um cochilo. Entendeu? Esse é seu motivo.

- Sim, eu entendi - ele disse.

Ramirez parecia frustrado.

- E se ele não aparecer? – Ele perguntou. – O barco custa dinheiro. Precisamos de rifles e binóculos para todos.

- Se der errado - Avery disse, - eu assumo a culpa. Tudo por minha conta.

- E minha - Thompson disse.

- Você não precisa fazer isso - Avery disse.

- Somos parceiros agora - Thompson disse com um olhar sério. – Certo?

Ramirez balançou a cabeça e desviou o olhar.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Em um brechó próximo a seu apartamento, Avery encontrou um par de calças verdes velhas e largas que eram grandes demais para seu corpo. Ela as comprou, junto com uma camisa jeans enorme, um chapéu cinza e um par de tênis velhos. O vestuário não poderia ser menos atraente, mas era perfeito. Ela se vestiu em casa e começou a caminhar de uma maneira diferente para combinar com sua personagem velha e bêbada.

Ela pegou algo alcoólico de sua prateleira e usou como perfume em seu pescoço e roupas. A arma estava guardada embaixo da camisa. Sua faca no tornozelo, posicionada. Seu telefone estava no silencioso e o walkie-talkie com o som baixo.

No espelho, saindo de casa, Avery não conseguia se reconhecer. O chapéu estava para baixo, o cabelo penteado para os dois lados e as roupas largas demais. *Você parece uma senhora do saco*, ela pensou. *Só precisa de uma carroça agora.*

Avery estava preocupada com Thompson. Ele era tão grande e se destacava tanto com seu cabelo, pele e olhos claros que ela achava que ele poderia ser descoberto como policial imediatamente. Suas preocupações, no entanto, foram deixadas de lado quando ela o viu do lado de fora.

Thompson estava vestindo macacões e tênis sujos e uma camisa azul escura que ficava grande até para ele. A camisa praticamente chegava nos joelhos, mas era o rosto dele que completava o disfarce: ele vestia uma peruca grisalha que fazia com que parecesse ter sessenta anos, um capacete militar velho, e havia feito cicatrizes com maquiagem. Se não fosse por sua mochila para o rifle de longo alcance, ela poderia jurar que ela era apenas um mendigo idoso enorme buscando uma casa.

- Bom trabalho - ela disse.
 - Você também - ele assentiu.
 - O que você vai fazer com esse rifle?
- Ele puxou um saco de lixo verde.
- Vou enrolar aqui.
 - Excelente.
 - Você está de colete? – Ele perguntou.

Avery bateu em seu peito.

- Claro - ela disse. – E você?

Thompson sorriu.

- Nunca saio de casa sem ele.

Às dez e quarenta e cinco, Avery deixou Thompson em um grande terreno na Medford Street para que ele pudesse caminhar, pegar carona ou tropeçar até seu destino final. O carro estava estacionado na West Street, a oeste de Thompson e ao sul de Finley, para que Avery pudesse, também, fazer o resto do trajeto caminhado e tentasse entrar no personagem.

Ela caminhou através da larga e movimentada Alford Street e quase foi atropelada por vários carros. Levantou o dedo do meio para todos. *Acho que assim eu posso*, ela pensou.

A maioria dos policiais odiava emboscadas—esperar por horas em um carro na rua, fingindo ser invisível enquanto tinha apenas comida ruim e café. Avery sempre pensara o contrário. Emboscadas eram momentos em que ela podia pensar e ser alguém diferente e esvaziar sua mente, não apenas para o caso, mas para sua vida.

Ramirez seguia invadindo seus pensamentos.

Ela o imaginou no barco, sozinho, pensando sobre ela e triste por não ter recebido uma tarefa mais próxima. *O que eu poderia fazer?* Ela pensou. *Ele não queria nem ser meu parceiro. Se eu colocasse ele no parque comigo, talvez ele tivesse me odiado também.*

Esqueça ele, ela pensou. *O que você quer?*

Na verdade, ela tinha uma forte conexão física por Ramirez e eles se davam muito bem juntos, mas a ideia de um relacionamento sério ainda era difícil de aceitar.

Por que? Ela pensou. *O que tem de errado com ele?*

Não é ele, ela se deu conta. *É você.*

Na quadra de beisebol do Parque Ryan, ela fez o caminho em direção ao Harborwalk, ao lado do rio. Abaixo da ponte havia uma área escura, antes da água. *Aqui é onde eu colocaria o próximo corpo*, ela pensou. *É escuro e fora do caminho, e uma vez lá embaixo, ninguém vai conseguir vê-lo.*

Avery passou pela cerca, abaixou-se e ficou ali por um tempo, em caso de que alguém estivesse a olhando.

Teatro sempre fora algo que ela amava quando criança. Nas peças da escola, ela conseguia se transformar em uma nova pessoa com uma vida completamente diferente. Por um tempo, ela inclusive pensou em ser atriz. Tudo aquilo desmoronou quando seu pai descobrira sua paixão. “Você quer ser o que?” Ele rira. “Atriz? Você sabe o que essas pessoas são? *Mentirosas*,” ele dissera. “Eles são como o diabo. É isso o que você quer? Ser uma mentirosa? Uma empregada do diabo? Cacete, eu vou te matar antes disso acontecer.” Aquele fora o último dia em que Avery pensara sobre teatro.

Agora, ela sabia que atuar não era mentir. Emoções reais tinham que ser aproveitadas, sentimentos e crenças reais trazidas à superfície. Para fazer um mendigo bêbado, ela tinha que imaginar-se na pior situação de sua vida—sem trabalho, sem casa, sem planos, nada. Não era difícil. Depois de perder seu emprego no escritório de advocacia, ela chegou a pensar em cometer suicídio. Sua vida havia mudado completamente e ela não tinha ideia de como lidar com isso.

Deitada no chão, esperando por qualquer sinal do assassino, ela se deu conta de que seu pai havia lhe dado algo que ela precisa, agora, mais do que nunca: ele a ensinara como atirar e caçar. Veados, lebres e até pássaros atingidos nas árvores foram o jantar deles na maioria das noites. Ele sabia como perseguir e encontrar um animal, e havia ensinado tudo a ela. As instruções haviam sido dadas com uma lista infinita de coisas que ela não poderia fazer por ser uma garota, mas Avery provaria que ele estava errado a cada vez em que o rifle estivera em suas mãos.

O tempo passava devagar em emboscadas.

Os instintos se aguçavam, mas quase não havia movimentos. Sem nada para fazer além de se esconder, olhar e esperar, Avery gastou o tempo olhando os carros e para o céu, buscando as estrelas. A cada hora, sussurrava no walkie-talkie para ouvir notícias de sua equipe.

- Meia noite - ela disse. – Tudo limpo.

Os outros respondiam.

- Tudo limpo.

- Uma hora. Tudo limpo.

- Tudo limpo.

Às três e meia, Finley falou no rádio.

- Tem um carro movendo-se bem devagar na ponte. O cara dentro fica olhando em volta como se estivesse analisando o lugar.

- Fique abaixado - Avery sussurrou em resposta.

- Estou abaixado, cacete - ele reclamou.

Quinze minutos depois, Finley voltou a falar.

- Alarme falso. O cara fez o retorno e voltou pela ponte.

Às quatro e dez, Avery viu uma lancha pequena debaixo da ponte.

- Acordem, acordem - ela chamou. – Todos alerta e de olho. Tem uma lanche embaixo da água. Ramirez, fique pronto.

- Pronto - Ramirez respondeu.

- Alguém consegue ver ele? – Avery disse. – Estou muito perto. Não quero ser pega usando binóculos.

- Consigo ver ele pela lente da arma - Thompson respondeu. – Estou cerca de quinhentos metros a leste da sua posição, debaixo de um banco no Harborwalk. Tenho certeza que ele não consegue me ver. Estou vendo um cara atlético, grande, vestido de jaqueta e jeans. Possivelmente latino. Meia idade. Acabou de levantar e olhar em volta. Agora sentou. Está sentado. Parece estar esperando alguma coisa.

- Ninguém se mexe - Avery disse.

O barco saiu de baixo da ponte. Um rápido barulho de ignição e moveu-se novamente para as sombras, tornando-se difícil de ser visto.

- Preciso de olhos - Avery chamou.

- Nada mudou - Thompson respondeu. – Está sentado lá. Espere. Lá vai ele. Está se mexendo. Tem algo no barco. Acabou de tirar algo. Tem o tamanho de um corpo.

- Todo mundo, *fiquem calmos* - Avery insistiu. – Finley, tire seu carro do terreno. Dirija até a ponte e cubra o lado oeste dela. Ele está em uma lancha sem cobertura. Se ele tentar correr, você acha que pode acertá-lo?

- Com certeza - Finley respondeu.

- Ótimo. Assim que você chegar na ponte, Ramirez pode se mexer. Todo mundo alerta. Esse cara pode estar armado e é

extremamente perigoso. Não façam nada estúpido.

De onde estava, Avery viu o homem no barco mexer em algo no escuro. O objeto foi para o lado do barco.

- Estou em posição - Finley disse.

- Thompson - Avery disse. – Você consegue vê-lo?

- Sim.

- Ramirez, sua vez - ela chamou.

Tudo estava em silêncio, exceto pelos carros na ponte e pelo som da água. Avery se manteve em posição. Ela estava perto o suficiente da ponte para correr se preciso fosse, mas ainda assim, longe o suficiente para ser vista.

O barulho do barco da polícia chegou rápido.

Avery viu o pequeno veículo atravessado o rio. Ramirez apareceu. Ela olhou e escutou quando ele acionou o megafone.

- É a polícia - ele disse. – Fique onde você está.

O homem jogou sua carga na água e abaixou-se para se esconder.

Thompson foi o primeiro a perceber.

- *Ele tem uma arma! Ele está armado!*

Ramirez gritou no megafone.

- Levante para que eu possa te ver. Coloque suas mãos para cima.

O homem levantou do barco com uma arma apontada para Ramirez.

Vários tiros foram disparados. Vidros estilhaçaram-se no pequeno barco da polícia. Ramirez sumiu de vista. A parte lateral do barco estava cheia de balas.

Merda! Avery pensou.

- Finley, não se mova - ela disse. – Fique exatamente onde você está.

Avery viu dois disparos abafados à sua direita: Thompson com seu rifle. Quando ela virou-se de volta para a ponte, viu que o homem no barco havia sido atingido. Com a calma de um soldado treinado, ele simplesmente olhou pela lente de sua arma e abriu fogo novamente.

- *Me acertou! Me acertou!* – Thompson gritou.

O atirador acelerou seu motor e virou o barco para a costa.

- Ele está indo para a praia - Avery gritou. – Finley, vá para lá.
Ela saiu de sua posição e correu para o Harborwalk.
- Thompson, cadê você? – Ela disse no rádio.
- Estou ferido - Thompson respondeu. – Ele acertou o rifle. O cara é bom. Me atirou na cabeça. O capacete me salvou. Estou de pé.
O barco da polícia parecia morto na água.
- Ramirez - Avery chamou. Você me escuta? Você está ferido?
- Estou aqui - ele acenou de sua posição no barco. - Ele acertou o gás ou algo. O barco está parado. Estou tentando descobrir o que aconteceu.

A lancha do atirador saiu do rio e chegou às pedras e à sujeira da costa. A hélice bateu no fundo e fez um barulho alto. O homem saiu e correu para um monte de sujeira, segurando um braço e movendo-se claramente mancando. Avery pode vê-lo claramente.

- *Polícia!* – Ela gritou. – *Não se mexa!*

Finley apareceu exatamente em frente ao caminho do homem.

- *Polícia!* – Ele gritou.

O homem atirou.

Finley escapou de alguns disparos. Os tiros deles pareciam não ter acertado o homem, mas seu próprio corpo foi jogado para trás no fogo cruzado, e ele caiu no chão.

- *Finley!* – Avery gritou.

Ela atirou. O homem tropeçou e se virou para encara-la. Um único tiro da arma dele acertou o dedo de Avery junto à arma e fez com que o objeto escapasse de suas mãos.

- *Ah!* – Ela gritou.

Outro disparo acertou seu peito e ela perdeu o controle dos pés. O colete a salvou, mas a pressão do tiro tirou todo o ar de seus pulmões. Ela puxou ar e enrolou-se como uma bola.

No chão, ela procurou sua equipe. Finley estava caído. Ramirez havia se jogado na água e estava nadando em direção a eles. Thompson estava vindo mancando em direção a ela em uma perna, mas estava muito longe para ajudar.

Todos nós, ela pensou. *Ele derrubou todos nós em segundos.*

Com um rugido falso, Avery alcançou a faca em seu tornozelo. Ela colocou o objeto na palma da mão e rolou. Com outro grito alto, inclinou-se para trás e fingiu apertar o ferimento no peito.

O homem mancou em direção a ela, com a arma apontada para a cabeça de Avery. Quando ele chegou perto, ela pode ver a pequena camada de sangue em seus braços e pernas. Seu peito, no entanto, estava limpo, ainda que fosse possível ver muitos tiros em sua camisa e jaqueta.

Ele está de colete, ela percebeu.

Ele se parecia com o retrato falado. Calvo, pele branca e cabelo grisalho, tinha características estranhas que o faziam parecer latino ou possivelmente alemão, com uma mandíbula enorme e olhos verdes claros. Pelas rugas, ela imaginou que ele tivesse cerca de cinquenta anos.

Ainda que seus movimentos fossem duros e abatidos por tantas lesões, eles também mostravam um homem que havia sido treinado para permanecer vivo a todo custo. Ele fez um pequeno movimento com a cabeça em direção a água, e Avery teve certeza de que ele escutara Ramirez. Com uma rápida olhada pelo caminho na beira do rio, ele certamente vira Thompson.

Naquele instante, Avery fez a cena de sua vida.

- *Agora!* – Ela gritou para ninguém atrás dele.

No mesmo instante, ela rolou para a direita e atirou a faca.

O homem, cansado pela primeira fuga e com medo de ser surpreendido novamente, instantaneamente atirou na cabeça de Avery e virou-se para ver quem ela estava chamando. Como ela estava caindo, a bala apenas passou de raspão no osso ao lado de seu olho esquerdo, ao invés de acertá-la diretamente na testa como o assassino havia planejado.

A mentira de Avery—descoberta tarde demais—o fez virar-se novamente para ela com sua arma apontada na última posição dela.

A faca acertou seu pescoço.

Ele balançou com o choque e tropeçou para trás. Os ferimentos em suas pernas o fizeram dar passos sem segurança e ele levou um segundo para cair e se recuperar.

Avery afastou a mão dele que segurava a arma e o acertou na mandíbula. Sem perder nenhum segundo, ela chutou a virilha, e quando o assassino tentou pegar sua arma novamente, ela cortou o pulso dele. Ouviu-se um barulho. Seu pulso amoleceu e a arma caiu.

O assassino a segurou e jogou-a no chão. Avery sentiu uma costela quebrar com o força do corpo dele em cima dela, no chão. Ele pôs a mão no pescoço dela e tentou asfixia-la. Estranhamente, os olhos dele emanavam apenas amor e preocupação, e o choque daquele olhar intimidante momentaneamente retardou a reação de Avery.

Ela contorceu-se debaixo dele para alcançar a faca, ainda pendurada em seu pescoço. Assim que uma das mãos dela tivesse se soltado, ele a golpeou várias vezes na cabeça com seu outro cotovelo e manteve seu corpo pressionando o dela. Avery viu estrelas. Ela podia sentir-se prestes a desmaiar. Em um último movimento, ela levantou o quadril, conseguiu um pequeno espaço entre eles e se levantou.

Ela sentiu a faca em sua mão.

Ela puxou e sentiu uma rajada de sangue, acertando-o novamente antes do assassino ceder de repente. A pressão saiu do corpo de Avery. Um rugido escapou dos lábios dele. Seus olhos fecharam-se e ele caiu.

Avery caiu no chão ao lado dele, buscando ar.

Ramirez correu, cheio de água e com a arma apontada para o criminoso.

- *Deixe eu ver suas mãos! Deixe eu ver suas mãos!*

Quando percebeu que o homem estava inconsciente, ele checkou os ferimentos e o batimento.

- Avery, você está bem?

Avery assentiu e rolou, com uma expressão de dor.

- Estou bem - ela sussurrou. – E ele?

- Está vivo. Parece que está perdendo sangue bem rápido.

- Finley - ela apontou. – Veja como ele está.

Thompson apareceu falando em seu rádio.

- Agentes feridos - ele chamou. – Agentes feridos. Tenho dois agentes feridos. Suspeito ferido. Precisamos de uma ambulância já.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Duas ambulâncias e muitos policiais chegaram ao mesmo tempo. Avery conseguia falar devagar se regulasse sua respiração. Ela e Ramirez ficaram ao lado de Finley, em silêncio. A situação dele parecia irreversível. Em dado momento, Avery temeu que ele não estivesse mais respirando. Quando os médicos chegaram, trocaram olhares espantados.

Thompson estava ao lado do atirador. Os médicos cuidaram dos ferimentos e mantiveram o suspeito vivo enquanto vários agentes do A15 supervisionavam.

- Precisamos de mergulhadores - Avery instruiu. – Ele largou um saco grande na água, bem embaixo da área da ponte. Pode ser um corpo.

- Vou cuidar disso - um dos policiais confirmou.

- Vamos te escoltar até o hospital - outro disse.

Avery balançou a cabeça.

- Eu acho melhor você ir junto com a ambulância com o assassino - Avery disse. – Ele é perigoso. Meu parceiro e eu vamos escoltar vocês por trás, para caso ele tente algo.

O assassino estava algemado, rodeados por policiais, e deitado inconsciente em uma piscina de seu próprio sangue. Thompson levantou uma sobrancelha.

- Ele precisa de escolta?

Alguma coisa no enorme atirador continuava mantendo Avery alerta.

- Eu enchi ele de balas e ele ainda veio atrás de mim. Nós o surpreendemos e mesmo assim ele quase matou todos nós. Ele pode estar fingindo - ela disse e o olhou, - ou pode se recuperar a qualquer momento. Vamos tratar ele como alguém vivo e extremamente perigoso até que ele esteja atrás das grades.

*

Nada aconteceu na ida até o hospital.

No setor de emergências, os punhos e tornozelos do homem foram acorrentados à cama. Thompson pegou as digitais e seguiu

para o escritório para coloca-las no sistema. Um dos agentes do A15 ficou na sala de emergência enquanto os médicos trabalhavam.

Avery sentou-se na sala de espera do lado de fora do quarto do assassino, pensando em Finley e em seu corajoso—porém estúpido—movimento para protegê-la.

Ela ligou para Ramirez.

- Cadê você? – Ela perguntou.

- Bem embaixo de você. Quarto andar. Muita gente.

- Tão perto e tão longe - Avery disse.

- Como vai nosso suspeito?

- Em cirurgia ainda. Os médicos dizem que ele tem cinquenta por cento de chances.

- E Finley?

- Mesma coisa. Ele não parece bem.

- Você está bem?

- Sim - ela murmurou. – E você?

- Estou aqui... - Uma longa pausa tomou conta da conversa antes que Ramirez continuasse. – Você é incrível, Avery. Sabia? Apesar de tudo o que aconteceu, você conseguiu. Você estava certa sobre esse cara. Todo mundo achou que você estava louca, mas você estava certa. Estou impressionado com você.

O elogio a incomodou.

Ela balançou a cabeça.

- Foi tarde demais - ela disse. – Ele matou a quarta garota.

- Você não sabe.

- Sim - ela disse. – Eu sei.

- Você falou com os mergulhadores?

- Não... Mas eu sei.

Nas primeiras horas da manhã, Avery desceu para ver Ramirez pessoalmente. Ele estava jogado em uma cadeira na sala de espera, com os olhos fechados e a cabeça apoiada nas mãos. Com a chegada dela, ele despertou e sorriu timidamente. Avery ainda estava vestindo seu disfarce de mendigo.

- Bela roupa - ele disse.

Avery sorriu de volta, mas muitas emoções tomaram conta dela por dentro naquele momento. A noite longa, a condição crítica de Finley, e a possibilidade de outra vítima a fez perceber que ela

estava totalmente sozinha e precisava de ajuda: um abraço, um beijo, a sensação dos braços de um homem sobre ela.

Não qualquer braço, ela pensou. Ramirez. Eu quero Ramirez.

Ela se abriu para um abraço.

Como sempre, Ramirez não decepcionou. De pé em um instante, ele permitiu que ela se entregasse em seus braços.

*

Às oito da manhã, uma ligação do A15 confirmou que um corpo havia sido jogado no rio, uma garota com cargas e alguns peixes ligados ao corpo. Avery silenciosamente lamentou por uma vítima que ela não pode salvar.

De repente, um dos médicos apareceu.

- Seu prisioneiro deve ter algum passado - ele disse. – Tem cicatrizes por todo o corpo: tiros, facadas, queimaduras, de tudo. Parece que ele esteve em uma guerra. Eu só vi algo assim com veteranos de guerra. Ele é soldado?

- Não sabemos - Avery respondeu.

- Ele é durão. Levou seis tiros, duas facadas, perdeu quase todo o sangue e ainda está vivo.

- Posso falar com ele? – Ela perguntou.

- Isso que é estranho - o médico disse. – Ele está acordado agora. Estivemos em cirurgia por quase três horas. Ele recebeu anestesia suficiente para derrubar um elefante, mas está acordado. Olhando para o teto, mas consciente e com sinais vitais fortes.

- Ele disse algo?

- Nada.

- Posso falar com ele?

O médico levantou as sobrancelhas.

- Você pode tentar.

Avery levantou-se e seguiu para o quarto.

Dentro do quarto de recuperação, um agente do A15 estava praticamente dormindo em pé.

- Me dê um minuto - Avery disse.

- Obrigado - ele murmurou e saiu.

O homem estava deitado na cama do hospital, coberto até o tronco. Muitos ferimentos de bala haviam sido tratados. Havia sangue em volta de alguns deles. Seu pescoço também tinha um curativo. Seus olhos estavam fechados, mas ele parecia respirar normalmente.

- Você está acordado? – Avery perguntou.

- Sim - ele sussurrou.

- Quem é você?

Nenhuma resposta foi dada.

- De onde você é?

- De muitos lugares diferentes - ele disse.

O sotaque era de estrangeiro.

- Quando você veio para Boston pela primeira vez?

- Quinze anos atrás - ele respondeu.

- Você matou Henrietta Venemeer?

Sem resposta.

- Você matou Catherine Williams? E a garota na praia? E a garota no rio? Você matou todas elas? Você já matou outras pessoas?

Silêncio.

- Onde você mora? – Ela perguntou. – O que você faz?

O bipe do monitor cardíaco foi a única resposta.

Avery balançou a cabeça. Ele provavelmente havia estado acordado a noite inteira se preparando para o assassinato. *Deixe-o sozinho*, ela pensou. *Ele está acabado hoje. Pegue ele quando ele estiver bem.*

- Você foi atrás da minha filha - ela disse. – Por que?

Ele sorriu.

- Ela é bonita - sussurrou. – Não faz meu tipo, mas é bonita.

- Por que você fez tudo isso? – Ela perguntou. – Para que?

Ele não respondeu a nenhuma pergunta.

Avery segurou nas barras da cama e chegou mais perto.

- Você está acabado - ela disse. – Você atirou em um tira. Jogou um corpo no rio. Você vai ficar preso pelo resto da sua vida, ou morto, ou pior.

Ele sorriu e seus olhos brilharam, quase como se estivesse ansioso por aquilo. Ela podia ver o brilho nos olhos dele, e isso a

amedrontou. Penetrou a alma. Era mais um olhar, ela sabia, que iria fazer parte de seus pesadelos.

- Mas eu sempre serei uma parte de você - ele disse. – Quando você fechar os olhos, vai me ver. E isso é o suficiente para mim.

Ele sorriu ainda mais, com os olhos brilhando.

Ao ver aquele olhar, aquela expressão, ela soube que o diabo existia. Com certeza existia, como uma força lateral no mundo. E isso, mais do que qualquer coisa, a aterrorizava.

Ela teve que desviar o olhar. Sabia que se ficasse ali por mais um minuto, o estrangularia.

Virou-se e saiu do quarto, com o som de seus sapatos ecoando no corredor. Havia outros monstros lá, ela lembrou-se. Ela não podia perder mais tempo com aquele.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

A volta para casa foi cheia de arrependimentos.

Se eu tivesse atirado para matar, Avery pensou, poderia ter salvo Finley. Se eu tivesse descoberto o nome e o endereço dele mais cedo, poderia ter salvo a última garota.

Não importava quantas vezes ela pensasse na noite—o barco vindo, os ângulos dos tiros—tudo já havia passado. Tudo havia saído como deveria sair, Avery pensou. Mas ela não conseguia aceitar isso.

Ela ligou para Thompson.

- O que nós temos? – Ela perguntou. – Quem é ele? De onde é? Por que ele fez isso?

A resposta foi um grande silêncio, seguido por um suspiro.

- O nome dele é Samuel Juanez. Trabalhou na livraria anos atrás. Não tem registros. Nenhuma mancha. Todo mundo que conhecia ele diz que era o funcionário mais amigável que conheceram. Nunca teve problemas com ninguém.

Avery respirou e absorveu as informações. Era muito. Como poderia ser possível?

- Nenhum sinal? – Ela perguntou.

Silêncio.

- Nada.

Ela se irritou. Não era justo. Como a natureza humana poderia perfeitamente disfarçar um monstro assim? O que isso poderia significar sobre todas as outras pessoas normais em volta dela?

De alguma maneira, seria melhor se houvesse sinais. *Quaisquer sinais.*

A normalidade de tudo aquilo foi o que mais a aterrorizou.

- Deixe para lá - ele disse. – Você fez um bom trabalho. Pegou ele. Você definiu um plano e juntou uma equipe para pegar o filho da puta responsável por matar quatro mulheres na sua área. Você estava certa. Descanse um pouco e siga em frente.

Como eu posso seguir em frente? Ela lamentou.

A escuridão e injustiça de tudo aquilo a irritavam. Eles haviam encontrado um assassino em massa, mas não tinham uma explicação sequer.

Ele estava prestes a desligar.

- Thompson? – Ela chamou.

- Sim?

- Obrigado por hoje. Você deu tudo de si. Nunca vou esquecer disso.

- Você deu tudo de si - Thompson disse. – Não vou esquecer isso também.

Com raiva, mas sem ter como elimina-la, Avery imaginou-se em um lugar vazio, escuro e desconhecido.

Você não está sozinha, ela pensou, pelo menos não agora. Deixe acontecer...

Como? Ela se perguntou.

Ela pensou em uma vida com Ramirez, de carona no barco dele, rindo com ele na sombra e permitindo-se finalmente se apaixonar.

Você não pode controlar o que acontece no trabalho, ela começou a entender. Outra pessoa está no comando disso. Mas você pode controlar o que acontece na sua vida. Você pode consertar seu relacionamento com Rose e dizer a Ramirez o que você realmente sente. Pare de perder seu precioso tempo com o trabalho e com coisas que você não pode controlar, e faça algo para sua vida e pelas coisas que você pode controlar.

Ela ligou para Sullivan.

- Você ainda está trabalhando? – Ela perguntou.

- Sim - ele disse. – Estou do lado de fora do abrigo.

- Você pode deixar a Rose sair - Avery disse. – Se você não se importar, por favor leve ela de volta para a universidade e a acompanhe até o dormitório. Diga que eu vou até lá depois. O pai dela provavelmente está ficando louco. Peça para ela ligar para ele.

- Vou fazer isso - ele disse. – Soube que você pegou o cara.

Quem é ele?

- Eu queria saber - ela disse e desligou. – Eu queria saber.

EPÍLOGO

Duas semanas depois, Avery voltou ao hospital com flores para Finley. Ele não era ele mesmo. Estava sentado na cama, com os ânimos acalmados. Cumprimentou-a sem animação, com um pequeno aceno, e virou-se.

- Como você está? – Ela perguntou.

- Mal - ele disse.

Avery havia escutado isso do médico. A coluna dele estava ferida; caminhar seria difícil, e ele levaria um tiro no pulmão. Talvez nunca pudesse correr ou respirar normalmente de novo. Tudo dependeria de sua força de vontade e do tratamento, mas os sinais eram esses: se ele desistisse e não fizesse exatamente o que os médicos pedissem, manter sua posição como agente de um dos mais prestigiados departamentos de Boston seria difícil.

- Você vai estar de volta logo, logo - Ela afirmou para ele.

- Como você sabe? – Ele perguntou.

- Você era um cara de gangues, certo?

- Talvez eu ainda seja - ele murmurou.

- Você passou por dificuldades quando decidiu ser tira, certo?

Mas você conseguiu mesmo assim. Você lutou contra tudo o que sabia e contra seus amigos para fazer o que você acreditava que era certo. Precisou ser corajoso. Essa mesma coragem vai fazer você se levantar logo, logo. Eu sei.

Ele desviou o olhar.

- Eu queria ter esse mesmo entusiasmo - murmurou.

- Eu te trouxe flores.

- Que porra eu vou fazer com todas essas flores? – Ele reclamou e olhou em volta do quarto, cheio de rosas e girassóis.

Avery inclinou-se para perto da cama com um olhar levado.

- Eu também trouxe um garrafa de whisky - ela sussurrou.

Os olhos de Finley iluminaram-se.

- Sério?

Avery puxou uma garrafa de baixo de sua jaqueta e colocou na cama.

- Você vai ficar aqui um tempo, certo? Você é um tira que vive bebendo. Quer motivação melhor para levantar e fazer sua

fisioterapia do que um líquido assim?

Ele deixou seus sentimentos transparecerem.

- Obrigado, Black. Eu agradeço, mesmo.

- Você desviou os tiros de mim - ela disse. – Aquilo foi muito corajoso.

- Muito *estúpido* - ele disse e balançou a cabeça. – Eu sempre fui assim. Ajo primeiro e penso depois. Estúpido pra caralho. Minha mãe sempre disse que algo desse tipo iria acontecer se eu não me acalmasse e pensasse antes de agir.

Avery ficou com ele por um tempo. Eles quase não falaram. Finley não queria se entreter e Avery não queria aborrecê-lo.

- Me conte - ele disse de repente. – Algo novo sobre o canalha?

- Eu e Thompson passamos por todos os lugares onde ele teoricamente trabalhou ou teve aulas. Eles o conheciam. Todo mundo o conhecia. Dizem que ele era muito gentil. Fala tranquila, gente boa. Ninguém nunca discutiu com ele. Me fez pensar em todas aquelas pessoas que você encontra e que parecem felizes por fora, mas por dentro são tristes, e você nunca sabe disso até que elas se suicidem ou peçam divórcio. Ele provavelmente guardava muita raiva e ninguém sabia, e ele colocou tudo para fora com os assassinatos.

Finley balançou a cabeça.

- Loucos da porra.

*

No A1, Avery caminhou pelo primeiro andar e foi até os escritórios ao fundo. Uma rápida olhada no relógio a revelou a hora: uma em ponto. *Pontual como sempre*, ela pensou.

Sloane Miller estava empolgada para vê-la.

- Olá - ela disse. – Entre.

Avery sentou-se no sofá e tomou um gole de café.

- Como você está? – Avery perguntou.

- Estou bem - Sloane respondeu. – E você?

- Não sei - ela disse. – É como nós falamos semana passada. Tudo está indo bem. Vou almoçar com Rose hoje. O caso está

fechado, um novo acabou de ser aberto, mas me sinto um pouco ansiosa e triste.

- Isso é normal - Sloane respondeu.

- E então?

- Bem, você acabou de terminar um capítulo importante da sua vida. Você vai entrar em um novo capítulo. Ao mesmo tempo que isso é bom para virar a página, às vezes você precisa lamentar o passado, e chorar pela pessoa que era *naquele momento*. É geralmente um processo lento. Leva tempo.

- Sim - Avery disse. – É assim que eu me sinto. Quero chorar o tempo todo.

- Chorar é bom - ela respondeu. – Joga as coisas para fora. Nos permite virar a página.

Avery assentiu.

- Bom - ela disse. – É bom saber.

Elas ficaram quietas. Avery podia ouvir o ponteiro do relógio. Sloane tinha as mãos em seu colo, esperando pacientemente para que Avery falasse. Quando o silêncio já reinava por mais de cinco minutos, a psiquiatra limpou a garganta.

- Há algo específico que você queira trabalhar hoje? – Ela perguntou. – É bom estar focada e usar o tempo que temos para mirar em áreas problemáticas. Uma analogia que eu gosto de usar: nós abrimos uma caixa aqui, e depois, quando eu não estou por perto, você mexe na caixa o quanto quiser, e pelo menos você sabe o que precisa ser visto. O que precisa ser visto, Avery?

Ramirez foi o primeiro pensamento que veio à mente.

- Relacionamentos - ela disse. – Sou terrível com relacionamentos. Eu estrago todos eles.

- Por que você faz isso?

- Eles nunca parecem tão importantes quanto o trabalho.

- Talvez eles não sejam.

- Como assim?

- Talvez você precise de alguém que te deixe ser o que você é. Alguém que não se importe se você está sempre trabalhando. Alguém que te ame pelo que você é.

O pensamento não pareceu muito certo para Avery.

- Não - ela disse. – Eu sou egoísta. Eu sei disso. Passei minha vida inteira fugindo do meu passado para chegar a algum lugar mágico onde eu me sentisse bem. Primeiro era na advocacia. Depois na polícia. É hora de parar de correr e começar a criar alguma raiz. Para isso acontecer, eu sei que preciso abrir mãos de algumas coisas. Estou *pronta* para abrir mão.

- Então talvez você não tenha encontrado a pessoa em quem você está disposta a investir, alguém que faça você *querer* diminuir as horas no trabalho ou qualquer coisa que você esteja disposta a abrir mão. Alguém por quem você *queira* mudar.

Avery a olhou.

- Sim - ela disse. – Acho que é isso.

- Tem alguém em que você está pensando? – Sloane perguntou.

Avery sorriu. Ela abaixou a cabeça e ficou vermelha.

- Talvez.

Avery imaginou Ramirez sentado em seu barco ou sozinho em casa. Ela não estava certa sobre onde ele poderia estar ou o que ele diria, mas estava determinada a revelar seus sentimentos.

- Tem alguém que eu preciso ver - ela disse.

No caminho de saída do escritório, Avery estava animada e assustada ao mesmo tempo. Sua hora tinha chegado para Ramirez.

Mas primeiro era tempo para sua filha.

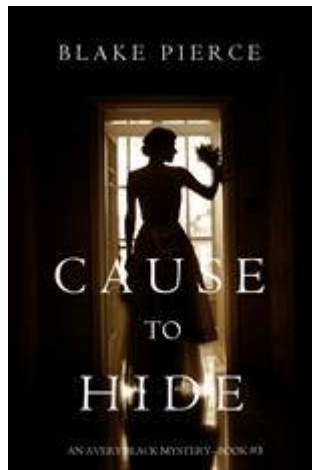
Ela ligou para Rose.

- Nosso almoço ainda está de pé? – Ela perguntou.

- Estou ansiosa por isso - Rose disse. – Nosso lugar de sempre?

Avery deu um grande sorriso, sentindo a chance de reconstruir sua vida novamente.

- Nosso lugar de sempre.



RAZÃO PARA SE ESCONDER
(Um mistério de Avery Black – Livro 3)

“Uma história dinâmica que prende a atenção desde o primeiro capítulo e não te solta mais”

--Midwest Book Review, Diane Donovan (sobre Once Gone)

Do autor de suspenses número 1, Blake Pierce, a nova obra-prima do suspense psicológico: RAZÃO PARA SE ESCONDER (Um mistério de Avery Black – Livro 3).

Corpos estão sendo encontrados nos arredores de Boston, com os cadáveres sendo queimados antes de serem reconhecidos. A polícia percebe que há um novo assassino em série à solta nas ruas. Quando a mídia descobre e a pressão aumenta, a Polícia de Boston procura a detetive de homicídios mais brilhante—e controversa: Avery Black.

Avery, ainda tentando juntar os cacos de sua própria vida—seu relacionamento com Ramirez e reconciliação com Rose—de repente encontra-se colocada no caso mais desafiador de sua carreira. Com poucas evidências para seguir, ela precisa entrar na mente de um assassino psicopata, tentando entender a obsessão dele por fogo, e quais pistas sua personalidade oferece. Seu caminho a leva aos

piores bairros de Boston, a confrontos com os piores psicopatas—e finalmente, a uma reviravolta que ela nunca poderia imaginar.

Em um jogo psicológico de gato e rato, uma corrida frenética contra o tempo, Avery é levada às profundezas do labirinto da mente de um assassino, e a lugares sombrios que ela nunca desejara ver.

Uma história psicológica obscura com um suspense perturbador, RAZÃO PARA SE ESCONDER é o livro 3 de uma nova série fascinante e de uma nova personagem amada, que o farão ler páginas e páginas noite adentro.

O livro 4 da série Avery Black estará disponível em breve.

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com lados psicológicos tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. A história é muito interessante e vai lhe entreter durante todo o livro. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre Once Gone)



RAZÃO PARA SE ESCONDER
(Um mistério de Avery Black – Livro 3)

Blake Pierce

Blake Pierce é autor do bestseller RILEY PAGE, série de mistérios, que inclui os suspenses SEM PISTAS. Blake Pierce também é o autor das séries de mistérios MACKENZIE WHITE e AVERY BLACK.

ANTES QUE ELE MATE, livro nº1 da série de enigmas Mackenzie White, está disponível no [Amazon!](#)

SEM PISTAS (livro nº 1), que tem mais de 100 avaliações com cinco estrelas, está disponível como um [download gratuito no Amazon!](#)

Um leitor ávido e fã de longa data dos gêneros de mistério e suspense, Blake ama ouvir opiniões. Então, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e manter-se em contato.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE MISTÉRIOS RILEY PAGE

SEM PISTAS (Livro 1)
ACORRENTADAS (Livro 2)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)
MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)